



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**RITA THAINÁ CORREIA DA CUNHA**

**A EDUCAÇÃO TECIDA PELOS FIOS DA “CASA DA  
MEMÓRIA”: SABERES E DIZERES NA REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE  
DO NORTE (1938-2016)**

**NATAL - RN  
2020**

**RITA THAINÁ CORREIA DA CUNHA**

**A EDUCAÇÃO TECIDA PELOS FIOS DA “CASA DA  
MEMÓRIA”: SABERES E DIZERES NA REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE  
DO NORTE (1938-2016)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN) como requisito para obtenção do título de mestre em Educação.

**Linha de Pesquisa:** Educação, Fundamentos Sociohistóricos e Filosóficos

**Orientação:** Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior

**NATAL - RN  
2020**

**RITA THAINÁ CORREIA DA CUNHA**

**A EDUCAÇÃO TECIDA PELOS FIOS DA “CASA DA  
MEMÓRIA”: SABERES E DIZERES NA REVISTA DO  
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE  
DO NORTE (1938-2016)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEd/UFRN**  
**Orientador**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Engler Cury**  
**Universidade Federal da Paraíba – PPGH/UFPB**  
**Examinadora Externa**

---

**Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGH/UFRN**  
**Examinador Interno**

---

**Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira**  
**Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG**  
**Suplente Externo**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto**  
**Universidade Do Rio Grande do Norte – DPEC/UFRN**  
**Suplente Interno**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Central Zila Mamede

Cunha, Rita Thainá Correia da.

A educação tecida pelos fios da "Casa da Memória": saberes e dizeres na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (1938-2016) / Rita Thainá Correia da Cunha. - 2021.

161f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Natal, 2021.

Orientador: Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior.

1. Autores - Dissertação. 2. História da Educação - Dissertação. 3. IHGRN - Dissertação. 4. Impresso - Dissertação. 5. Revista. I. Soares Júnior, Azemar dos Santos. II. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 37

## Agradecimentos

---

Foi um longo caminho percorrido até a finalização deste trabalho, que não seria possível sem a ajuda e compreensão de tantas pessoas importantes no decorrer dessa trajetória.

Agradeço a Deus por todas as vezes que, somente a oração foi capaz de me acalmar e me fazer ter esperança em dias melhores, independentemente de tudo.

Aos meus pais, *Maria Ozanira* e *Gabriel Azevedo*, e ao meu irmão, *Hudson Thiago*, pelo apoio incondicional em todos os minutos ao longo desses dois anos de pesquisa e escrita.

Aos meus amigos, especialmente, *Lídia Aguiar*, *Isabel Cavalcanti*, *Clara Maria* e *Gabriel Barreto* que estiveram ao meu lado desde a aprovação até a chegada ao final do curso, comemorando, me aconselhando e ouvindo os meus áudios de longos minutos que eu costumo gravar.

Aos amigos que a Pós-Graduação me deu: *Iury Gabriel*, *Vitória Diniz*, *Louise Carla*, *Laelson Vicente* e *Yuri Silva* por, além de compartilhar o orientador, dividirem o turbilhão de sentimentos e estarem presentes em todos os perrengues de disciplinas, artigos e trabalhos. Conseguimos, amigos!

Aos professores que compõem a banca examinadora e que aceitaram ler meu trabalho: a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> *Cláudia Engler Cury* e o Prof. Dr. *Raimundo Nonato Araújo da Rocha*, obrigada por todas considerações e análises.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que me permitiu desenvolver a pesquisa.

Por fim, uma das pessoas mais importantes nesse processo, meu orientador, o Prof. Dr. *Azemar dos Santos Soares Júnior*, que, mais do que me orientar durante esses dois anos, foi um braço amigo nas inúmeras dificuldades encontradas ao longo do caminho; com sua compreensão incomparável e crença em minha capacidade me fez chegar até o final com a cabeça erguida. Que minhas palavras de gratidão preencham seu coração e que a licença poética me permita dizer: *Meus companheiros amados / não vos espero nem chamo: / porque vou para outros lados. / Mas é certo que vos amo (Recado aos Amigos Distantes de Cecília Meireles).*

## Resumo

---

Esta dissertação tem por objetivo analisar os artigos sobre educação presentes na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), assim como apresentar esse material como fonte para as pesquisas na área da educação. O IHGRN, fundado em 1902, é a entidade cultural mais antiga do estado do Rio Grande do Norte e mostra-se aberto para novas pesquisas, sendo seu acervo, especificamente sua Revista, um material de valor considerável para os pesquisadores da área da educação ainda pouco utilizado. Os primeiros artigos publicados sobre o tema em questão remetem ao ano de 1938, marco temporal inicial dessa pesquisa, e se estende até 2016. As fontes utilizadas para a realização desse trabalho foram as Revistas do IHGRN, desde o ano de fundação até 2016, disponibilizadas no site da Instituição, de forma digital, em parceria com o Laboratório de Imagens - Digitalização de Documentos Históricos (LABIM/UFRN). Essas revistas foram catalogadas através do *método histórico*, proposto por Michel de Certeau (2006), que visa compreender o lugar de produção do material manipulado pelo historiador. Assim, todos os artigos analisados foram inseridos em seus contextos de produção com a finalidade de compreender os motivos intrínsecos à produção historiográfica do IHGRN com relação a História da Educação, como também foram analisados os sócios autores dos textos publicados. Ainda na graduação, me dispus a pesquisar sobre os professores vinculados ao IHGRN, chegando à conclusão que, desde a fundação do Instituto, profissionais inseridos no âmbito educacional figuraram entre os sócios efetivos. Problematizei o fato de não existir artigos sobre educação na Revista, apesar de, no quadro de sócios, muitos professores estarem presentes. Essa problematização deu origem a pesquisa aqui realizada, que abarca conceitos como *autores*, proposto por Roger Chartier (2014), e *modo de endereçamento*, proposto por Elizabeth Ellsworth (2001), conduzindo à compreensão da discussão acerca dos sócios autores dos textos publicados, assim como o modo que o IHGRN apresentou, direcionou e representou o tema *educação* ao seu público leitor ao longo dos anos através de determinadas características. Compreendo ainda, que a *educação*, como proposta por José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler (2008), está envolvida em tramas de poder e interesses ao longo de todos os períodos históricos, sendo ela uma importante ferramenta para constituição do projeto político de construção da identidade nacional e regional.

**Palavras-chave:** Autores. História da Educação. IHGRN. Impresso. Revista.

## Abstract

---

This dissertation aims to analyze the articles on education present in the *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* (Historical and Geographical Institute of Rio Grande do Norte's Journal), as well as to present this material as a source for research in the area of education. The Institute, founded in 1902, is the oldest cultural entity in the state of Rio Grande do Norte, it is open to new research, its collection, and more specifically, its journal being a material of considerable value for researchers in the field of education but still rarely used. The first articles published on the subject in question refer to the year 1938, the initial time frame of this research, and extends to 2016. The sources used to carry out this research work were the Institute's Journals, from the year of foundation till 2016, available on the Institution's website, in digital format, in partnership with the Laboratório de Imagens - Digitalização de Documentos Históricos (Image Laboratory - Scanning of Historical Documents). These journals were cataloged through the *historical method*, proposed by Michel de Certeau (2006), which aims to understand the place of production of the material manipulated by the historian. This way, all the analyzed articles were inserted in their production contexts in order to understand the reasons behind the Institute's historiographical production in relation to the History of Education, the authors behind the published articles were also analyzed. Still in graduation, I began to research about the professors linked to Institute, reaching the conclusion that, since the foundation of the Institute, professionals in the educational field have been among the effective members. I questioned the fact that there are no articles on education in the journals, despite the fact that many professors are present in the membership. This problematization started the research made here, which involves concepts such as *authors*, proposed by Roger Chartier (2014), and *mode of address*, proposed by Elizabeth Ellsworth (2001), leading to the understanding of the discussion about the partners behind the published articles, as well as the way that the Institute presented, directed and represented the theme of education to its reading public over the years through certain characteristics. I also understand that the education, as proposed by José Gonçalves Gondra and Alessandra Schueler (2008), is involved in the plots of power and interests throughout all historical periods, being an important tool for the constitution of the political project of construction of the national and regional identity.

Keywords: Authors. History of Education. IHGRN. Printed Matter. Journal.

## Lista de quadros

---

<b>Quadro I</b> – Artigos sobre o tema Educação publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte .....	16
<b>Quadro II</b> – Sócios fundadores do IHGRN presentes no dia da instalação (1902) .....	25
<b>Quadro III</b> – Sócios fundadores ausentes, mas citados na ata de instalação (1902) ....	26
<b>Quadro IV</b> – Sócios e colaboradores, envolvidos com o setor educacional, recordados na sessão necrológica da Revista do IHGRN (1905 -1986) .....	29
<b>Quadro V</b> – Os autores e o exercício de suas funções (1938 -2016) .....	37
<b>Quadro VI</b> – Divisão do texto de Adauto Câmara por capítulos .....	93
<b>Quadro VII</b> – Professores homenageados nas Revistas do IHGRN (1948-2015).....	134

## Lista de Imagens

---

<b>Imagem I</b> – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1938 – 1940 .....	43
<b>Imagem II</b> – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1965 – 1966 .....	44
<b>Imagem III</b> – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1979 – 1980 .....	45
<b>Imagem IV</b> – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1994 – 1996, edição comemorativa .....	46
<b>Imagem V</b> – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 2016 .....	47
<b>Imagem VI</b> – Página do artigo de Ulisses de Gois na Revista do IHGRN .....	63
<b>Imagem VII</b> – Artigo de Itamar de Souza na Revista do IHGRN .....	87

# Sumário

---

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
Diálogos sobre impressos, autores e modos de endereçamento.....	7
Sobre as formas de fazer.....	13
<b>CAPÍTULO I – ENTRE AS PAREDES DO IHGRN INTERPRETA-SE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
1.1 E eis que nasceu a história potiguar.....	21
1.2 A educação entre autores, artigos e sujeitos.....	24
1.3 A materialidade do escrito: a Revista do IHGRN.....	39
<b>CAPÍTULO II - HISTÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO NA REVISTA DO IHGRN...50</b>	
2.1 Entre reformas e leis: o ensino norte-rio-grandense.....	52
2.2 Entre textos e pesquisas: um resumo da educação no Rio Grande do Norte.....	62
2.3 Entre memórias e escritos: as reminiscências de um passado escolar .....	92
<b>CAPÍTULO III – HISTÓRIAS DE PROFESSORES NA REVISTA DO IHGRN.102</b>	
3.1 A figura docente, entre linhas e memórias.....	104
3.2 Raimundo Nonato e a escrita biográfica.....	119
3.3 A vocação docente, a Instituição e os ditos professores ilustres.....	129
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>

# Introdução

---

“Agradeço muito ao Instituto; e nada mais digo, porque o Instituto bem sabe, que eu sou todo d’ele” - Dom Pedro II (1889).<sup>1</sup>

Durante o século XIX, houve no Brasil uma busca incessante pela constituição de uma identidade nacional, devido a necessidade de preservação dos ideais monárquicos frente às repúblicas americanas instauradas ao longo desse século. Dom Pedro II, cuja representação foi construída em torno da ideia de que teria sido um grande admirador das *letras*, era visto como homem possível, capaz de trazer a civilização aos trópicos e nos livrar dessa anarquia que assolava o continente (Cf.: SCHWARCZ, 1998). Nesse contexto, diversas instituições que tinham como objetivo contribuir com a formação de uma possível identidade, bem como com a produção de uma História Nacional, foram criadas em todo o Brasil. A exemplo disso, temos o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), fundado em 1838, que nasceu com a finalidade de “[...] construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos” (SCHWARCZ, 1993, p. 99).

O IHGB recebeu, durante longos anos, incentivo moral e financeiro de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, que costumava participar assiduamente das reuniões do Instituto e demonstrava tamanho carinho por esse lugar (Cf.: SCHWARCZ, 1998). Suas participações e incentivos ficaram marcados nas atas de reuniões e nos discursos realizados em eventos do Instituto; como as palavras fraternas que posso apresentar na epígrafe desse capítulo, proferidas em sua última participação no IHGB, em 1889. Ainda assim, a pretensão de construção de uma história nacional não era tarefa fácil para os homens que ali se propuseram a pesquisar e acarretaria alguns desafios, dentre esses a participação dos estados na construção dessa grande história. O IHGB lançou base para a fundação de vários Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo Brasil, que também se detiveram na missão de guardar, catalogar e apresentar os documentos locais, mantendo suas especificidades regionais dentro desse projeto mais amplo. Houve, portanto, uma quebra na concepção de uma história homogênea e única para o Brasil,

---

<sup>1</sup> Cf.: SCHWARCZ (1993).

tendo em vista que muitos IHGs possuíam seus próprios interesses e buscavam apresentar suas pesquisas locais de acordo com suas perspectivas, visando a ocupação dos espaços na escrita histórica e geográfica.

Nesse sentido, nasceu o *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, fundado já no período republicano, em março de 1902. Tinha como missão, guardar a documentação referente ao Rio Grande do Norte. Tal finalidade está contida no artigo primeiro do estatuto da própria casa da memória:

[...] o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte tem por fim colligir, methodizar, archivar e publicar os documentos e as tradições, que lhe for possível obter, pertencentes á história, geographia, archeologia e ethnographia, principalmente do Estado, e a língua de seus indígenas, desde a epocha do descobrimento do Brasil (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 9).

Assim como o IHGB, o IHGRN também possuía a função de arquivar documentos importantes para a construção da História. Além disso, surgiu com a função particular de recolher documentos sobre a questão de limites entre o Rio Grande do Norte e o Ceará, tendo em vista que esses documentos se achavam espalhados pelo Brasil, devido à falta, nesse período, de um arquivo público no estado potiguar capaz de resguardar e organizar a documentação. O Rio Grande do Norte e o Ceará possuíam uma área contestada, próxima ao que hoje é reconhecido como o município de Mossoró, e brigavam judicialmente pela resolução desse conflito. O historiador Bruno Balbino Aires da Costa (2017), discorre sobre a função do IHGRN em recolher e divulgar os documentos referentes à questão de limites, atentando para a finalidade desse empreendimento. Ele afirmou que o Rio Grande do Norte possuía uma certa desvantagem com relação ao Ceará, pois não possuía nenhuma instituição que tivesse coletado e armazenado uma documentação que servisse de base para a defesa de seu território frente a justiça. Por esse motivo, a criação de uma instituição capaz de reunir e arquivar essa documentação era de grande importância; sem contar que com a formação do Instituto, o Rio Grande do Norte, finalmente, contribuía na construção de uma historiografia sólida sobre sua região.

Vale salientar que a formação do IHGRN, assim como a do IHGB, se deu por meio de um grupo seletivo de homens da elite norte-rio-grandense, sujeitos pertencentes ao funcionalismo público, bacharéis em direito e intelectuais da região que, em suas reuniões dentro do Instituto, deram um passo inicial para a construção da história do estado. Reunidos no salão em que funcionava a *Biblioteca Estadual*, no *Atheneu Norte Rio-*

*Grandense*<sup>2</sup>, estavam aqueles que iniciariam, o que mais tarde viria a ser chamado por Câmara Cascudo, a “nossa casa da memória”, os doutores Alberto Maranhão, Olympio Manuel dos Santos Vital, Francisco de Salles Meira e Sá, Vicente Simões Pereira de Lemos, Francisco Carlos Pinheiro da Camara, Francisco Pinto de Abreu, Luiz Manuel Fernandes Sobrinho, Manuel Dantas e Thomaz Landim, os Coronéis Pedro Soares e Joaquim Manuel Teixeira de Moura e o cidadão Veríssimo de Toledo<sup>3</sup> (Cf. REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 6). A denominação “doutores”, assim como “coronéis”, foi explicitada por Bruno Costa (2017) em seu trabalho:

A diferença entre os doutores e os coronéis/capitães residia na formação intelectual. Enquanto, os primeiros eram majoritariamente bacharéis em direito, os segundos não possuíam nenhuma formação em educação superior. Todavia, alguns pontos eram comuns aos dois grupos. Os doutores e os coronéis/capitães do IHGRN estavam associados, diretamente, aos quadros da política e da burocracia estadual. Eram desembargadores, juízes de direito, deputados, senadores, chefes do poder executivo municipal e estadual. Estes grupos compunham a elite econômica e política do Rio Grande do Norte, no início do século XX. (COSTA, 2017, p. 228).

Desse modo, observa-se que, inicialmente, os caminhos da História do Rio Grande do Norte foram construídos e adaptados por homens de uma elite local, cujo interesse estava voltado especialmente para questões de cunho político. O *cidadão* Veríssimo de Toledo, também citado na publicação da ata de inauguração do Instituto, foi denominado desse modo por não possuir, nesse período, nenhum título acadêmico e nenhuma participação na carreira militar.

O IHGRN funcionou em vários estabelecimentos na cidade do Natal, até possuir sua sede própria, no ano de 1938. O prédio, que até hoje abriga o Instituto, foi erguido em 1906 com a finalidade de acolher o *Tribunal de Justiça* do Rio Grande do Norte. Entretanto, foi adaptado para receber o IHGRN e entregue no ano de 1938, com auditório, biblioteca, sala da presidência, secretaria e um espaço para o arquivo. Desde então, todas

---

<sup>2</sup> O *Colégio Atheneu Norte-Riograndense* foi fundado em 3 de fevereiro de 1834 pelo presidente da província do Rio Grande do Norte, Basílio Quaresma Torreão. Hoje é considerada umas das escolas mais antigas de todo o Brasil, com mais de 180 anos de funcionamento. A escola teve em seu corpo docente inúmeros personagens importantes para a história do Rio Grande do Norte, como por exemplo Luís da Câmara Cascudo e Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Para mais informações ver: *Construtores da ágora soberana potiguar: múltiplas memórias* (LIMA; BARROS, 2014).

<sup>3</sup> Esses sujeitos pertenciam à elite política e econômica potiguar. Eram considerados homens das letras e aptos para exercerem funções dentro do IHGRN. De acordo com o Estatuto do Instituto, disposto na primeira edição do periódico (1903), em seu capítulo 3, considera-se justa a participação do sujeito, enquanto sócio, aquele que possuía, no mínimo, vinte e um anos de idade e for considerado cidadão de merecimento das letras, indústrias, ciências e artes. Sabe-se, também, que a profissão do sujeito e os títulos eram levados em consideração quando apresentada a proposta para sócio.

as atividades do Instituto foram realizadas nesse ambiente, espaço de memória e canteiro para o semear de novas histórias do Rio Grande do Norte. É importante destacar que, o IHGRN, assim como outros IHGs do Brasil, é fruto da iniciativa privada e presta um serviço público à população, oferecendo seu acervo para pesquisa e visitação.

Para manter-se em dia com suas atividades, o IHGRN expusera em seu primeiro estatuto, no capítulo IX (correspondente as finanças e patrimônios do Instituto), a receita condizente a ajuda concedida pelos poderes público, pelo pagamento feito por sócios efetivos e correspondentes, pela ajuda de outras entidades, bem como pela venda avulsa e assinatura da *Revista do Instituto*. Essa revista, criada em 1903, esclareceu em seu primeiro número, em uma apresentação sem autor identificado, os motivos que levaram à criação do IHGRN e apontou os principais assuntos que seriam abordados em suas páginas. Ressaltou que, seriam discutidos os assuntos

[...] referente á geographia e historia do nosso Estado e em geral do Brasil pudermos obter nas pesquisas que o Instituto fizer para o conhecimento da nossa vida, desde o tempo da conquista, e também o que possível fôr conseguirmos da existencia selvagem dos primeiros povoadores — essas pobres hordas primitivas que as armas e a astúcia dos brancos despojaram (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 5-6).

Desse modo, a revista confirmou a influência recebida pelo IHGB e seu projeto de construção de uma identidade nacional, abordando assuntos como a questão indígena e a definição de limites geográficos para compor o território local e delinear os contornos físicos da Nação. O IHGRN tornou-se um forte objeto de estudos nas mãos de diversos historiadores<sup>4</sup>, que tentaram traçar um pouco da história do Rio Grande do Norte através da trajetória da instituição, dos seus sujeitos ou das páginas de seu impresso. Nas mãos que escrevem esse trabalho, a *Revista do Instituto*, especificamente, tornou-se um material de grande valor, capaz de alicerçar uma pesquisa vinculada a área da educação, como também, de forma mais particular, trazer sentido a própria vida da autora enquanto pesquisadora, no momento em que me possibilitou o estudo de teóricos que viriam a ser fonte de conhecimento para a realização da minha pesquisa. Roger Chartier e Michel de Certeau, especialmente, tornaram-se “amigos” durante as horas de pesquisa e contribuíram com boa parte das conclusões a que cheguei ao longo dos meses laboriosos.

---

<sup>4</sup> Destacamos os trabalhos: *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: uma visão historiográfica entre 1914 e 1947* (AZEVEDO, 2005); *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte entre 1902 e 1907*, (MENEZES, 1997); *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – história e acervo*, (MORAIS; OLIVEIRA, 2005).

Durante o final da minha graduação em História, me propus a analisar as revistas do IHGRN em busca de artigos sobre a educação no Rio Grande do Norte, bem como investigar a concepção de educação tratada dentro do IHGRN no período de 1903 a 1960 (desde a criação da Revista até próximo ao período da ditadura civil-militar brasileira, que, ao meu ver, muda a concepção de educação em todo o país). Vejo o IHGRN como uma entidade cultural de grande valor histórico para o estado do Rio Grande do Norte e para a história nacional, tendo em vista as muitas pesquisas realizadas ao longo dos anos que contribuíram com o nosso pensamento acerca do “o que é o Rio Grande do Norte?”. Esse carinho particular pela instituição foi somado ao amor que desenvolvi, durante a minha licenciatura, pela educação enquanto formadora de cidadãos. Compreendo que o IHGB, desde sua fundação, como mostra Cézár de Alencar Arnaut de Toledo e Juscelino Pereira Neto (2010), no artigo intitulado *Os Jesuítas e a Educação no Programa da Revista do Instituto Históricas e Geográfico Brasileiro (1839)*, demonstrou a relevância da educação – especialmente a educação jesuítica – como meio para a civilização do Brasil, apontando, assim, a importância da educação como fomentadora de mudanças sociais. Observo, especificamente, a educação escolarizada, que visa transformar o indivíduo para o desempenho da cidadania através de ações, práticas e princípios desenvolvidos dentro das escolas e instituições de ensino. Por tal motivo, me propus a pesquisar como essa educação foi apresentada dentro do IHGRN, através dos artigos publicados em sua revista, tendo em vista a semelhança entre essas duas instituições. Entretanto, na busca por textos semelhantes na Revista do IHGRN, encontrei poucos artigos sobre o tema durante o período citado anteriormente e muitos sujeitos, sócios do Instituto, vinculados a educação de alguma forma – sejam como professores formados para a sala de aula, sejam como profissionais de outras áreas que desempenharam papéis importantes dentro das instituições escolares do Rio Grande do Norte.

Tal descoberta, me levou a questionar o porquê desses sujeitos vinculados ao âmbito educacional não escreveram sobre educação na Revista do Instituto, sabendo que a proposta dos *Institutos Históricas e Geográficos no Brasil* era a construção de uma identidade nacional/regional e que a educação poderia ser grande aliada nesse projeto. Assim, construí esse trabalho, inicialmente, através dessa inquietação, que me levou para outros horizontes de possibilidades de pesquisas e que solidificou a realização completa dessa dissertação. Essa pesquisa se posiciona no campo da História da Educação devido a necessidade de entender como historicamente esse periódico passou a discutir dentre tantos temas, a educação potiguar. Assim, se justifica a inserção no *Programa de Pós-*

*Graduação em Educação* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especificamente na linha de pesquisa *Educação, Estudos Sóciohistóricos e Filosóficos*, onde pude compreender as práticas educativas em diversas manifestações. Para tanto, busquei perceber a *Revista do Instituto* como documento para a área da educação e iniciei a minha pesquisa nesse campo, visando enriquecê-lo com as conclusões que aqui encontrei. Acredito que o IHGRN, assim como sua revista, sejam objetos de grande valor dentro das pesquisas em educação, mas são pouco utilizados para essa finalidade. Pretendo sanar um pouco desse vazio com a realização dessa pesquisa e, talvez, incentivar outros pesquisadores na utilização do Instituto e de seus materiais dentro do campo da Educação.

Arlete Farge (2009) esclareceu que ao trabalhar com as fontes (no caso dela, especificamente, os arquivos judiciais), as respostas às perguntas não serão dadas imediatamente. O historiador precisa mergulhar nesse arquivo e questioná-los corretamente para que, desse modo, possa obter de forma satisfatória – ou não – seu resultado. Arlete Farge (2009) apontou também a importância de compreender os silêncios e saber problematizá-los. Foi assim, que com a emoção necessária para decifrar o emaranhado de questões que surgiam durante a pesquisa e já relatados anteriormente, nasceu esse trabalho com o objetivo geral de analisar a concepção de educação adotada pelo IHGRN através da análise dos artigos publicados em sua Revista; tendo em vista que tal impresso recebia respaldo do Instituto para sua publicação e, desse modo, estava em conformidade com as ideias estabelecidas e dialogadas por seus sócios dentro de suas salas e auditório.

Nessa dissertação, os artigos sobre educação foram divididos em duas categorias. A primeira corresponde a todos os artigos que tratam sobre o tema “educação”, abrangendo memórias escolares, instituições de ensino e exposições de reformas e decretos que possibilitaram o desenvolvimento dessa educação escolarizada ao longo dos anos, publicados na Revista até o presente momento (Quinze artigos foram publicados no período que vai de 1938 a 2016) e a segunda corresponde aos artigos publicados em forma de homenagem aos professores, descrevendo suas vidas e exaltando seus trabalhos enquanto docentes (Onze artigos sobre o assunto foram publicados no recorte temporal que vai de 1948 a 2015). Dessa forma, justifico o recorte temporal de 1938 a 2016, pois referem-se aos anos em que foram publicados o primeiro e último artigo sobre o assunto pesquisado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. No decorrer dessa dissertação, trarei mais informações sobre as edições analisadas durante a

pesquisa, assim como mais detalhes acerca desses artigos sobre educação (ano de publicação, contexto, temas abordados e divididos por categorias para uma melhor compreensão, autor do artigo, entre outras especificidades).

Ainda sobre os objetivos desse trabalho, analiso as Revistas do IHGRN com a finalidade de apresentar os artigos sobre educação encontrados nas publicações desse impresso para compreender como esse tema foi tratado pelos sócios do IHGRN, e conseqüentemente pelo próprio Instituto, ao longo dos anos, bem como examino os artigos referentes as biografias de professores que também foram ali publicados. Desse modo, visei construir uma discussão referente ao modo como a Revista do Instituto e seus sujeitos enxergavam a educação e apresentava tal temática ao público, fazendo circular ideias sobre o assunto e delineando as concepções de educação nos períodos apresentados. Ressalto a importância da realização de tal estudo, tendo em vista que ao conhecer e divulgar a concepção educacional do Instituto através de suas revistas, haverá a contribuição com a construção da História Local, enriquecendo o campo da História da Educação e adentrando a história nacional, tencionando o objetivo inicial de qualquer IHG.

### **Diálogos sobre impressos, autores e modos de endereçamento**

Para orientar tal discussão, tomo como base os conceitos de *autores*, *educação*, *modo de endereçamento* e *representação*, primeiramente dialogando com os autores Roger Chartier (2002, 2014), Elizabeth Ellsworth (2001), José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler (2008). Esses autores ofereceram subsídios para delinear os caminhos dessa pesquisa, visando analisar os autores que publicavam nesse impresso; a própria revista como objeto desse estudo; assim como, também, contribuíram para minha compreensão na forma como a Revista do IHGRN apresenta a educação para seu público leitor. Ofereceram, ainda uma base para analisar o público visado para recepção de tais ideias vinculadas pela Revista do IHGRN, assim como a contribuição de tais impressos para a produção e circulação do saber (especialmente nesse caso, sobre a educação); sabendo que as ideias concebidas dentro do IHGRN transitavam em grupos de intelectuais em todo o Rio Grande do Norte e no Brasil através da circulação de seu impresso, dialogando com outros IHGs e ampliando, dessa forma, o espaço de discussão das concepções acerca da educação.

Inicialmente, foi necessário compreender os sujeitos que escreviam e assinavam os textos publicados na Revista sobre o assunto “educação” como *autores*, diferenciando-os da categoria de *escritores*. Como bem afirmou Roger Chartier (1999), em sua conversação com Jean Lebrun, no livro *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*, o autor seria aquele que oferece sua identidade ao texto e o escritor seria, somente, aquele que escreve algo. Chartier (1999) recordou, em diversas línguas, a necessidade da significação dessa palavra:

O inglês evidencia bem esta noção e distingue o writer, aquele que escreveu alguma coisa, e o author, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto. O que se pode encontrar no francês antigo quando, em um Dictionnaire como o Furetière, em 1690, distingue-se entre os “écrivains” e os “auteurs”. *O escritor (écrivain) é aquele que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, enquanto o autor (auteur) é também qualificado como aquele que publicou obras impressas* (CHARTIER, 1999, p. 32. Grifo meu).

Dessa forma, noto a importância da publicação de algo impresso para viabilização da categoria *autor*. Mas preciso apresentar, ao meu público leitor, o olhar de outro estudioso do assunto para uma melhor compreensão de tal afirmação dentro desse trabalho.

Michel Foucault (2006) afirmou que, na Idade Moderna, recebia o nome de autor aquele que, ao expor suas ideias, corria o risco de ser censurado ou perseguido pela ortodoxia religiosa. Portanto, o autor surgia quando este poderia ser julgado e precisava ser descoberto para realização de tal fim. Entretanto, Chartier (1999) afirmou, que não é a perseguição que dá o nome ao sujeito de autor, mas sim a impressão de seus inscritos e circulação de suas ideias. O impresso precede o reconhecimento individual do sujeito, fazendo com que ele, imediatamente, torne-se autor de seus textos. Assim, ao trabalhar com as revistas do IHGRN, sendo esse um material impresso e de circulação de ideias, opto por trazer à tona a concepção de autor descrita por Roger Chartier (1999) e observar os sujeitos que publicaram nessas revistas como autores.

Ao estabelecer o que são os autores na visão de Roger Chartier (1999), compreendo que esses pensam em controlar a produção de sentido fazendo com que os seus textos sejam compreendidos de forma única e sem nenhuma variação possível. Sei que os autores vinculados ao IHGRN tinham em suas mãos um dever de construir a história local, enriquecendo desse modo a história nacional, e divulgar as ideias e concepções adotadas pelo Instituto de forma a ser apreendida pelo público sem qualquer

erro, devido estarem vinculados, inicialmente, à esse projeto de construção da História. Observo que

[...] o escrito está mesmo instalado no coração da cultura dos analfabetos, presentes nos rituais, nos espaços públicos, nos espaços de trabalho. Graças à palavra que o decifra, graças à imagem que o desdobra, ele se torna acessível mesmo àqueles que são incapazes de ler, ou que dele não podem ter, por si sós, nada mais que uma compreensão rudimentar” (CHARTIER, 1999, p. 24).

Por esse motivo, mesmo aquelas pessoas que não possuíam condições para adquirir a Revista com seus inúmeros artigos sobre a História do Rio Grande do Norte, podiam vivenciar diariamente essa história sendo construída aos poucos, fazendo parte de suas vidas, moldando seus gestos e pensamentos com relação ao seu estado. Não seria diferente com os escritos referentes a educação publicados na RIHGRN. Esses divulgavam o pensamento de uma instituição que tinha o respaldo do poder público, contribuía com a construção do pensamento acerca da educação no RN e essa por sua vez contribuía com a formação do cidadão norte-rio-grandense.

É importante ressaltar também, que por estarem vinculados ao IHGRN, os autores dos artigos publicados na Revista do Instituto encontravam-se em uma situação de dependência. Essa situação não permitia que tais autores fossem completamente livres em seus modos de escrita, por estarem submetidos às determinações de uma instituição maior – O IHGRN. Chartier (1999), também ofereceu uma base para compreender esses autores imersos em situações de dependência e repressão com relação ao meio em que produzem seus escritos, durante séculos, ressaltando a necessidade da investigação do impresso como material produzido em seu tempo, analisando a sua intencionalidade; tendo em vista que tudo que é escrito é direcionado para algo/alguém com alguma finalidade explícita ou implícita. Portanto, ao ler os artigos presentes da *Revista*, é importante ter em mente tal situação que implica diretamente na forma de produção do texto.

A forma de endereçamento entrou nesse debate exatamente no momento em que precisei constituir o público visado pelo IHGRN. Elizabeth Ellsworth (2001), em seu texto *Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*, apresentou uma noção de endereçamento presente no cinema, que também está presente nas cartas, nos livros, nos comerciais de televisão e nas revistas (meu objeto de estudo), de que tudo aquilo que produzimos é direcionado *para* alguém. Elizabeth Ellsworth (2001) questionou, ao trabalhar com o material cinematográfico, aquilo que deveria ser a

pergunta central de qualquer estudioso de mídias que circulam saberes e ideias: “quem este filme pensa que você é?”. Aqui, ao refletir sobre a concepção de educação presente na Revista do IHGRN, questioneei da seguinte maneira: Quem a Revista do IHGRN pensa que você é? Desse modo, busquei identificar o público real e imaginado pelo Instituto; imaginado pois, o público real, muitas vezes, não corresponde com as idealizações que fazemos dele.

O modo de endereçamento não é algo visível, não está dito e escrito nas páginas de toda revista, mas está presente na sua estruturação e na sua relação com o público idealizado. Desse modo, Ellesworth (2001) recordou, dentro de sua realidade, que para que um filme funcione é necessário que o público construa uma relação particular com o enredo e o sistema de imagens do filme. Ora, se penso com relação as revistas dos Institutos Históricos e Geográficos no Brasil, que faziam circular ideias acerca da História, fomentando discussões sobre nosso reconhecimento enquanto brasileiros, descubro que essas revistas são apenas um elemento para construção de um plano maior, a construção do Brasil enquanto Nação e de uma identidade totalmente brasileira. Ou seja, para que esse plano se concretizasse de forma satisfatória, seria preciso que as pessoas se identificassem com ele e aceitassem a missão de construir esse Brasil. As revistas dos Institutos, portanto, também foram um meio para a realização desse plano e trouxeram consigo, durante muito tempo, o objetivo específico de circular ideias que contribuíssem com ele, sem perder, é claro, seu caráter regional e suas questões específicas referentes as suas localidades, ressaltando, por exemplo, as questões de limites abordadas nos primeiros anos da Revista do IHGRN; contribuindo, assim, com a delimitação dos contornos nacionais, como, também, com a própria História do Rio Grande do Norte.

A Revista do IHGRN expressou, inicialmente, seus objetivos de forma estruturada, organizada nas suas sessões ao longo de suas páginas divididas em artigos sobre a História do RN, biografias, necrologias e atas das reuniões do Instituto. Entre um ou outro artigo que foge desse padrão (ou até mesmo publicações inteiras sobre assuntos específicos, como é o caso da revista referente ao ano de 1922, volume XIX, que contém todas as páginas dedicadas ao centenário da Independência do Brasil) a Revista do IHGRN apresentou seus objetivos com relação a exaltação do Rio Grande do Norte e de seus heróis, seus indígenas romantizados, suas questões políticas e sociais que foram o centro de discussões, em todo o Brasil, nos primeiros anos das suas publicações. Desse modo, o primeiro público visado pelo Instituto seria aquele que fosse capaz de contribuir com a construção da História Local, inserindo-a na História Nacional por meio de suas

discussões em grupos e suas próprias relações pessoais, como os sócios de outros IHGs, intelectuais, a elite em geral, entre outros grupos que contribuíssem politicamente e financeiramente com seus objetivos. Falo em *primeiro público*, tendo em vista que no decorrer dos anos e diante das mudanças ocorridas na sociedade, os objetivos do IHGRN foram mudando e se adaptando às necessidades aparentes. Porém saliento que, a Revista do IHGRN não pretendia ser direcionada para a grande massa e posso observar isso analisando sua própria estrutura, diagramação e design, que não foram pensadas para atrair o maior número de pessoas possíveis, mas sim para atrair um público específico que se interesse pelos assuntos em questão<sup>5</sup>.

A importância do endereçamento da Revista é tão grande, que Ellesworth (2001) mostrou que a estrutura do material é capaz de influenciar, controlar, mudar opiniões, e desse modo alcançar seus objetivos de forma quase invisível. Por esse motivo as revistas dos IHGs tornaram-se excelentes materiais de estudo/pesquisa para alcançar as ideias dessas instituições acerca da História do Brasil e de suas regiões e que foram repassadas para seu público. Assim, o público visado e imaginado pelo IHGRN acabou sendo influenciado por suas ideias e agindo conforme seus pensamentos. Os autores ao direcionarem seus textos para pessoas dispostas a aceitarem a missão de construção da identidade regional/nacional, direcionavam o olhar desses sujeitos para suas ideias acerca do assunto e construía o pensamento geral que circundava o IHGRN. Logo, identificar a concepção de educação adotada por essa instituição é, também, identificar as ideias que circulavam em um determinado período e em um determinado grupo sobre esse assunto. É delimitar onde a educação se localizava dentro desse plano de construção da Nação e identidade brasileira.

Na medida em que havia a circulação do impresso, havia também a *circulação/produção de ideias e saberes*. Esse conceito foi, também, trabalhado pelo autor Roger Chartier (1999), quando esse já afirmava que a função autor existe em virtude da circulação de seus escritos. O modo de produzir e de fazer circular as ideias sobre determinados assuntos e em determinados períodos forja o leitor. Uma obra produzida e divulgada no século XX, quando lida, atualmente, no século XXI, terá uma outra forma

---

<sup>5</sup> Nos últimos anos, cresceu um movimento dentro do próprio Instituto e de sua direção, visando modificar a forma de produção da revista para que essa fosse mais atraente às pessoas em geral. Em uma visita recente, feita no dia 24 de Abril de 2019, ao IHGRN, o diretor da biblioteca, arquivo e museu, André Felipe P. F. de M. e Menezes, relatou que há uma busca por incentivo público, para que os municípios do Rio Grande do Norte adquiram as revistas e coloquem à disposição dos alunos em suas escolas. Por esse motivo, as últimas edições da revista, estão sendo pensadas de forma a atrair esse público maior, com artigos mais acessíveis e um *design* mais convidativo à leitura.

de recepção. Desse modo, tornou-se importante observar o texto em seu contexto, a instituição a qual o autor está vinculado, bem como o suporte que carrega o texto até o leitor, pois esse suporte garante a leitura e entendimento das ideias expostas. Nesse trabalho, analisei as Revistas do IHGRN como o suporte necessário para a circulação de ideias acerca do assunto “educação”, buscando compreender como esse pensamento era produzido e divulgado dentro do IHGRN.

Posso encontrar diversas discussões na obra de Roger Chartier (1998, 1999, 2003) acerca dos impressos, pois o autor é cercado pela concepção de que “[...] a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesmo ou com os outros”. (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 8) e por esse motivo dedicou-se ao estudo dos textos e de seus modos de circulação e recepção, assim como os diversos modos de leituras ao longo dos anos. Roger Chartier (2002) ressaltou que o modo como se lê um texto está diretamente ligado ao modo como o texto é apresentado, dessa forma o autor afirmou que o material impresso impõe ao leitor

[...] sua forma, sua estrutura, seus espaços. Ele não pressupõe, de forma alguma, a participação material, física, de quem o lê. Se o leitor pretende, todavia, inscrever sua presença no objeto, somente pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente os espaços do livro abandonados pela composição tipográfica: interiores da encadernação, folhas em branco, margens do texto, etc (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 31).

A revista impressa do IHGRN, enquanto objeto de circulação de saber, não permitia ao público a co-criação de um texto, mas, sim, direcionava sua leitura à um determinado entendimento. Não havia espaço, além de um pequeno vazio em suas margens, para que o leitor inserisse o contorno desejado ao texto. Ele foi apresentado finalizado, pronto para a leitura do público. Assim, observo que a revista do IHGRN pretendia produzir e circular ideias sobre a educação, levando em consideração o plano maior de constituição de uma identidade nacional, para um determinado público e com objetivos específicos. Cabe ao longo dessa pesquisa analisar esses objetivos, esse público e a concepção de educação que era reproduzida nas páginas do impresso do Instituto.

Amparada pelas ideias de José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler (2008), compreendo que a *educação* está envolvida por tramas de poder e interesse ao longo de todos os períodos históricos, sendo ela uma importante ferramenta para constituição do projeto político de construção da identidade nacional nos séculos XIX e XX. Tal projeto foi incentivado ao longo de todo Segundo Reinado (1840-1889) e manifestado no

[...] incentivo às instituições educacionais, culturais e científicas e no mecenato às artes e à produção cultural – ações que visavam promover um corpo de especialistas produtores de conhecimento científico, os quais colaborariam para difundir a língua pátria, constituir a literatura nacional e conhecer a natureza, o território e a população do Império (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 28).

Concebo o espaço do IHGRN, assim como o IHGB, como um espaço de constituição da pesquisa histórica regional e nacional e compreendo a Revista do Instituto como um espaço de disputa, onde sujeitos específicos moldaram concepções acerca da educação e fizeram circular suas ideias através da impressão do periódico.

Como ressaltado por José Gondra e Alessandra Schueler (2008), o Brasil enquanto nação se construiu através de aparatos científicos, educacionais e jurídicos, respaldados por instituições como o IHGB, o *Colégio Dom Pedro II* e a *Faculdade de Direito* de Recife e de São Paulo, respectivamente. O IHGRN, sendo influenciado diretamente pelo IHGB, serviu como campo para discussões acerca da história e geografia, disseminando suas pesquisas em forma de artigos publicados em sua revista, mas sempre preservando sua especificidade regional. Seus sócios pesquisadores em muito contribuíram com as mudanças teóricas em torno de diversas temáticas ao longo dos anos. Aqui, concebo o espaço da revista, também, como campo propício para o desenvolvimento de práticas educativas, tendo em vista que

[...] a ação educativa se processa nas escolas, colégios, educandários, asilos, academias, faculdades e outras formas escolares, mas também nos espaços privados, familiares, nos jogos, clubes, teatros, nas leituras comuns, conversas, nas festas leigas e religiosas, procissões, danças, tabernas, ruas, imprensa e outros espaços sociais (GONDRA; SCHUELER, 2008, p. 290).

É importante analisar não somente o espaço físico do Instituto, mas também o seu espaço abstrato, espaço de sociabilidade e socialização de ideias discutidas por seus membros, sujeitos pertencentes a uma elite local que, durante anos, direcionaram o olhar do Rio Grande do Norte para a pesquisa, para a educação, para a cultura.

### **Sobre as formas de fazer**

Para responder as questões levantadas ao longo desta introdução e no decorrer da pesquisa em si, utilizei a metodologia de *análise documental*, especificamente a *operação historiográfica*, proposta por Michel de Certeau (2006), que visa examinar rigorosamente

o material em questão, nesse caso, as revistas do IHGRN e seus artigos sobre educação. Michel de Certeau (2006) buscou compreender a profissão do historiador dando ênfase no modo como esse produz a história, ressaltando a importância do *lugar*, das *práticas* e da *escrita*:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática” (CERTEAU, 2006, p. 66).

Desse modo, concebo essa pesquisa nas formas sugeridas por Michel de Certeau (2006), apresentando o IHGRN como lugar de produção da pesquisa, onde as práticas realizadas pelos sócios do Instituto, em suas pesquisas e estudos, afetam diretamente a escrita dos artigos publicados da Revista. A História produzida pelo IHGRN levou em consideração esses três elementos e, portanto, podem ser considerada produto de uma operação historiográfica.

Tomando por base os conceitos levantados anteriormente, busco compreender, enquanto profissional da história, o lugar de produção dos textos, os autores dos escritos, o produto que se delineiam através da prática da pesquisa e as formas adotadas pelo IHGRN para apresentação da educação no seu impresso. As Revistas do IHGRN foram, portanto, excelentes materiais que forneceram informações sobre o contexto em que foram produzidas e estavam, conseqüentemente, inseridas. Elas apresentaram informações sobre os membros do Instituto, sobre os artigos, sobre as concepções de história repassadas no decorrer dos anos, além de toda a sua materialidade que pode ser devidamente analisada, fornecendo informações importantes sobre seu uso e fins destinados. Por isso, o material foi considerado de grande valor documental e tomado como fonte e objeto nessa pesquisa, sendo capaz de responder as questões aqui levantadas.

Inicialmente, foram observadas as revistas do IHGRN em sua totalidade, desde o dia da primeira publicação até hoje, em um processo de avaliação e preparação da documentação para a futura análise. Consegui distinguir duas categorias de artigos sobre educação dentro das revistas e que foram analisados detalhadamente e de forma linear ao longo desse trabalho: os artigos que buscavam discutir a educação de modo geral, aspectos sobre a educação no Rio Grande do Norte e funcionamento de escolas; e os artigos que retrataram a vida de sujeitos que participaram ativamente do âmbito

educacional ao longo de suas vidas. Esses artigos foram lidos, relidos, catalogados e inseridos em determinadas tipologias ao longo da pesquisa, visando elucidar a questão principal que norteia esse trabalho, a saber: Qual a concepção de educação adotada pelo IHGRN ao longo dos anos? Além de esclarecer outras questões que apareceram durante esse estudo.

Nesse processo de busca pela concepção que a Revista apresenta sobre educação, Roger Chartier (2002), também, trouxe contribuições para o meu *modo de fazer*, ao oferecer o conceito de *representação*. Aqui nesse trabalho, busco compreender como em determinado espaço (IHGRN) uma realidade social foi apresentada (educação), levando em consideração tal realidade como uma representação de seu meio. Embora busque uma universalidade, as concepções sobre educação abordadas na Revista são parte de ideias forjadas por um grupo de sujeitos vinculados ao IHGRN que lutavam, constantemente, pela legitimação de sua escrita historiográfica frente aos outros institutos e demais instituições culturais que viabilizavam a construção da história. Desse modo, entendo que

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Assim, com a contribuição oferecida pela operação historiográfica, consigo compreender os lugares, as práticas e as escritas como elementos que constroem essa representação do social, nesse caso a educação escolarizada, do ponto de vista do IHGRN e de seus sócios diretamente influenciados por suas formas de produção histórica.

Sabe-se que, conjuntamente a análise documental, a utilização de outras técnicas se faz necessária para que possa realizar a pesquisa de forma mais eficaz e, embora saiba das limitações que o método possui, busquei a exploração de novas informações para que os dados obtidos nessa pesquisa pudessem contribuir substancialmente com um resultado completo e idôneo para o uso da comunidade acadêmica.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos que visam analisar/apresentar a Revista do IHGRN como objeto de estudo para o campo da Educação, tendo em vista seus sujeitos, artigos e objetivos específicos encaminhados para a sociedade norte-rio-

grandense. Foram analisadas todas as revistas disponíveis na página do IHGRN, na sessão *repositório*, que vai do ano de 1903 até 2016, salvo algumas exceções<sup>6</sup>; essas revistas foram digitalizadas em parceria com o Laboratório de Imagens - Digitalização de Documentos Históricas (LABIM/UFRN). O IHGRN encontra-se, atualmente, indisponível para realização de pesquisas em seu prédio em virtude da organização de seu acervo e por esse motivo somente foram analisados o material digitalizado e disponibilizado no site do Instituto<sup>7</sup>. Organizei no quadro abaixo os textos, ano de publicação e autores que foram problematizados ao longo da dissertação:

**Quadro I – Artigos sobre o tema Educação publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**

<b>Ano</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Autor</b>
<b>1938 – 1940</b>	A Cadeira de Gramática Latina da Villa do Príncipe	José Augusto
<b>1948 – 1950</b>	Amaro Cavalcanti (traços biográficos)	Nestor Lima
<b>1954</b>	Ateneu Norte Rio-Grandense (Reminiscências. 1909 - 1916).	Adauto da Câmara
<b>1959</b>	Tavares de Lyra e a Reforma do Ensino Público	José Augusto
<b>1960</b>	O Ensino no Rio Grande do Norte.	Antônio Fagundes
<b>1960</b>	Conde de Afonso Celso.	João Vicente
<b>1961</b>	O Colégio Santo Antônio (reminiscências).	Antônio Fagundes
<b>1961</b>	Ensino Comercial de Natal.	Ulisses de Gois
<b>1961</b>	A Música e a Escola Natalense	Américo de O. Costa
<b>1961</b>	50 anos da Liga do Ensino.	Américo de O. Costa
<b>1962 – 1963</b>	Instrução Pública em Martins	M. Jácome de Lima
<b>1973 – 1975</b>	Síntese Histórica da Educação no Rio Grande do Norte	Tarcísio Medeiros
<b>1976 – 1977</b>	Professor Luiz Antonio	Raimundo Nonato
<b>1980</b>	Aspectos da Educação no Brasil.	Carlos Borges de Medeiro
<b>1980</b>	Há 50 anos, com os Maristas em Natal.	Tarcísio Medeiros
<b>1980</b>	Luiz Soares, Educador exemplar.	Raimundo Nonato
<b>1985 – 1986</b>	Um professor a quem se tirar o chapéu	Luiz Rabelo
<b>1987 – 1988</b>	Henrique Castriciano de Souza (um reformador social)	José G. de Albuquerque
<b>1992 – 1993</b>	Faleceu Prof. Vicente de Almeida.	Raimundo Nonato
<b>1992 – 1993</b>	Prof. Rodrigo Alves.	Raimundo Nonato

<sup>6</sup> As revistas referentes aos anos de 1916, 1918, 1919, 1928 a 1937, 1971 e 1972 não estão digitalizadas em virtude da fragilidade do material pertencente ao acervo. Atualmente, a direção do IHGRN busca contato com os sócios mais antigos do Instituto para aquisição e digitalização desse material. Não houve publicação da *Revista do Instituto* nos anos de 1955 a 1958 e nos anos de 2000 a 2012.

<sup>7</sup> Para acesso das revistas completas do IHGRN ver a sessão *repositório* no site: <<http://ihgrn.org.br>>

<b>1994 - 1996</b>	Alferes Ulisses de Gois	Josué de Oliveira Lima
<b>1994 – 1996</b>	Prof. Mesquitela nossas saudações	Luís Romano
<b>1997 – 1999</b>	A escrita da história da educação do RN nas revistas do IHGRN	Marta Maria de Araújo e Marlene da Silva Mariz
<b>2015</b>	A educação pública no RN no governo do interventor Mario Câmara	Itamar de Souza
<b>2015</b>	Ao mestre Américo com carinho	Carlos Alberto de M. Gomes
<b>2016</b>	Os primórdios da educação no RN: Período Colonial	Itamar de Souza

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora dessa dissertação a partir dos artigos sobre educação contidos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Após apresentação das fontes, passo a apresentar a organização dessa dissertação: o **primeiro capítulo** pretende apresentar a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em sua forma material. Nesse capítulo trago o diálogo entre Roger Chartier (2014) e Elizabeth Ellsworth (2001), visando compreender a *materialidade do texto* e o *modo de endereçamento* empregado na *Revista do IHGRN*, sabendo que esses conceitos influenciaram diretamente na organização e na disseminação do periódico. Considero aqui a importância de conhecer o suporte que abrigava os textos que serão analisados nos próximos capítulos, tendo em vista que nenhum texto é despreendido de sua plataforma e que esse suporte também direciona o entendimento do público sobre as ideias expostas. Nesse capítulo, o leitor encontrará tópicos relacionados ao considerado prestígio da Instituição frente a historiografia regional; os sócios fundadores e aqueles responsáveis pela escrita sobre educação no impresso; a materialidade da Revista e a importância do seu suporte para a compreensão dos artigos propostos pelo IHGRN ao público leitor.

No **segundo capítulo**, trato dos artigos relacionados à educação de forma geral; resalto que são artigos que abordam a educação escolarizada enquanto formadora de indivíduos para atuação na sociedade. Aqui, continuo o diálogo com Roger Chartier (2012), discorrendo sobre a “função autor” na Revista do Instituto e analisando detalhadamente cada artigo. Foram encontrados quinze artigos nas revistas do IHGRN sobre o assunto, que datam de 1938 a 2016. Eles foram organizados em temáticas de acordo com suas especificidades, tendo em vista que alguns artigos tratavam de instituições de ensino no Rio Grande do Norte e outros abordavam o ensino, como prática e, também, através de memórias pessoais, ao longo dos anos. Os artigos foram analisados e problematizados, levando em consideração o contexto de publicação específico, visando os objetivos do IHGRN enquanto instituição cultural e as ideias empregadas pelos autores em seus textos. Cada tópico desse capítulo corresponde a análise de um grupo de artigos

sobre educação contidos na Revista do Instituto, e, desse modo, meu público leitor poderá observar a visão do IHGRN ao longo dos anos acerca da educação como formadora do cidadão nacional, levando em consideração a concepção de educação como prática cultural e o espaço da Revista como campo de disputa e poder, ressaltado por José Gondra e Alessandra Schueler (2008).

No **terceiro capítulo**, foram analisados os artigos referentes à história dos professores exaltados pelo IHGRN, seja em forma de homenagem póstuma, seja apenas como um meio para o conhecimento da vida desses docentes. Essas figuras da educação receberam um espaço na Revista do Instituto totalizando o número de onze artigos publicados, ao longo dos anos de 1948 a 2015, sobre suas vidas enquanto docentes. Esse reconhecimento foi analisado através do olhar dos autores dos artigos e do IHGRN, como também foi problematizado, tendo como referência o conceito de *representação* em Chartier, “pequenas biografias” sobre esses sujeitos. Levando em consideração o objetivo de construção de uma identidade regional e nacional, seriam eles nossos heróis? Tal questão é discutida ao longo desse capítulo, que foi dividido em tópicos correspondentes as histórias desses sujeitos que dedicaram parte de suas vidas à carreira educacional, assim como a formação moral desses indivíduos e sua relevância para o próprio IHGRN.

Com o advento da terceira geração dos *Annales*, a História Cultural ganhou destaque dentro das universidades, possibilitando inúmeras formas de fazer pesquisa no Brasil. Trouxe consigo outros olhares sobre “velhos” objetos, contribuindo com a atualização historiográfica brasileira. O surgimento de pesquisas relacionadas à História da Educação insere-se nesse campo, na medida em que compreende e visa analisar a educação enquanto prática cultural presente na sociedade. Esse trabalho visou renovar esse campo historiográfico, na medida em que concebeu a Revista do Instituto como espaço de práticas educativas e de circulação de ideias sobre a educação, assim como compreendeu o próprio IHGRN enquanto espaço de disputa de poder dentro de um projeto social mais amplo, um projeto de construção da identidade regional e nacional.

Ao visitar o *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, em busca dos documentos para realização dessa dissertação, eu, enquanto pesquisadora, fui absorvida pela sensação de inúmeros anos passados pelo qual não tive contato direto, mas que agora me foram ofertados através de uma brecha no arquivo. Compreendo que ao violar essa memória regional, reconstruída através do acervo da instituição, estou

gestando a História e sendo conduzida à realização desse trabalho<sup>8</sup>. Na medida em que estudo, pesquiso e analiso as fontes coletadas, construo, também, minha própria história enquanto sujeito desse tempo presente e desse espaço denominado Rio Grande do Norte. A “Casa da Memória”, tão carinhosamente apelidada por Câmara Cascudo, ainda hoje ajuda a construir inúmeras histórias, seja através das pesquisas de caráter científico, seja através da socialização de seus sócios e funcionários, que oferecem vida diariamente aos muros e paredes dessa antiga instituição, através de eventos, diálogos rotineiros, amizades que começam em torno de um único objetivo: preservar a materialização da memória. Espero que ao ler essa dissertação, o leitor sinta-se convidado a conhecer um pouco mais sobre a história dos IHGs e seus trabalhos de construção da história nacional e, desse modo, possa compreender a importância da preservação dessas instituições enquanto lugares de memória.

---

<sup>8</sup> A tarefa do historiador, abordada por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007), é descrita aqui de forma metafórica, visando compreender essa atividade como um árduo processo de gestação (coleta, análise, discussão), que acarretará na construção da História.

# Capítulo I

## Entre as paredes do IHGRN interpreta-se a História da Educação

“Um dos grandes serviços do século findo, esse fecundo  
cyclo historico tao prodigo em descobertas magnificas,  
foi sem duvida o empenho pertinaz e fatigante de  
espíritos eminentes em fazerem reviver na chronica  
scientificas os grandes homens e os factos memoráveis  
que se agitaram a face do planeta...”  
(Revista do IHGRN, 1903).

Foi no ano de 1903 que o primeiro número da Revista do IHGRN entrou em circulação e abriu caminho para a interpretação da História representada nesse material. Os artigos publicados no impresso tornaram-se fontes históricas com o passar dos anos, representando os pensamentos daqueles que durante muito tempo foram o alicerce da historiografia regional. A materialidade do escrito, assim como o corpo de membros pertencentes ao Instituto ganharam destaque neste capítulo como forma de auxílio para as interpretações que faço acerca do material ao longo deste trabalho.

### **1.1 E eis que nasceu a história potiguar!**

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, apesar de sofrer forte influência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, possuía suas próprias características dentre as instituições culturais que se propuseram a construir a História. Diferente do IHGB, o IHGRN foi criado sob o início do regime republicano, assim como outras instituições de igual prestígio e finalidade<sup>9</sup>, e por esse motivo possuía uma forma de abordagem em seus escritos diferente da utilizada na Revista do IHGB. Enquanto a instituição primária, durante longos anos, resplandeceu em seus escritos a figura do Imperador, assim como abrigou em suas sedes o próprio sujeito, o IHGRN apresentava ao público leitor de sua Revista uma imagem mais neutra com relação ao antigo regime.

Em 1902, ano de função do Instituto no Rio Grande do Norte, o estado estava sob o governo de Alberto Maranhão, que também ocupou a cadeira de sócio fundador do IHGRN, demonstrando a intrínseca relação do Instituto com as figuras de poder local. Outros sócios do IHGRN viriam a se tornar governadores do Rio Grande do Norte, fato que abordo no próximo tópico desse capítulo.

A instituição que nasceu sob os auspícios do novo regime republicano, foi fruto, também, de uma nova forma de pensar pesquisa no Brasil do século XX. A

---

<sup>9</sup> Os Institutos fundados pós Proclamação da República no Brasil são: O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894), Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894), Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (1896), Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (1900), Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1900), Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (1905), Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (1907), Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1912), Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1916), Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (1917), Instituto Histórico e Geográfico Piauiense (1918), Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (1919), Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920), Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (1925), Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (1932), Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (1957), Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (1964) e o Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul (1978), Os dados foram retirados dos sites próprios de cada Instituto.

institucionalização da pesquisa histórica contribuiu com os novos parâmetros metodológicos e de investigação utilizados pelos Institutos Históricos espalhados por todo território nacional, que ofereciam as formas e os meios de como fazer pesquisa histórica no Brasil, lançando seus próprios fundamentos para todos os sócios e colaboradores vinculados com esses espaços de construção de memória e história (RODRIGUES, 1978, p. 40-41). No Rio Grande do Norte, o IHGRN representou um avanço singular em termos de agremiações, sendo a instituição mais antiga do estado, que abrigou nomes de considerado prestígio entre seus sócios e mantenedores, e que direcionou o olhar da intelectualidade potiguar aos modos de se fazer pesquisa histórica.

O início do regime republicano no Rio Grande do Norte foi de expectativas elevadas, apesar da situação precária que se encontrava o estado em nível econômico e social. Segundo Almir de Carvalho Bueno (2016)

Dentre as visões que os republicanos do Rio Grande do Norte tinham sobre o governo que queriam implantar no país e na província, a crença otimista de que ele curaria todos os males provocados por 65 anos de Monarquia era uma das mais recorrentes. [...] torna-se claro que a expectativa confiante em relação à República tendeu a construir uma imagem bastante idealizada do novo regime, imagem essa que não correspondia à situação econômica e social do pequeno estado nortista, marginal em sua própria região (BUENO, 2016, p. 30).

A situação decadente do estado gerou dúvida aos republicanos mais críticos, fortalecendo o contradiscurso dos monarquistas, que ressaltavam os problemas advindos com o novo regime. Almir Bueno (2016) ressaltou em seu trabalho algumas características do Rio Grande do Norte durante os anos iniciais da República, discorrendo sobre a sociedade, economia e política, em uma pesquisa que possuía como objetivo estudar as ideias e práticas dos grupos políticos e correntes de pensamento existente durante o início do regime republicano. O autor destacou, ainda, a forma de organização da sociedade norte riograndense, reafirmando o preconceito existente com relação aos homens de pouca instrução, assim como também o modo como os profissionais liberais se aliavam aos coronéis para obtenção de espaço na política local. Assim colocou,

O trabalhador rural, pobre, era visto por boa parte da elite potiguar como “indolente”, “preguiçoso”, “vagabundo”. Propostas para remediar esse “mal”, como o “trabalho obrigatório”, passaram a ocupar um espaço cada vez maior nos programas partidários de monarquistas e republicanos, principalmente depois da abolição (BUENO, 2016, p. 38).

Ainda sobre a sociedade, o autor destacou que Manoel Dantas, sócio fundador do IHGRN e político pertencente ao Partido Liberal, acreditava que os traços rudes dos

sertanejos poderiam ser resolvidos por meio da instrução. Se levo em consideração que o núcleo formador do IHGRN eram os ditos doutores e coronéis, como destaquei na introdução desse trabalho, observo que a elite letrada da qual Almir Bueno (2016) se referiu pode ser a mesma pertencente ao Instituto. É notório imaginar que esses sujeitos estavam preocupados em disseminar suas pesquisas para pessoas que pudessem compreender os assuntos tratados por eles. Desse modo, infiro que a não divulgação popular da Revista do IHGRN se dava pela concepção de que o conhecimento era superior entre os sócios do próprio Instituto e suas pesquisas não viriam a ser “úteis” para a camada mais pobre do estado, que deveria se dedicar aos trabalhos obrigatórios, além de seguir a tradição de outros Institutos Históricos de partilhar as pesquisas e trabalhos somente entre os seus congêneres.

Com isso, os escritos da Revista eram divulgados entre os pares, assim como as pesquisas e todo conhecimento acerca da construção historiográfica do estado, entretanto os populares viriam a desfrutar dos assuntos tratados dentro do IHGRN na medida que esses contribuíssem com mudanças visíveis na sociedade, como as discussões acerca das reformas educacionais propostas pelos sócios ou, até mesmo, pela questão de limites que viria a modificar a geografia do Rio Grande do Norte. Os discursos históricos perpassam todas as camadas da sociedade, ativa ou passivamente, mesmo sem o contato das pessoas com o impresso; desse modo, a sociedade norte riograndense vivenciaria as rupturas e continuidades da História através do cotidiano e essas mudanças seriam representadas nas revistas.

Esses discursos infiltravam-se nos estabelecimentos educacionais, que compartilhavam um alto fluxo de docentes, diretores e funcionários com o IHGRN. A educação era vista entre os grupos intelectuais como um meio de desenvolvimento social, sendo uma área que traria, a longo prazo, mais organização para a sociedade, ocasionando uma verdadeira transformação. Entretanto, no Rio Grande do Norte, esse setor enfrentava diversos obstáculos durante os primeiros anos republicanos, como o fechamento de escolas e falta de professores, fazendo com que os chefes locais optassem pela municipalização do ensino frente ao governo estadual, questões que serão resolvidas a partir do ano de 1907 com a Lei nº249 que autoriza a reforma na Instrução Pública (ARAÚJO, 1979).

Os motivos de criação de uma instituição capaz de coligir os documentos e organizar a pesquisa no estado já foram apontados na introdução deste trabalho, entretanto é importante destacar que o IHGRN recebeu forte influência do IHGB, no Rio de Janeiro,

mas seus sócios, políticos e homens letrados do estado filiados, de certa forma, com o regime republicano, diferenciavam-se do grupo formado pelo Instituto Brasileiro em 1838, pelo menos em aspecto político. Apesar das duas instituições culturais abordarem, em sua maioria, artigos e pesquisas com dimensões históricas, a diferença temporal também possibilita modificações na forma de produzir História, assim como a mudança de regime também possibilita alterações no campo simbólico e de construção de concepções. Mesmo integrando-se ao grupo de Institutos Históricos, que havia se espalhado por todo o Brasil, o IHGRN trazia suas especificidades de acordo com os acontecimentos da região em que estava inserido e possuía seus próprios motivos para escrever e pesquisar sobre determinado tempo histórico. Um exemplo disso foi a publicação de diversos artigos e documentos referentes a questão de limites publicados nos anos iniciais da Revista do IHGRN; um interesse óbvio com relação ao contorno e posse de terras pertencentes ao Rio Grande do Norte.

Não foi a concepção de formar a História Local a partir dos primórdios coloniais que conduzia os associados, pois o IHGRN, como apontou Karla Menezes (1999), não possuía um projeto historiográfico claro, mas, sim, a defesa do território estadual através de uma instituição de prestígio histórico, capaz de fornecer documentação inteligível para essa causa judicial. O IHGRN surgiu entre tramas políticas, visualizando a resolução de conflitos e não somente pelo interesse de construir debates e visões historiográficas. O poder sempre esteve intrínseco na Instituição, desde a escolha de seus membros até as pesquisas divulgadas em sua Revista.

Desse modo, se fez necessário analisar o grupo que fundou o Instituto, assim como os sócios autores que, ao longo dos anos de funcionamento do IHGRN, dedicaram-se ao tema educacional, publicando na Revista parte dos seus resultados obtidos. Importante salientar que os artigos publicados na Revista do IHGRN tiveram como base o passado remoto e, por esse motivo, quando o tema educacional começou a figurar nas páginas do impresso veio abordando o contexto imperial e os primeiros anos republicanos.

## **1.2 A educação entre autores, artigos e sujeitos**

O IHGRN, assim como outras instituições culturais criadas no final do século XIX e início do século XX, possuía um quadro de sócios bem específico. Em estatuto, a instituição assinava que

Art. 7 — Para ser admittido como socio effectivo, deverá o candidato residir na cidade do Natal ou em logar que esteja em communicação fácil e constante com ella, ser cidadão de merecimento nas lettras, sciencias, industrias ou artes e ter de idade vinte e um annos, pelo menos (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 10-11).

Desse modo, observo que não era qualquer sujeito norte riograndense que poderia se tornar sócio do IHGRN, tendo em vista as especificidades presentes no estatuto, como, por exemplo, ser um homem das letras. Para ocupar determinado espaço dentro dessa instituição, seria preciso ter, portanto, instrução necessária e qualificada ou pertencer aos espaços sociais e econômicos elevados da sociedade potiguar, tendo em vista os setores comerciais e industriais.

Analisando os primeiros sócios do IHGRN, percebo que a maioria dos homens presentes na instalação do Instituto, os sócios fundadores como são reconhecidos, pertenciam aos espaços de prestígio de uma sociedade, sendo esses políticos, professores, jornalistas e magistrados. A seguir, apresento um quadro com as funções desempenhadas pelos sócios fundadores durante a instalação do IHGRN:

#### Quadro II - Sócios fundadores do IHGRN presentes no dia da instalação (1902)

SÓCIO FUNDADOR	FORMAÇÃO	PROFISSÃO*
Alberto Maranhão	Direito/Recife (1892)	Político
Olympio Manuel dos Santos Vital	Direito/Recife (1860)	Juiz Federal
Francisco de Salles Meira e Sá	Direito/Recife (1878)	Desembargador
Vicente Simões Pereira de Lemos	Direito/Recife (1873)	Desembargador
Francisco Carlos Pinheiro da Câmara	Direito/Recife (-)	Juiz de Direito
Francisco Pinto de Abreu	Direito/Recife (1892)	<i>Professor</i>
Luiz Manuel Fernandes Sobrinho	Direito/Recife (1885)	Juiz de Direito
Manuel Dantas	Direito/Recife (1890)	<i>Diretor da Instrução Pública</i>
Thomaz Landim	Direito/Recife (-)	Magistrado
Pedro Soares	-	Político
Joaquim Manuel Teixeira de Moura	-	-
Veríssimo de Toledo	-	Contador

\* Profissão exercida no ano de criação do IHGRN (1903).

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora, a partir de dados coletados na Revista do IHGRN e na bibliografia (CARDOSO, 2000).

Em ata de instalação também constam os nomes de outros sujeitos que receberam a atribuição de fundadores do Instituto, mas não se fizeram presentes na sessão de criação do IHGRN, por motivos não mencionados. Esses sujeitos foram acrescentados ao final da ata como sócios fundadores, representados pelos membros presentes. Eram eles:

**Quadro III - Sócios fundadores ausentes, mas citados na ata de instalação (1902)**

SÓCIO FUNDADOR	FORMAÇÃO	PROFISSÃO
Pedro Velho	Medicina/Rio de Janeiro (1880)	Político
Joaquim Ferreira Chaves	Direito/Recife (1873)	Político
Augusto Tavares de Lyra	Direito/Recife (1892)	<i>Professor/Político</i>
Eloy de Souza	Direito/Recife (1894)	Político
José Bernardo	-	Político
João Baptista de Siqueira Cavalcanti	Direito/Recife	Magistrado
José Theotonio Freire	Direito/Recife	Magistrado
Manuel Moreira Dias	Direito/Recife	Magistrado
Antonio de Souza	Direito/Recife (1889)	Político
Manuel Hemeterio Raposo de Mello	Direito/Recife (1893)	Desembargador
Sergio Barreto	-	-
João Avelino Pereira de Vasconcellos	-	Político
Henrique Castriciano de Souza	Direito	<i>Fundador da Escola Doméstica</i>
Pedro Avelino	-	Jornalista

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora, a partir de dados coletados na Revista do IHGRN e na bibliografia (CARDOSO, 2000).

Observo, através desse quadro, que o grupo de fundadores do IHGRN era majoritariamente um grupo político, com sujeitos de vida pública e dedicados aos trabalhos em comunidade, por desempenharem cargos de senadores e deputados. O Instituto, também, possuiu ao longo de seu funcionamento, governadores, em exercício ou pretendentes ao cargo em anos posteriores, como foi o caso de Pedro Velho, Alberto Maranhão, Augusto Tavares de Lyra, Joaquim Ferreira Chaves e Manuel Moreira Dias<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Foram governadores do Rio Grande do Norte nos respectivos anos: Pedro Velho (1892 – 1896), Alberto Maranhão (1900 – 1904; 1908 – 1913), Augusto Tavares de Lyra (1904 – 1906), Joaquim Ferreira Chaves

Com isso, percebo a forte vinculação da instituição ao poder, abrigando em seu interior figuras de reconhecimento estadual e nacional, como os governadores, tanto como sócios comuns, como fazendo parte das comissões de organização e da presidência do Instituto.

Tendo em vista a estrutura de admissão de um novo sócio e compreendendo que as Revistas circulavam em torno desses sujeitos, o estatuto do IHGRN ainda expõe que

Art 2—O Instituto procurará manter correspondência com todas as sociedades de igual natureza e bem assim com as associações litterarias existentes nos diversos Estados da União, para mais fácil desempenho dos fins a que se propõe (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 9).

Ou seja, o círculo de sociabilidade do IHGRN estava diretamente relacionado aos sujeitos de outras instituições culturais, de “igual natureza”, com seus sócios e colaboradores admitidos, possivelmente, da mesma forma, do meio intelectual da sociedade. Além disso, ficou determinado que

Art. 4—A assignatura da REVISTA é fixada em (5\$000) cinco mil reis por dois números, pagos adeantadamente, sendo vendidos os números avulsos a [3\$000] tres mil reis cada um. Os socios terão direito a um exemplar de cada numero, a contar do dia da sua admissão, e o Instituto remettel-a-á gratuitamente às sociedades litterarias e às pessoas a quem quizer distinguir por este modo (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 10).

Percebo que a Revista do Instituto, inicialmente, circulava entre os membros do próprio IHGRN, assim como também em outras sociedades literárias, que recebiam em seu meio sócios e membros instruídos, pertencentes ao espaço intelectual da época. Com isso, noto que os indivíduos, com condições para aquisição da Revista, pertenciam às instituições culturais e, portanto, possuíam o mesmo padrão social encontrado no IHGRN. Sujeitos instruídos, ao menos alfabetizados, sócios de academias literárias, em um período em que a educação superior era direcionada para os grupos mais abastados da sociedade.

Segundo Maria Marta de Araújo (1979), os primeiros anos da República no Brasil, especificamente no Rio Grande do Norte, foram difíceis. A adaptação ao novo regime aconteceu paulatinamente e as instituições foram se moldando nesse processo de

---

(1896 – 1900; 1914 - 1920 e Manuel Moreira Dias (1906 – 1907). Durante a criação do IHGRN, em 1902, o governador em exercício era Alberto Maranhão, sócio fundador do Instituto.

reorganização. A educação, por exemplo, só começou a ganhar corpo republicano, pós 1907<sup>11</sup>. Assim escreveu Maria de Araújo:

Os primeiros anos do novo regime foram difíceis para a Escola. Os recursos econômicos, advindos principalmente do algodão, açúcar, sal, couros e peles, cera de carnaúba e carne, tornavam-se insuficientes diante dos encargos que a República trouxera e que eram inexistentes no Império. Por conseguinte, a Instrução Pública, que entrara na era republicana dotada de 152 escolas primárias e de um colégio de ensino secundário, além de algumas aulas avulsas de Latim e Francês, passava a ser relegada a um segundo plano (ARAÚJO, 1979, p. 108).

Com a educação em segundo plano, nos primeiros anos republicanos, enfrentando um processo de adaptação, infiro que não tenha sido um dos assuntos mais visado pelo IHGRN para exposição em sua Revista, apesar da importância atribuída ao assunto e do tratamento oferecido pela República à educação como setor de transformação social. Era preciso compreender o tempo de reorganização e o IHGRN, enquanto instituição criada no período republicano, não denunciaria problemas em sua Revista acerca das escolas extintas e modificadas, pois se dedicava ao estudo e construção da História norte riograndense, de forma a trazer ao presente o passado. Nos próximos capítulos, demonstro como o passado era um terreno sólido e firme para aqueles que escreveram para a Revista do IHGRN e por esse motivo, talvez pela reorganização da educação como, também, pelo próprio padrão de publicações da Revista, o IHGRN tenha demorado para abordar, de forma histórica, a educação no Rio Grande do Norte.

Em contrapartida, analisando a sessão necrológica da Revista, percebo que muitos dos sócios filiados ao IHGRN, durante os anos de funcionamento da instituição e enquanto a sessão foi mantida no impresso, estavam envolvidos com o setor educacional, direta ou indiretamente. Muitos dos sujeitos compartilharam espaços, como por exemplo o Ateneu Norte Riograndense e a Escola Doméstica, enquanto professores e diretores de estabelecimentos de ensino. Foram analisadas as cronologias desde a primeira edição da Revista até 1986, último ano da sessão publicada no impresso. Os sócios e colaboradores vinculados ao setor educacional começam a figurar nessa sessão a partir de 1905 e estiveram presente até o último ano. Ao todo contabilizei 46 sujeitos que tiveram seus nomes recordados pelo IHGRN na sessão necrológica:

---

<sup>11</sup> A lei nº 249, de 22 de novembro de 1907, autorizava uma reforma na instrução pública. O governo do estado do Rio Grande do Norte encontrava, nesse momento, um campo propício para a execução de uma reforma que afetaria principalmente o ensino primário e abriria espaço para a criação dos Grupos Escolares.

**Quadro IV: Sócios e colaboradores, envolvidos com o setor educacional, recordados na sessão necrológica da Revista do IHGRN (1905 -1986)**

<b>SÓCIO/COLABORADOR</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>
Capitão Arthur José dos Reis Lisboa	Militar	Escola de Aprendizes de Marinheiro
Manuel Praxedes Benevides Pimenta	Advogado	N/C
Pedro Velho de Albuquerque Maranhão	Médico	Atheneu
Dr. Francisco de Salles Meira e Sá	Magistrado/professor	Popular Instituto Literário Colégio São Francisco de Salles
Dr. Manoel Pereira Reis	Professor	Escola Polytechnica e Naval
Dr. Manoel Dantas	Advogado/empregado público/ jornalista	Atheneu Escola Doméstica
Professor Joaquim Lourival Soares da Câmara	Professor	Secretaria do Estado Atheneu
Professor João Tiburcio da Cunha Pinheiro	Professor	Atheneu; Escola Normal; Colégio Imaculada Conceição;
Dr. Alcides Bezerra	Advogado	Faculdade Livre de Direito
Coronel Joaquim Manoel Teixeira de Moura	Professor / capitão da Guarda Nacional	Atheneu
Desembargador Sebastião Fernandes	Promotor público / Juiz Entre outras	Escola de Aprendizes e Artífices
Dr. Vale de Miranda	Químico	Atheneu Escola Normal Escola de Farmácia
Mons. Francisco de Assis de Albuquerque	Padre	Liceu e Escola Normal da Paraíba
Mons. José de Calazans Pinheiro	Padre	Ateneu, Escola Normal e Escola do Comércio.
Ministro Bernardino José de Souza	Professor/advogado	Ginásio da Baía
Dr. Pedro Celso Uchôa Cavalcanti	Professor	Ginásio de Pernambuco e escolas particulares
Dr. Manoel Tavares Cavalcanti	Funcionário público/advogado/professor	Escola Normal e Liceu Paraibano
Desembargador Felipe Guerra	Advogado	Escola do Comércio (Mossoró) e Escola Doméstica
Dr. Francisco Pinto de Abreu	Magistrado/professor	Ateneu
Dr. Adauto da Câmara	Funcionário publico	Ateneu
Dr. Nelson de Sena	Professor/entre outros	Ginásio Mineiro Escola de Engenharia em BH
Dr. João Angione Costa	Magistrado/professor	Museu Histórico Nacional
Roquete Pinto	Médico/Professor	Escola Normal Universidade do Paraguai
Dr. Nestor dos Santos Lima	Advogado/professor	Escola Normal Faculdade de Direito
Desembargador Vicente de Lemos Filho	Advogado	Ateneu Colégio Ruy Barbosa

Dr Anfilóquio Carlos Soares da Câmara	Funcionário público/advogado/professor	Escola Normal
Dr. Luiz Antonio Ferreira Souto dos santos Lima	Médico/Professor	Grupo Modelo "Augusto Severo" Escola Normal Ateneu
Mons. Paulo Herôncio de Melo	Padre	Seminário de São Pedro Colégio Santo Antônio
Honório Carrilho da Fonsêca e Silva	Advogado	Escola Preparatória e Tática de Realengo
Prof. Luiz Correia Soares de Araujo	Professor	Grupo Escola Frei Miguelinho Escola Profis. Alecrim
Des. Adalberto Soares de Araujo Amorim	Advogado	Escola de Aprendizes e Artífices
Dr. Francisco Ivo Cavalcanti	Professor/Funcionário Público/Advogado	Escola Normal
Edgar Ferreira Barbosa	Magistrado/Jornalista/Professor	Atheneu Escola de Aprendizes e Artífices
Manoel Varela Santiago Sobrinho	Médico	Escola Doméstica
Paulo Pinheiro de Viveiros	Advogado/ professor/ jornalista	UFRN
Manoel Jácome de Lima	Professor	Grupos Escolares (N/C)
Hélio Mamede de Freitas Galvão	Advogado/professor	Fundação José Augusto UFRN
Israel Nazereno de Sousa	Professor	Ateneu Grupo Escolar Frei Miguelinho
João Vicente da Costa	Advogado/professor	Faculdade de Direito de Natal
Antônio Fagundes	Professor	Ateneu Escola Doméstica
Dom Adelino	Padre	Atheneu UFRN
Onofre Lopes da Silva	Médico	Escola Doméstica UFRN
Aldo Fernandes	Advogado	Faculdade de Direito
Mauro Ramos Mota e Albuquerque	Advogado	Escolas de Recife
Pedro Calmon	Magistrado/Funcionário Público	Faculdade Nacional de Direito
Adroaldo Mesquita da Costa	Jurista/ advogado	N/C

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora deste trabalho com base nas Revista dos IHGRN (1905 – 1986)

Observo que muitos dos sócios do IHGRN estiveram vinculados, ao longo de suas vidas, aos colégios de reconhecido prestígio no estado do Rio Grande do Norte. O Ateneu Norte Riograndense, por exemplo, aparece quinze vezes na tabela acima, sendo um espaço comum entre os sócios do Instituto. Outro aspecto importante a ser destacado é o número de profissionais liberais que exerciam os cargos de professores, diretores ou coordenadores nesses estabelecimentos de ensino mencionados; ao todo, vinte e um

sujeitos não adotavam a profissão do magistério como sua ocupação principal, enquanto dezesseis dividiam a profissão docente com outra ocupação.

Esses homens dividiam o mesmo espaço, formando laços sociais e de pertencimentos. Jean-François Sirinelli (2003) abordou em seus textos a concepção de sociabilidade como um microclima ou, até mesmo, uma configuração de redes. Ele afirma que

As "redes" secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos freqüentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microcosmo intelectual particular (SIRINELLI, 2001, p. 252-253).

Desse modo, é possível afirmar que os sócios do IHGRN, ao frequentarem espaços em comum, como os acima apresentados, construía em torno de si traços específicos e de pertencimento ao determinado lugar que dividiam. Esse espaço, além do próprio Instituto, também consistia em escolas, instituições de ensino e universidades, que contribuíram com a formação intelectual ou profissional dos colaboradores do IHGRN e, com isso, com o modo como esses sujeitos compreendiam a construção histórica e a forma que enxergavam, pesquisavam e apresentavam o tema educacional.

Ao longo de setenta e oito anos em circulação, a Revista do IHGRN apresentou a educação através de resumos, memórias pessoais de seus sócios e pequenas biografias de professores que, tanto marcaram a história da educação no estado, como também marcaram a história do próprio Instituto Histórico ao contribuir com suas pesquisas e estudos e suas presenças em reuniões, eventos e outras atividades da instituição. É notório que com o passar de tantos anos as concepções em torno do ensino tenha sofrido alterações. Em 1938, ano da primeira publicação sobre o assunto na Revista do IHGRN, a educação esteve voltada aos ideais de progresso para o desenvolvimento de uma sociedade útil direcionada, especificamente, para o trabalho, diferente de 2016, ano da última publicação sobre o tema na Revista, em que a educação já mostrava em seus currículos inclusão, respeito as minorias e desenvolvimento cidadão. As sociedades mudam e com elas as características em torno de uma atividade que age diretamente na formação do indivíduo e afeta progressivamente o coletivo como um todo.

Apesar das mudanças ocorridas com o passar do tempo, o IHGRN manteve-se fiel na forma de apresentação dos seus artigos através da escrita de seus autores, ressaltando aqueles sujeitos que tanto contribuíram com a educação no processo de suas vidas,

especificamente os sócios do IHGRN que receberam artigos próprios, como também recordando um ensino do passado. Os artigos apresentados na Revista, com exceção dos que possuem caráter biográfico, são escritos sobre o passado da educação, resumos ou memórias sobre formas de ensino que existiram no início do século XX ou, até mesmo, no período colonial e imperial. Pouco se fala sobre a educação contemporânea ao período de escrita do artigo, sendo o passado um terreno sólido e confortável para uma instituição que valorizava o histórico em detrimento do geográfico.

Os autores dos artigos sobre educação transpareceram os reais objetivos do IHGRN em seus textos e prestaram ao Instituto “[...] todo o auxílio de sua intelligencia e de seu saber e toda sua cooperação moral e material para a prosperidade da associação.” (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 13), como bem assegura o estatuto do IHGRN no artigo referente aos deveres dos sócios. Cumpriram o principal propósito da Revista, publicado no ano de criação do impresso e presente em estatuto, que diz respeito a publicação de

[...] as memórias e documentos relativos á história do Rio Grande do Norte e á sua geographia, os trabalhos dos sócios e as notícias ou os extractos de nossa história publicados em outra parte, no Paiz ou no Extrangeiro, precedendo a respeito destes o parecer de uma comissão para este fim nomeada (REVISTA DO IHGRN, 1903, p. 10).

Aqui, percebo que as memórias referentes a História do Rio Grande do Norte correspondiam as próprias memórias dos sócios que não só viviam os momentos ditos históricos como escreviam sobre eles. O Instituto construiu em torno de si concepções acerca da educação forjadas através do olhar de seus membros que correspondiam aos interesses próprios da instituição, ou seja, apesar de não escrever, o IHGRN estava presente nas subjetividades de seus sócios autores, que levaram para o público suas ideias em consonância com as ideias propostas pela associação. Desse modo, o Instituto levava para seu público aquilo que construía enquanto “verdades” sobre a história educacional do estado, sua própria visão através de um grupo específico, sua representação sobre a educação e como ela figurava no Rio Grande do Norte, mas, mais do que isso, apresentava a própria instituição através dos escritos sobre os assuntos educacionais e dos professores homenageados e vinculados ao IHGRN.

A educação no decorrer dos anos foi modificada por leis e decretos que viabilizaram setores em detrimentos de outros, como por exemplo a importância dada a educação profissional nos anos de 1930, durante o governo de Vargas, a censura aos meios educacionais no período da ditadura militar do Brasil, a partir de 1964, assim como

a redemocratização e a abertura da escola para as camadas mais populares. Apesar dos diferentes contextos vivenciados pelo âmbito educacional, na Revista do IHGRN, a educação aparece de forma “homogênea”. Os autores do IHGRN mantiveram-se em terreno cômodo, não se envolvendo em polêmicas recentes ao seu período de escrita, recordando a educação apenas no tempo passado, através de resumos sobre determinada forma de ensino ou memórias de infância, quando já haviam transcorridos trinta anos ou mais. Noto que a semelhança entre os artigos sobre educação, sejam eles de abordagem geral ou as biografias de professores, foi a ocorrência do passado como período frutífero para o desenvolvimento desse setor.

Os artigos gerais sobre educação apresentaram uma característica de construção da história da educação através dos sócios autores do IHGRN, que demonstraram a importância do ensino da música, do ensino profissional, dos professores que promoveram o desenvolvimento da educação no estado, os subsídios, como leis e decretos, que viabilizaram esse setor no Rio Grande do Norte, assim como artigos que trouxeram um pouco da educação no período colonial e imperial. Assim, observo que o IHGRN construiu ao longo dos anos sua representação sobre a história da educação, dando mais visibilidade a determinados momentos, principalmente aqueles que envolvem os próprios sócios do Instituto. Seria algo como manter viva a história da instituição através da história da educação, revelando os sócios que mais se destacaram nesse processo e demonstrando ao seu público que o IHGRN, enquanto instituição cultural do estado, esteve presente, através desses sujeitos, nos fatos históricos, construindo-os.

Percebo, também, ao longo da apresentação que faço, nos próximos capítulos, dos artigos publicados na Revista, que os autores recorriam a adjetivação positiva de ex-sócios do IHGRN e mencionavam homens “ilustres” e, raras as vezes, mulheres que atuaram na educação ou em setores públicos que viabilizavam o desenvolvimento desse setor, como governantes, secretários estaduais etc. Mesmo nos artigos com uma abordagem mais geral sobre o assunto, os sujeitos ganharam destaque em parágrafos diversas vezes, como, por exemplo, no artigo escrito por Ulisses de Gois de publicado na edição da Revista de 1961, sobre o Ensino Comercial de Natal:

[...] até 1931 estava a Escola de Comércio de Natal com 37 diplomados. Entre eles José Aurino da Rocha, Marcelino de Oliveira, João Paulino de Albuquerque, Everton Cortês, Francisco Neco, Máximo Guerra, José Brandão de Paiva, Ornar Furtado e Artur Alvares. Novos professores vieram cooperar entre os quais Rosemiro Silva, Seabra Fagundes, Raimundo Macedo, Custodio

Toscano, Edgar Barbosa, Vécio Barreto, Paulo Viveiros e Francisco Veras (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 82-83).

Os nomes próprios não possuem outra explicação, talvez pelo fato de já serem reconhecidos pelo público e sócios da Revista, amigos e colegas de profissão. Essa característica esteve presente na maioria dos artigos, construindo uma história educacional formada especialmente por homens, pois percebo, também, que mesmo no final do século XX e início do século XXI, as professoras não figuraram nas páginas da Revista com protagonismo, mas, sim, em citações secundárias. O IHGRN apresentou, portanto, uma representação da História da Educação por um olhar masculino, ressaltando figuras masculinas como sujeitos importantes para a narrativa histórica e demonstrando que a profissão docente, mesmo sem reconhecimento financeiro, é prestigiosa e digna de estampar as folhas de seu impresso.

Apesar de toda atenção dada à educação e aos sócios professores nos textos analisados aqui, foi somente após a primeira metade da década de 1930 que a Revista do IHGRN publicou um artigo referente ao tema pela primeira vez. O contexto do período pode ter sido forte influenciador na decisão de abordar, também, aspectos da educação brasileira e regional no impresso, tendo em vista as reformas e decretos propostos e implantados para o setor educacional no período. Entre esses, destaco o *Decreto-Lei nº 1.190*, de 04 de abril de 1939, que instituía o Curso de Pedagogia na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, instituição que serviria como padrão a ser tomado pelas demais universidades que viessem a se constituir nesse período. Destaco esse Decreto-Lei para ressaltar os debates ocorridos no Brasil em torno da educação e da formação de profissionais para essa área de atuação, que levaram a necessidade da instalação de um curso de pedagogia nas universidades brasileiras. Era um período fértil para as discussões em prol da educação no Brasil e o IHGRN, composto por sujeitos emergidos no meio intelectual, não poderia deixar de apresentar suas próprias concepções sobre o assunto que figurava nas discussões políticas e sociais.

O primeiro artigo sobre educação apresentado na Revista, publicado na edição referente aos anos de 1938-1940, apesar de não ter retratado o tempo presente de sua escrita, trouxe para seus leitores uma narrativa sobre a primeira cadeira de gramática na Villa do Príncipe, hoje denominada Caicó, através da apresentação de um decreto que viabilizou sua instalação. O autor do texto, José Augusto, apresentou a documentação transcrita, assim como narrou os debates ocorrido na câmara em prol da instalação da cadeira de gramática latina, ainda no século XIX. Esse artigo foi publicado em um

momento oportuno para o debate acerca da educação e demonstrou que, desde o período do Império Brasileiro, o norte riograndense esteve inserido em pautas que viabilizaram a educação no estado. Assim como demonstrou o segundo artigo sobre a temática publicado na Revista e que abordava a vida de Amaro Cavalcanti, homem de vida pública, sócio do IHGRN, que escreveu sua tese de doutoramento sobre a obrigatoriedade da educação ainda no século XIX. Percebo que, somente após a primeira metade da década de 1930, o IHGRN passou a disponibilizar artigos e estudos sobre fatos e sujeitos que protagonizaram a história educacional no estado, demonstrando que o Rio Grande do Norte já possuía material para suprir as necessidades de seus leitores em relação aos temas sobre educação, como também possuía figuras de relevância para discorrer sobre o assunto.

O IHGRN enquanto instituição cultural não poderia deixar de participar das discussões em prol de assuntos de relevância para o seu estado, assim como também para o Brasil. Com suas próprias características, a instituição foi apresentando a educação através do olhar de seus sócios autores, de forma a ressaltar o passado e o desenvolvimento desse setor no estado do Rio Grande do Norte. Sempre que possível, a Revista demonstrava o pioneirismo de seus sócios frente a educação brasileira, como ficou explicitado no artigo escrito por José Augusto sobre Tavares de Lyra e a reforma do ensino público, publicado na edição de 1959. O autor ressaltou “[...] os pontos de vista de Tavares de Lyra em relação aos problemas educativos do Brasil, compendiados na exposição endereçada em 1907 ao Congresso Nacional pelo Govêrno Afonso Penna.” (REVISTA DO IHGRN, 1959, p.31). Percebe-se que desde o início do século XX, havia um sócio do IHGRN preocupado com a situação educacional do Brasil. Apresentar a reforma, *ipsi litteris*, proposta por Tavares de Lyra foi uma forma de destacar esse sócio e suas ideias “inovadoras” em meio a história da educação norte riograndense.

Esse tema surge dentro dessa instituição e se prolonga em publicações no decorrer dos anos, talvez, como uma forma de validação dos discursos proferidos pelos sócios vinculados ao IHGRN, com a finalidade de manter o Instituto como espaço privilegiado e reconhecido de fomentação intelectual na região do Rio Grande do Norte. Se a educação ganhou lugar de prestígio nas disputas de poder ao longo do século XX, a Revista do IHGRN não deixou para trás esse assunto, garantindo também a manutenção de seu poder enquanto instituição de construção da memória histórica regional. A escrita, como bem afirmou Roger Chartier (2014), esteve envolvida ao longo do tempo, por exemplo, na construção dos estados de justiça, das sociedades e das administrações públicas. Logo,

posso perceber como uma atividade que mantém em torno de si o poder, pois garante a perpetuação, através do texto, de certas concepções ao longo dos anos e para diferentes grupos sociais.

Quando uma instituição se propõe a “fazer história”, assim como destacou Michel de Certeau (2006), pensa, também, suas próprias práticas e objetos, pois cada sociedade pensa historicamente com os instrumentos que propriamente fabricam. No caso do IHGRN, a história se fez através do escrito e de sua circulação, demonstrando o poder que os textos publicados garantiriam ao Instituto, no decorrer dos anos, por perpetuarem suas ideias em torno do material impresso, e direcionou o olhar de seu público aos assuntos que a própria instituição destacava. Os sócios do IHGRN buscaram construir uma história própria vinculada a instituição, através de ações e objetos que emergiram no decorrer de sua contemporaneidade, pensando o passado através do presente. Escrever sobre a educação pós 1930 e ressaltar, principalmente, seus sócios professores através de biografias e memórias, foi uma forma de construir a história própria da instituição, também através do assunto educacional. Ressalto que somente as memórias de infância de três sócios foram privilegiadas e publicadas na Revista, uma remetendo ao colégio que abrigou o IHGRN nos seus primeiros anos de funcionamento, o Ateneu Norte Riograndense, e as outras duas ressaltando a educação religiosa em uma instituição dirigida por congregação católica<sup>12</sup>. Desse modo, essa instituição, através da escrita de seus sócios autores foi delimitando um espaço para seu discurso em prol da educação, assim como características consideradas importantes para serem circuladas através de sua Revista e seu público leitor, a saber uma educação voltada a preparação do sujeito como cidadão útil a pátria, tendo o ensino religioso como aliado para a formação da moral e conduta dos alunos.

Construindo essa representação da educação, estava, além do próprio IHGRN, homens e mulheres responsáveis por nomearem a produção escrita da instituição e respaldarem, através de seus nomes próprios, os estudos sobre o assunto, trazendo notoriedade para os discursos ali apresentados. No quadro abaixo apresento os autores de todos os artigos, sobre educação e professores, publicados na Revista do IHGRN, afim

---

<sup>12</sup> Refiro-me, aqui, aos artigos: *Ateneu Norte Rio-Grandense (Reminiscências. 1909 – 1916)*, escrito por Adauto Câmara e publicado na edição da Revista de 1954; *O Colégio Santo Antônio (reminiscências)*, escrito por Antônio Fagundes e publicado na edição da Revista de 1961; e, por fim, *Há 50 anos, com os Maristas em Natal*, publicado na edição da Revista de 1979-1980 e escrito por Tarcísio Medeiros.

de demonstrar como esses sujeitos estiveram ligados ao setor educacional e contribuíram com a Revista através de um assunto sobre o qual já possuíam autoridade.

**Quadro V – Os autores e o exercício de suas funções (1938 -2016)**

<b>AUTOR</b>	<b>FUNÇÃO</b>
José Augusto de Medeiros	Professor; Político; Jornalista.
Nestor Lima	Professor; Advogado.
Adauto da Câmara	Professor; Político; Advogado; Jornalista.
Antônio Fagundes	Professor.
João Vicente	Professor; Magistrado; Político; Jornalista.
Ulisses de Gois	Professor; Jornalista.
Américo de O. Costa	Professor; Jornalista; Promotor.
M. Jácome de Lima	Professor.
Tarcísio Medeiros	Professor; Secretário do Tribunal.
Raimundo Nonato	Professor; Juiz de Direito
Carlos Borges de Medeiro	Professor; Político.
Luiz Rabelo	Poeta.
José G. de Albuquerque	Não identificado.
Josué de Oliveira Lima	Não identificado.
Luís Romano	Poeta.
Marta Maria de Araújo	Professora
Marlene da Silva Mariz	Professora
Itamar de Souza	Professor.
Carlos Alberto de M. Gomes	Não identificado.

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora a partir de dados contidos na Revista do IHGRN.

Percebo, ao menos os sujeitos que consegui identificar por meio de pesquisa nas revistas do IHGRN e na bibliografia, que a maioria dos sujeitos que escreveram sobre educação no impresso do Instituto eram professores ou exerceram o magistério em meio a outras atividades. Como recordei no tópico anterior, a profissão do professor, muitas vezes, era uma atividade que dividia espaço nas vidas dos homens, que normalmente ocupavam outras funções além da docência. Nesse quadro posso apresentar que, assim como os professores homenageados na Revista, alguns autores dividiam a vida docente com o jornalismo, a advocacia ou, até mesmo, a política.

O aspecto que levanto nesse momento foi o fato de o IHGRN ter a responsabilidade de oferecer, ao público leitor de seu impresso, um artigo escrito por sujeitos cuja trajetória profissional facilitaria a comunicação referente ao assunto educacional. É importante que uma instituição, que visa permanecer com prestígio frente

aos grupos de pesquisas e intelectuais do estado na construção da história regional, mantenha em seu corpo social sócios capacitados para dialogarem sobre os mais diversos assuntos importantes para o momento presente. Mesmo retratando fatos passados, o IHGRN transpareceu em seus artigos pautas contemporâneas, como a educação, por exemplo, construindo a própria história da instituição através da publicação de seus textos.

Com isso, apresento a concepção educacional do IHGRN através da representação desses textos, que abordam as memórias, os resumos e as biografias dos sócios considerados importantes para a história da educacional do Rio Grande do Norte, ressaltando que o IHGRN, além de discorrer sobre a temática educacional a partir de um período oportuno para a mesma, construiu sua própria imagem através desse assunto, levando em consideração o prestígio oferecido aos professores, especificamente aos homens. Gravou na memória regional a relevância de instituições, como o Ateneu Norte Riograndense e o Colégio Santo Antônio, como formadoras da moral da mocidade do estado, como também dos sócios do Instituto que ali estudaram ou atuaram profissionalmente. Trouxe ao seu público a valorização da docência como uma profissão de vocação, amor e reconhecimento, apesar dos ganhos baixíssimos de salários, elevando o prestígio dessa atividade profissional e ressaltando sua importância para o desenvolvimento de homens e mulheres no estado do Rio Grande do Norte.

Apesar dos professores homenageados pouco escreverem sobre educação na Revista do IHGRN, ainda pôde-se observar um número alto de docentes sócios/colaboradores no interior da instituição, tendo em vista que, além dos docentes biografados, haviam autores envolvidos com a área educacional, contribuindo com discussões, palestras, estudos e pesquisas sobre o tema. Posso inferir que esses sujeitos tenham escritos em outros periódicos focalizados especificamente no assunto. Como a RIHGRN pretendia, desde sua criação, atender uma demanda de escrita da história e arquivamento da memória do Rio Grande do Norte, é notório pensar que os assuntos sobre educação estiveram presentes no impresso intercalando essa grande área. Portanto, para a RIHGRN foram destinados os artigos mais voltados a História da Educação, as biografias dos docentes e os textos que resumiam pequenas áreas da educação dentro de um determinado espaço/tempo. Observo que o tema educacional, abordado na Revista do IHGRN, contribuiu muito mais para a construção da imagem do próprio Instituto como entidade de grande relevância cultural, ao definir os sujeitos importante para a educação

do estado e dar ênfase a formação da moral dos alunos, através do ensino religioso, e dos professores, abordando o amor e a vocação pela atividade docente.

A história da educação apareceu, no interior de um impresso dedicado aos assuntos históricos e geográficos do estado, quando o lugar de produção cultural viabilizou a publicação de textos sobre o assunto a partir de um período de grande relevância para a temática. Os sócios autores/professores já figuravam no interior da instituição desde sua criação, mas foi somente após trinta e cinco anos de funcionamento do Instituto e de sua revista que o primeiro artigo sobre o tema foi publicado. Esses artigos, além de abordarem aspectos da educação no estado, mostraram ao público leitor do impresso que o IHGRN já estava envolvido com a temática ao longo dos anos, graças ao seu corpo de sócios profissionais na área, especialmente os homens, pois, apesar do Instituto contar com professoras em seu quadro de sócios, o espaço de escrita sobre a educação foi dedicado quase que exclusivamente aos homens<sup>13</sup>, trazendo uma imagem masculina em torno da profissão. Desse modo, quando reúno os artigos sobre educação publicados na Revista do IHGRN, percebo mais semelhanças do que diferenças, na forma de escrita, na exaltação dos profissionais e na abordagem da educação como elemento histórico de uma sociedade que se transforma conjuntamente aos indivíduos. A unidade desses textos fica a cargo dos autores, vinculados ao IHGRN, logo percebo que, muito mais do que disponibilizar um espaço para a escrita da história, o Instituto influenciou na construção dessa escrita, sendo paralelamente um segundo autor desses artigos.

### **1.3 A materialidade do escrito: a Revista do IHGRN**

Os textos apresentados na Revista do IHGRN percorriam seus próprios caminhos, em círculos intelectuais e em grupos de pessoas interessadas pela construção da história potiguar. Entretanto, para que os escritos chegassem ao seu destino final de apresentação e consumo, era preciso uma forma, um objeto material que lhe oferecesse um suporte e que suprisse sua necessidade de informar e divulgar, para os demais intelectuais, sobre a história do Rio Grande do Norte. Desse modo, é imprescindível que, ao estudar os artigos

---

<sup>13</sup> Discorro ao longo da dissertação a escolha institucional pela apresentação da educação através da figura docente masculina. O IHGRN contou com a presença de mulheres em seu quadro de sócios desde 1928, com a professora Isabel Gondim, entretanto foi somente os homens que ganharam destaque nos artigos que aqui analiso. Com isso, antecipo, aos meus leitores, que os artigos apresentam uma concepção masculina da educação, adotada pelo IHGRN em seus impressos, devido a representatividade de seus sócios selecionados.

publicados na Revista do IHGRN, toda a sua materialidade também seja analisada, pois um texto não se desprende de seu suporte de vinculação e é através dele que consigo identificar as finalidades do Instituto com relação ao alcance de seu impresso.

As formas de apresentação da Revista do IHGRN mudaram no decorrer dos anos e posso observar isso ainda em suas primeiras folhas<sup>14</sup>. Publicando, inicialmente, folhas decoradas com adornos em torno das letras rebuscadas e das informações de destaque, os primeiros anos da Revista demonstraram a escolha pela beleza da apresentação e a pomposidade de uma Instituição de caráter histórico e que versava sobre a escrita da História norte riograndense. Os artigos publicados nessas revistas representavam o IHGRN, enquanto entidade cultural mais antiga do estado e, não somente, seus sócios autores. Foi analisando a forma de apresentação e publicação dos textos nesse material, respalda pelas ideias de Roger Chartier (2014), que percebi como os artigos não foram produzidos por uma só mão, mas, sim, por um corpo de editores, tipógrafos, sócios vinculados à comissão da Revista, diretores do Instituto, autores e público receptor, que ofereceram sentido ao texto impresso e que por esse motivo devem ser levados em consideração.

Qualquer texto, sendo ele manuscrito, impresso ou digital, possui uma forma de apresentação, um suporte que facilita sua compreensão e atribuição de sentido pelo receptor desse material. Os textos manuscritos, por exemplo, são menos suscetíveis a manipulações, devido sua criação singular e artesanal, na medida em que são produzidos em escala menor e para um menor número de pessoas. Os textos em formato digital, facilitam a interação por parte dos receptores, assim como são difundidos rapidamente, as vezes de forma descontrolada. Os artigos publicados nas revistas do IHGRN também possuíam suas características próprias. Embora não sejam produzidos em escala exponencial, como os textos digitais, também não são tão limitados como os manuscritos, passando por uma série de adaptações (enquadramento nas páginas da Revista, número médio de páginas etc.) até o seu produto final.

Toda essa preparação, antes da circulação do material impresso, visava a recepção dos escritos pelo público alvo. O IHGRN transmitia informações através da sua Revista,

---

<sup>14</sup> As capas de algumas revistas não foram digitalizadas devido ao estado de conservação que algumas se encontravam, dificultando o manuseio e a técnica de digitalização. Outras revistas possuem uma capa atual, graças ao trabalho de reedição dos números comemorativos e, por esse motivo, não representam a capa original. Desse modo, optei por iniciar a análise a partir da primeira folha da Revista, onde são apresentados dados como a comissão responsável pela publicação, a tipografia e os símbolos de poder (brasões do estado, país e Instituto). Assim, consegui uma análise mais completa das revistas, sem as lacunas ocasionadas pela falta de digitalização de algumas edições.

que deviam ser aceitas e lidas, levando em consideração todo o trabalho de pesquisa por trás do produto final apresentado. Eram fatos importantes sobre a história do Rio Grande do Norte, estudados e concluídos pelos seus sócios autores, que tentavam ao máximo transmitir fidedignidade em seus escritos. O público devia consumir o produto cultural e não produzir conjuntamente com Instituto, pois cabia ao IHGRN, enquanto entidade responsável, a transmissão às gerações futuras da “verdade” sobre a história e memória norte riograndense.

Segundo Roger Chartier (2014),

[...] as formas materiais da palavra escrita ou das competências culturais de leitores marcarão sempre os limites da compreensão. Mas a apropriação é sempre criativa, a produção de uma diferença, a proposição de um significado que pode ser inesperado (CHARTIER, 2014, p. 46).

Ou seja, apesar da forma em que o texto escrito está disposto em uma plataforma para sua disseminação que lhe possa atribuir certo sentido, ainda assim a compreensão é única e exclusiva de cada receptor. Com isso, é difícil inferir sobre como os textos do IHGRN eram recebidos pelos grupos de intelectuais em diferentes instituições culturais, mas posso observar que o Instituto, conjuntamente com seus sócios autores, buscava uma compreensão homogênea, tentando não deixar espaços/lacunas na forma de apresentação de seus textos, para que seu público leitor não pudesse “fugir” ao encontro de outros significados. Elizabeth Ellsworth (2001) ressaltou que o produtor da mensagem trabalha para que a recepção seja realizada com o mínimo de interferência possível e, por mais que cada receptor produza suas próprias significações, a mensagem é pensada de forma específica para cada público alvo, com a finalidade de ser aceita/consumida e não problematizada; a Revista do IHGRN era, portanto, produzida e pensada para o grupo seleto de intelectuais filiados aos institutos congêneres e sua mensagem, seus estudos históricos, deveriam ser aceitos e consumidos por esses.

O pouco espaço destinado às margens do texto representa, também, uma intenção do IHGRN em não permitir mudanças no texto pelo leitor. Não há espaço para escrita conjunta, pois os artigos eram trabalhos prontos, finalizados e destinados ao público para leitura e informação. Não havia páginas em branco que pudessem ser manipuladas pelos leitores através da escrita de opiniões, rabiscos ou notas. As referências utilizadas, ao menos nos primeiros artigos analisados nessa dissertação, eram, em sua maioria, sócios do próprio Instituto que utilizavam o acervo do IHGRN para construção de suas pesquisas ou que buscavam exaltar seus próprios membros. A mensagem transmitida pelos sócios

autores era verdadeira e respaldada pela importância da Instituição frente a sociedade. A partir dos anos 90, noto uma mudança na forma de apresentação dos artigos, permitindo outros referenciais para além do IHGRN e insinuações de pesquisas ainda em andamentos e com diferentes pontos de vista<sup>15</sup>.

Entretanto, durante longos anos, os artigos apresentados na Revista do IHGRN possuíam finalidade específica, apresentar a história do Rio Grande do Norte. Com os textos relacionados a educação não seria diferente. Aqui, especificamente com relação aos textos sobre educação não biográficos, divido os artigos em três categorias, possíveis de abarcar os escritos em seus assuntos gerais: legislação, memórias e resumos. Esses textos traziam características importantes para a construção da escrita do IHGRN que eram o poder das leis, a voz ofertada aos seus membros através de suas memórias escritas e os resumos que traziam um caráter de pesquisa historiográfica para a Revista. Todavia, esses artigos não eram publicados em sessões especiais sobre a temática ou a forma de escrita. Eram apresentados conjuntamente com outros artigos, misturados na primeira sessão da revista, destinada a publicação dos textos de seus sócios autores. Talvez, pelo fato de a Revista não possuir um projeto historiográfico definido, como salientou Karla Menezes, em artigo publicado na edição da Revista do IHGRN de 1997 – 1999:

Num período em que mesmo a nível de Brasil pouco era discutido o exercício historiográfico, o Instituto também não convergia esforços no sentido de discutir temas, períodos, metodologias, teorias e filosofias históricas com as quais fundamentaria sua historiografia. No nosso entender, a historiografia inicial do IHG/RN foi construída, como em outras instituições congêneres, não por uma discussão conjunta, pensada a partir da congregação como um todo, mas especificamente por aqueles que, interessados na matéria histórica, “devotaram-se à causa historiográfica”. (MENEZES, 1999, p. 25).

Nesse aspecto, observo que mesmo não possuindo um projeto específico, o IHGRN ainda conservava certas características, como a “exaltação” de seus sócios, em cada artigo publicado, como forma de perpetuar o valor da Instituição.

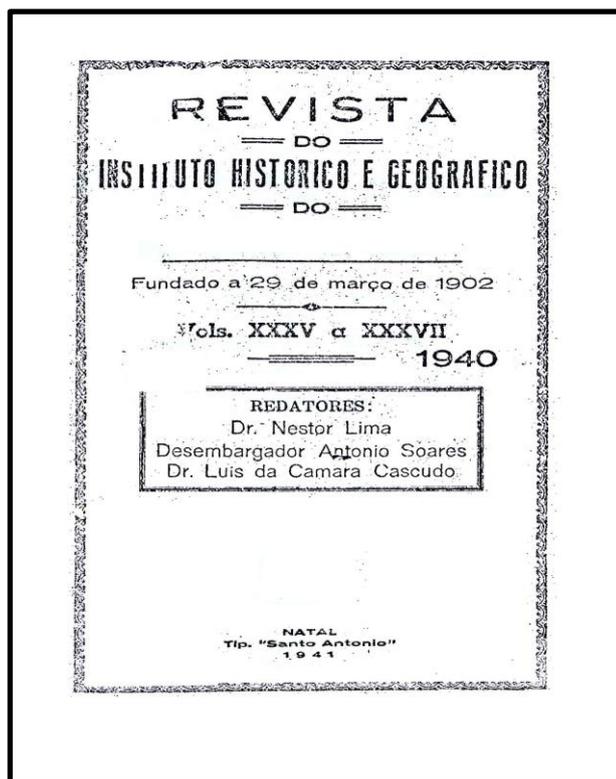
Mesmo sem esse projeto estabelecido, a Revista do IHGRN apresentava três sessões bem definidas que organizavam a forma de visualização da Revista enquanto

---

<sup>15</sup> Os dois textos escritos pelo sócio Itamar de Souza, *A educação pública do Rio Grande do Norte no governo do interventor Mário Câmara* e *Os primórdios da educação no Rio Grande do Norte: período colonial*, publicados nas edições de 2015 e 2016, respectivamente, são exemplos das mudanças ocorridas na forma de apresentação dos artigos na Revista do IHGRN. Os textos trazem inúmeros referenciais teóricos, bibliografia no final do artigo, citações diretas e indiretas, assim como representam, especificamente o texto publicado em 2016, pequenos ensaios sobre uma pesquisa maior ainda em andamento.

material de leitura. A parte mais extensa era destinada aos artigos, sobre assuntos diversos que abarcassem a história e geografia do Rio Grande do Norte ou que possuíssem relevância cultural para o estado, depois eram apresentadas as atas das sessões do Instituto/relatórios da presidência e, por fim, as necrologias, que eram pequenas homenagens biográficas aos sócios falecidos. Essas partes eram divididas pelos títulos respectivos, que indicavam ao leitor onde começava cada sessão. Pouco mudou no decorrer dos anos, mas nas últimas edições analisadas nessa dissertação nota-se a supressão das sessões das atas e da necrologia<sup>16</sup>. As mudanças foram necessárias ao passo que os grupos de intelectuais, também, mudavam sua forma de consumo sobre esses materiais impressos. Abaixo, destaco algumas imagens das mudanças realizadas pela Revista em algumas edições ao longo dos anos.

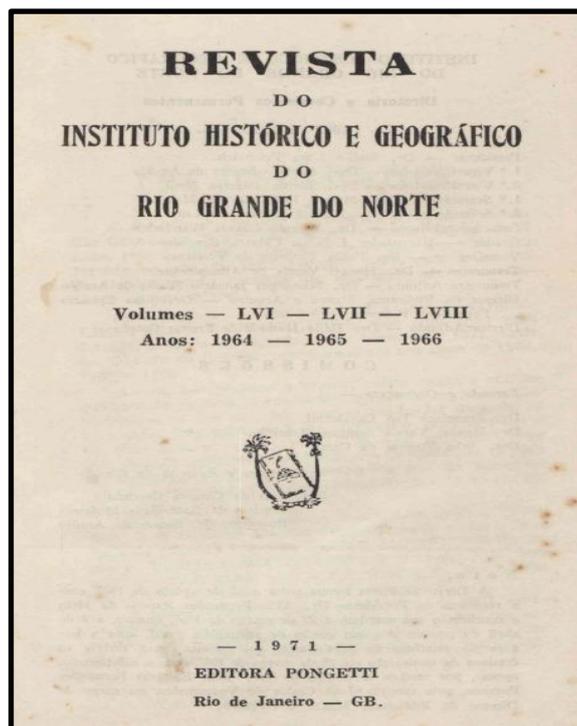
**Imagem I** - Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1938 – 1940.



Fonte: Revista do IHGRN (repositório digital do IHGRN).

<sup>16</sup> Nas últimas edições publicadas nos anos de 1980, já não é possível observar as necrologias como sessões únicas. Os elogios aos sócios falecidos passaram a ser escritos conjuntamente com os relatórios/atas do Instituto, de forma breve e sem os adjetivos atribuídos anteriormente. Essa mudança coincide com os problemas enfrentado pelo IHGRN com relação ao custeio de sua Revista. No período, o IHGRN recebeu apoio de fundações culturais e da Petrobrás para a manutenção e produção de seu impresso. Infiro que a retirada dessa sessão, presente desde a fundação da Revista, tenha sido uma forma de diminuir as folhas impressas e, com isso, o valor de produção do material.

**Imagem II** – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1965 – 1966



Fonte: Revista do IHGRN (repositório digital do IHGRN).

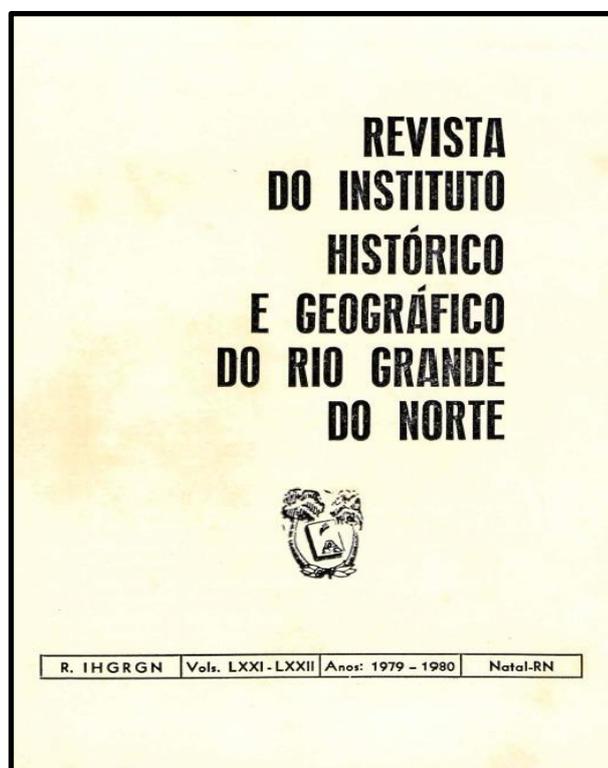
Nessas duas capas apresentadas acima, referente aos anos de 1938-1940 e 1965-1966, as letras, números, informações e símbolos aparecem centralizados. A fonte utilizada na imagem ainda possuía certo rebuscamento, que o IHGRN foi modificando ao longo dos anos. As fontes que aparecem nas capas, são repetidas nos títulos de artigos e sessões no interior das revistas. O brasão do IHGRN, representado por um livro, cuja capa possui a estrela e o Forte dos Reis Magos, entre duas árvores, um coqueiro e uma carnaubeira que fazem referência ao brasão do estado do Rio Grande do Norte, aparece em algumas edições da Revista, sendo suprimido em outras sem motivação aparente. Acredito que a escolha por não destacar o brasão do IHGRN em algumas edições seja puramente estética.

Destaco, também, as editoras e tipografias utilizadas pelo IHGRN ao longo do seu funcionamento. Desde 1903, o Instituto contou com a contribuição de 15 editoras/tipografias. A partir dos anos de 1938, data do primeiro artigo sobre educação analisado nesse trabalho, a tipografias foram: *Typographia Santo Antonio*, *Typographia Galhardo*, *Tipografia Centro de Imprensa S.A.*, *Departamento Estadual de Imprensa*, *Editora Pottengi*, *Editora Universitária* e *Companhia Editora do RN*. Em algumas

edições da Revista, os nomes das tipografias constavam na capa e em outras edições estava presente na folha de referência.

Infelizmente, como minha pesquisa foi realizada exclusivamente de forma virtual/remota, devido ao fechamento do arquivo e biblioteca do IHGRN para reforma, em 2019, e a pandemia do COVID-19 em 2020, que impossibilitou a abertura de certas instituições para a pesquisa, não possuí acesso ao material físico e com isso a análise do objeto ficou comprometida em alguns aspectos, como total de folhas em cada edição, cor original, materialidade do papel entre outros.

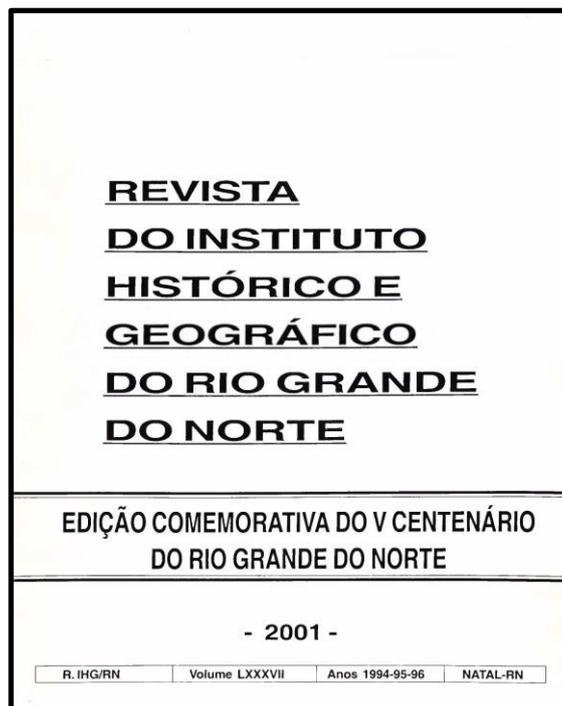
**Imagem III** – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1979 – 1980.



Fonte: Revista do IHGRN (repositório digital do IHGRN)

Na edição de 1979-1980 a centralização das informações foi substituída pelo recuo para a margem direita, assim como as fontes não chamam mais atenção pelo rebuscamento original. O IHGRN encaminhava-se, a partir de então, para a apresentação da Revista de forma mais simples, sem adornos ou informações em demasia, tendo em vista que o mais importante estaria presente no interior de cada número, os artigos dos sócios autores.

**Imagem IV** – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 1994 – 1996, edição comemorativa.

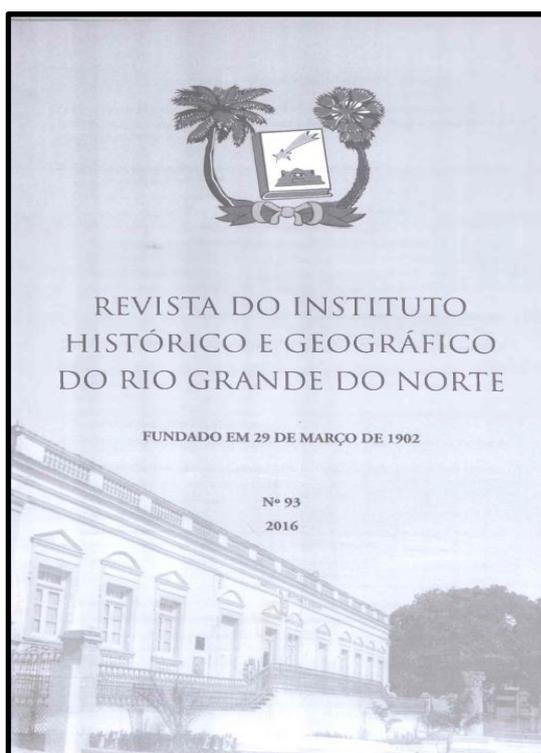


Fonte: Revista do IHGRN (repositório digital do IHGRN).

A Revista publicada no ano de 2001, fazia referência aos anos de 1994-1996 e tratava-se de uma edição especial em comemoração ao quinto centenário do Rio Grande do Norte. Os artigos publicados nessa Revista foram dedicados especialmente aos elementos que compuseram a história do estado, biografias de sujeitos considerados ilustres, história dos partidos políticos no Rio Grande do Norte, considerações sobre a fome e a ocupação do espaço sertanejo, o “templo” histórico de Cunhaú, entre outros artigos que buscava ressaltar a história norte riograndense ao longo de quinhentos anos.

Essa forma de apresentar a revista do IHGRN de forma mais simples e sem muitos elementos nas páginas iniciais do impresso continuou até os anos 2000, quando o Instituto percebeu a importância de tornar mais atrativo os elementos que configuram o rosto da Instituição para o público leitor. Claro que não devemos julgar o livro pela capa, como se afirma o dito popular, mas uma capa mais elaborada e bem produzida chama atenção de qualquer leitor. Assim, nas edições de 2015 e 2016, o Instituto optou por estampar em sua Revista a estrutura do prédio responsável pela construção da história do estado: a sede do IHGRN.

**Imagem V** – Primeira folha da Revista do IHGRN do ano de 2016.



Fonte: Revista do IHGRN, edição de 2016.

Nessa edição, o brasão aparece em destaque, ficando visível a estrela e o Forte dos Reis Magos, símbolos importantes para a cidade de Natal/RN. Em marca d'água, a fotografia da sede do IHGRN preenche toda a capa, mas permite um espaço que ressalta o nome da entidade e a data de fundação centralizados. Essa última edição foi impressa colorida, entretanto os artigos e textos presentes no interior da Revista permanecem de forma padronizada e monocromáticos.

A diferença presente nas formas de apresentação da Revista do IHGRN ao longo dos anos, reflete as mudanças ocorridas tanto na Instituição quanto no público leitor e consumidor desse produto impresso. As revistas publicadas no século XX foram reorganizadas para servir aos propósitos dessa nova geração. Referências e notas, escarças nos primeiros anos do impresso, apareceram com mais força nas edições publicadas nos anos 2000. Uma nova forma de apresentar as pesquisas realizadas pelos sócios do IHGRN estava sendo delineada de acordo com as necessidades de um novo grupo intelectual de consumo. Apesar da Revista do IHGRN não ter sido pensada para um grande público, como a sociedade norte riograndense no geral, era preciso se adaptar aos novos tempos.

Durante os anos de 1980, a Revista do IHGRN começou apresentar dificuldades na produção e publicação de seu impresso. Esses problemas eram relatados em justificativas no início de cada Revista, abordando a importância de manter em circulação um impresso que servia aos interesses culturais da região, divulgando a história e geografia do estado. Algumas instituições, como a Fundação José Augusto, destinavam recursos para viabilizar a publicação dos volumes da Revista. Na edição de 1985 – 1986, o então presidente do IHGRN, o Sr. Enélio Lima Petrovich, escreveu um “registro de gratidão” para a empresa Petrobrás:

[...] e somente graças à ajuda financeira, mais uma vez, da PETROBRÁS, colaborando, assim, para o desenvolvimento intelectual do Estado e do país, é que se edita este número do valioso periódico, veículo indispensável no campo da pesquisa e da história, em toda a sua plenitude. Daí, sempre oportuno ressaltarmos a compreensão e a solidariedade que predominam entre os ilustres responsáveis da citada empresa, em reconhecendo a importância desta publicação. Na verdade, em 1989, mantivemos contato com a Diretoria da PETROBRÁS, no Rio de Janeiro e aqui em Natal, expondo os motivos que justificam a edição da Revista, anualmente, em cumprimento das nobres tarefas da tradicional entidade, e obtivemos, de novo, o auxílio necessário (REVISTA DO IHGRN, 1986. p. 5).

Essa dificuldade reverberou na interrupção das publicações da Revista no início dos anos 2000. O IHGRN só voltou a publicar sua Revista no ano de 2015, com uma edição comemorativa aos 113 da Instituição. Na apresentação da revista, o então presidente do IHGRN, Valério Alfredo Mesquita, fez um apelo: “Nunca devemos nos esquecer que o IHGRN é patrimônio do povo potiguar” (REVISTA DO IHGRN, 2015, p. 6). Nessas últimas edições, observo uma configuração mais popular, com imagens na capa e fontes de letras mais diversas, talvez um esforço em tornar a Revista, para além de seu conteúdo, mais atrativa ao público leitor.

Ainda assim, a Revista do IHGRN seguiu sendo um material destinado para aqueles que possuíam interesse em conhecer a história e geografia do estado, não abrangendo outros setores da sociedade, sendo limitada, ainda nos dias de hoje, pelo seu conteúdo e forma de apresentação. Isso se deveu ao fato de seu público alvo ter sido os grupos de intelectuais e outras instituições culturais de igual natureza, que possuíam interesses semelhantes aos do Instituto. A Revista se vestiu para essas pessoas e se direcionou de forma a viabilizar novas ideias de pesquisa ou, ao menos, interesse em conhecer o IHGRN através de seus sócios e seus estudos. O impresso seria o rosto da instituição apresentado aos lugares mais distantes e uma forma de aproximar os sócios autores e intelectuais de diferentes institutos no Brasil.

Nos próximos capítulos, apresentarei os artigos sobre educação publicados na Revista do IHGRN, escritos pelos sócios mencionados anteriormente, discorrendo sobre suas problemáticas e abordagens ao longo dos anos.

# Capítulo II

## Histórias sobre educação na Revista do IHGRN

“Só lhes posso assegurar é que, hoje como no primeiro dia, a minha confiança é a mesma nos altos desígnios da nossa instituição”  
(Nestor Lima, 1938).

A confiança dos sócios do IHGRN pela própria instituição é peça fundamental no desenvolvimento da conhecida *Casa de Memória*. Em discurso proferido no dia 21 de outubro de 1938, em decorrência da instalação do IHGRN em sua sede definitiva, o então presidente do Instituto, Nestor Lima, deixou claro o sentimento de esperança frente aos anos vindouros da instituição, cuja frase destaquei na epígrafe deste capítulo. O presidente ainda continuou: “Vejo que os companheiros queridos desertam do posto, e na distancia em que se colocam, acompanham, porém, com cativante simpatia e interesse, a marcha ascensional do nosso Instituto.” (REVISTA DO IHGRN, 1938, p. 23). É notório saber que ao longo de tantos anos, sujeitos contribuíram e deram vida aos projetos e atividades desenvolvidos pelo Instituto e que, com isso, prolongaram a existência da instituição através de suas amizades, círculos de sociabilidades, contatos com outras instituições que garantiram subsídios para o funcionamento do Instituto. Esses sujeitos, também contribuíram com a organização da Revista do IHGRN e ofereceram seus nomes, suas pesquisas, em prol da circulação de ideias aprovadas nas reuniões na sede do Instituto. O IHGRN ganhou voz através de seus sócios e das folhas de seu impresso, apresentando as visões defendidas por aquela Instituição. Impresso que versava sobre os mais diversos assuntos discutidos em suas salas, reuniões e conversas informais entre seus sócios.

Entretanto, a Revista do IHGRN não atingia todos os setores da sociedade. Em números limitados, ela percorreu os círculos de indivíduos que dedicaram parte de sua vida ao desenvolvimento intelectual e cultural, interessados na história e geografia do Rio Grande do Norte. Com isso, se faz necessário analisar os assuntos abordados na revista levando em consideração o ponto de vista desses sujeitos, como já mencionado no capítulo anterior, quando trato do público alvo da revista. Os textos aqui analisados se enquadram na primeira categoria em que divido os artigos encontrados na Revista do IHGRN. A saber, artigos sobre educação em seu aspecto mais geral, abordando as instituições, resumos sobre ensino ao longo do tempo e memórias escolares. Desse modo, fica mais nítida a disposição dos textos ao longo dos anos, bem como os autores responsáveis pelos temas e assuntos apresentados.

Para uma melhor análise dos artigos encontrados na Revista do IHGRN sobre educação e para compreendermos como o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte apresentava sua visão acerca do assunto através do olhar de seus sócios, dividi esse capítulo em subtópicos de acordo com os temas encontrados nos artigos. O primeiro, corresponde aos artigos que se referem à legislação, ou seja, a instauração de leis e

decretos sobre a educação no Rio Grande do Norte que contribuíram com o desenvolvimento desse setor em nosso estado. Ao todo, encontrei três artigos sobre o tema em questão, que serão analisados a seguir.

No segundo tópico desse capítulo, discuto os resumos sobre a história da educação no Rio Grande do Norte. Esses artigos apresentam um caráter mais historiográfico para a revista, mostrando ao público, a pesquisa realizada por seus sócios. Aqui, também, podemos observar a figura do autor enquanto pesquisador, que apresenta seus resultados de pesquisa ao público leitor. Com isso, o IHGRN, através de sua Revista, disponibilizou alguns estudos de seus sócios para que possamos, juntos, desfrutar desse conhecimento que circulou através do impresso e que, hoje, especificamente para este trabalho, serve como fonte histórica.

Por fim, no último tópico, problematizo as memórias dos sócios do IHGRN sobre a educação, mas especificamente sobre o tempo em que frequentaram instituições de ensino no Rio Grande do Norte, trazendo relatos pessoais sobre como a educação era organizada no período tratado. Esses artigos, em especial, apresentam uma visão em primeira pessoa, repleta de emoção e envolvimento com o assunto tratado, por isso foi de suma importância uma atenção mais precisa ao analisar tais artigos, para se captar as nuances do discurso.

## **2.1 Entre reformas e leis: o ensino norte-rio-grandense**

Com a fundação do IHGRN, em 1902, a necessidade de compartilhar as pesquisas e estudos realizados por seus membros tornou-se uma constante, tendo em vista o caráter científico da instituição que ali se construía. Muitos dos sócios, logo iniciaram a escrita e divulgação de artigos sobre o estado do Rio Grande do Norte no periódico da instituição, especialmente sobre as questões relativas aos limites territoriais, como já mencionado no primeiro capítulo dessa dissertação. Outros assuntos foram ganhando destaque nas páginas do impresso no decorrer dos anos. Sobre a educação, aqui destaco a escolarização, que recebeu seu primeiro artigo na revista referente aos anos de 1938 à 1940<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> No decorrer dos anos de seu funcionamento, a Revista do IHGRN lança edições compiladas, reunindo dois ou três anos em uma só revista. É o caso das edições referentes aos anos de 1938 – 1940, 1948 – 1950, 1962 – 1963, 1973 – 1975, 1979 – 1980 1987 – 1988, 1992 – 1993, 1994 – 1996 e 1997 – 1999 (edições utilizadas nessa dissertação).

Escrevo nesse tópico sobre os artigos publicados na Revista do IHGRN, que ressaltam leis e decretos sobre a educação, especificamente sobre a criação de uma cadeira de gramática latina no interior do estado potiguar, sobre uma reforma de ensino proposta à câmara dos deputados e sobre decretos que subsidiaram o funcionamento educacional no estado. Esses temas apareceram na Revista do IHGRN nas edições de 1938-1940, 1959 e 1960, tendo como autores dos textos José Augusto Bezerra de Medeiros<sup>18</sup> e Antônio Gomes da Rocha Fagundes<sup>19</sup> e não retrataram o tempo contemporâneo de seus autores.

O artigo da revista de 1938-1940, que tem como título *A Cadeira de Gramática Latina na Villa do Príncipe*, escrito por José Augusto, iniciou o recorte temporal dessa pesquisa, sendo o primeiro artigo sobre educação publicado na Revista do IHGRN. Noto que somente trinta e cinco anos após a criação do Instituto e de sua revista, um artigo sobre educação teve visibilidade dentro de seus círculos intelectuais, o que pode demonstrar, inicialmente, o esquecimento ou desinteresse sobre tal assunto nos primeiros anos de funcionamento da Revista. Destaco o fato de que, desde a fundação do Instituto, estiveram presentes professores “de grande” reconhecimento no estado do Rio Grande do Norte<sup>20</sup>, mas que durante anos silenciaram acerca do assunto sobre educação no impresso do instituto, talvez pelo fato da criação do IHGRN ter acontecido no início do período republicano, onde os novos arranjos educacionais estavam se delimitando, ou talvez pelo contexto dos primeiros trinta anos do século XX, onde o IHGRN ofereceu toda sua atenção ao arquivo e trato dos documentos referentes ao Rio Grande do Norte que estavam espalhados pelos Brasil, na busca para compor seu acervo.

É notório saber que, nesses primeiros anos da revista, seus artigos estavam voltados a publicação de documentos referentes a questão de limites enfrentada pelo estado e que grande parte dos artigos publicados remetiam ao período colonial e ao império brasileiro. O primeiro artigo sobre educação remetia-se ao século XIX e apresentava a lei que criou a cadeira de gramática latina na Villa do Príncipe, hoje

---

<sup>18</sup> Nasceu na cidade de Caicó localizada no interior do Rio Grande do Norte, no dia 22 de setembro de 1884. Pertencia a uma família importante de políticos do Seridó. Fez seus estudos primários ainda em Caicó e, logo após, seu ensino secundário na capital do estado, Natal. José Augusto foi um importante político norte rio-grandense, exercendo o cargo de governador entre os anos de 1924 e 1927. Era professor, realizando diversas atividades intelectuais em instituições brasileiras de grande relevância, como por exemplo o IHGB e a Academia Norte Rio-Grandense de Letras.

<sup>19</sup> Nasceu em Canguaretama em 09 de dezembro de 1896 e dedicou parte de sua vida as causas da educação. Foi professor, inspetor de ensino, diretor de escola e diretor do Departamento de Educação. Muitos de seus livros publicados são relacionados a atividade docente e biografias (Ver: CARDOSO, 2000).

<sup>20</sup> Figuram como sócios fundadores do IHGRN, os professores: Henrique Castriciano de Sousa, Francisco de Sales Meira e Sá, Augusto Tavares de Lyra e Manoel Gomes de Medeiros Dantas.

conhecida como Caicó. Escrito por José Augusto, esse artigo, trouxe o texto da lei, assim como, também, retratou de forma narrativa as discussões que levaram a aprovação do projeto encabeçado pelo Padre Brito Guerra, então deputado do estado do Rio Grande do Norte no ano de 1832. Ao longo de oito páginas, José Augusto apresentou a discussão no parlamento e aprovação da lei, sem muitas referências ou dados que mostrasse a natureza de suas informações.

É importante observar que a falta de referências que demonstrem a fidelidade dos dados, aparentemente, não acarretou problemas para a escrita histórica na revista nesse período. Durante boa parte do século XIX e XX, quando a pesquisa histórica começou aparecer de fato no Brasil, os trabalhos não eram conduzidos por sujeitos formados/especializados nessa área específica e com o método que conhecemos hoje. O historiador Francisco Iglésias (1971) ressaltou que o que se enxerga sobre a escrita histórica nesse período, especialmente nos IHGs, é a “[...] crônica dos que se gastam em festejar os poderosos do dia ou os fatos de ontem, sem análise crítica, apenas para exercícios oratórios, no pior sentido acadêmico, com votos de louvor e de pesar, elogios e necrológicos, como clubes recreativos ou grêmios de ginásios de cidades do interior.” (IGLÉSIAS, 1971, p. 381). Apesar das críticas tecidas em torno da produção historiográfica brasileira, Francisco Iglésias reconheceu a importância dos Institutos Históricos de todo o Brasil na busca pela escrita e pesquisa historiográfica. Assim, percebo que José Augusto, autor do artigo aqui apresentado, estava em consonância com a forma de produção proposta pelo Instituto, submetido ao *modo de fazer história* dessa instituição.

A Revista do IHGRN, enquanto material de divulgação científica, já oferecia a credibilidade aos assuntos apresentados, sem a necessidade de outras informações, devido ao status da instituição frente a sociedade no período; os institutos históricos e geográficos eram considerados instituições importantes para a construção da História Nacional, nascendo em um contexto em que a História ganhou ares de ciência e o historiador sai do seu espaço de “homem das letras” e assume a postura de pesquisador (SCHWARCZ, 1993). Desse modo, ao transcrever a lei exatamente como fora publicada em 1832 e referir-se as citações retiradas dos Anais Parlamentares<sup>21</sup> da discussão ocorrida em prol do projeto do deputado Brito Guerra, José Augusto não careceu de comprovação dos dados de pesquisa, pois sua própria narrativa trouxe notoriedade ao estudo, como

---

<sup>21</sup> Os anais originais estão disponíveis digitalizados no site da Câmara dos Deputados e podem ser acessados através do link: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/28399>> Acesso em 31. Dez 2019.

podemos observar na escrita do próprio autor: [...] conforme se verifica da resenha dos debates a que acima fica feita, e **que recolhi dos próprios Anais Parlamentares**, o assunto mereceu larga discussão, na qual tomaram parte figuras de maior projeção na Câmara e no País (REVISTA DO IHGRN, 1938, p. 43. Grifo meu).

A figura do autor enquanto responsável pelo texto e, portanto, portador da verdade desse discurso é analisada por Roger Chartier que retratou em muitas de suas obras a construção da função do autor ao longo dos anos<sup>22</sup>. Em uma conferência revisando a genealogia de Michel Foucault, Chartier (2014) discorreu sobre “o que é um autor?” e abordou essa temática da autoridade de um texto através do nome próprio. Afirmou ser um modelo de validação textual que remete aos tempos aristocráticos, em que somente príncipes e poderosos possuíam o poder da verdade. O autor aparece nesse ponto como figura de poder, a medida em que empresta seu nome para circulação de um determinado texto ou ideia específica.

Além da autoridade conferida pela atribuição do nome próprio do autor, os textos publicados na Revista do IHGRN ainda contavam com uma segunda validação: a do próprio Instituto Histórico. Na medida em que os textos foram publicados em sua revista, a materialidade do escrito, ou seja, o texto e a revista, que segundo Chartier (2014) são indissociáveis, ganhava forma e conferia autoridade ao escrito, como já observamos no primeiro capítulo desse trabalho. Desse modo, o IHGRN oferecia, aos leitores da Revista, a intenção de que os artigos publicados no impresso não careciam, inicialmente, de validação referencial ou bibliográfica, pois a integridade da pesquisa aceita e publicada pelo próprio IHGRN era reconhecida dentro dos círculos intelectuais. Assim, José Augusto escreveu seu texto de forma a instruir o leitor sobre uma “verdade” contida em suas palavras e sobre a fidelidade aos documentos, retirados por ele mesmo dos Anais Parlamentares, e da discussão ocorrida na câmara no dia 30 de junho de 1832.

Entretanto, compreendendo a subjetividade do autor expressa em escritos, interpreto esse artigo e observo o direcionamento dado a educação para as classes mais abastadas do Rio Grande do Norte. Logo no primeiro parágrafo, José Augusto ressaltou a importância da criação da cadeira de gramática latina “[...] imprescindível às camadas da elite” (REVISTA DO IHGRN, 1938, p. 38) e ao desenvolvimento intelectual da sociedade seridoense. Em seguida, selecionou partes dos diálogos ocorridos na câmara,

---

<sup>22</sup> Destaco *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII* (1994); *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador* (1998); *O que é um Autor?: revisão de uma genealogia* (2014).

sobre a aprovação do projeto de instauração da cadeira de gramática latina na Villa do Príncipe. É importante observar que a própria seleção do material e como esse diálogo é tratado retrata um pouco sobre como José Augusto se colocou frente ao documento repassando a informação encontrada aos demais leitores do impresso. Sabe-se que o autor do texto nasceu na cidade de Caicó (a época chamada de Villa do Príncipe) e que a escolha de seus documentos, assim como os adjetivos usados para a construção da história do povo caicoense, pode, sim, revelar interesses e sentimentos pessoais.

Antes de iniciar a narrativa sobre a discussão ocorrida na câmara, José Augusto contextualizou o motivo que levou tal empreendimento. Ressaltou ao público o possível estranhamento inicial de ter uma sociedade rural, com “[...] rudes fazendeiros” (REVISTA DO IHGRN, 1938, p.38), reivindicando uma cadeira de estudos clássicos. Porém, justificou tal posição ao afirmar que

[...] é preciso considerar (e aí se encontrará a explicação satisfatória do fato) que os povoadores iniciais do Seridó, as primeiras famílias que ali se instalaram e fixaram, tinham origem mais ou menos ilustre, descendiam de elementos distinguidos da elite social do Pernambuco (REVISTA DO IHGRN, 1938, p. 38).

Desse modo, o autor justificou a importância da educação para as classes abastadas do interior do estado e reafirmou uma visão elitista da educação no início do século XIX. Entretanto, é importante observar que José Augusto escreveu esse artigo no vigésimo século e em seu texto não coube uma ressalva sobre a importância da educação para todas as classes brasileiras. O contexto dos anos de 1930, vivenciado pelo autor enquanto escreveu esse artigo, foi um período de valorização do ensino profissionalizante. Nesse momento, ainda se observava uma dualidade no sistema educacional, dividido entre ensino prático para as camadas mais pobres e um ensino mais voltado às áreas intelectuais, direcionando o ensino superior para a elite brasileira.

Acredito que esse contexto levou José Augusto a não perceber uma diferença significativa no setor educacional, no que diz respeito a valorização de um certo tipo de ensino para as classes mais abastadas; ou seja, para o autor é comum ter uma educação diferenciada, capaz de formar adequadamente a elite, futura gestora administrativa do país. O parágrafo citado anteriormente, que expressa a relevância do ensino para uma determinada classe, não pontuou o ensino popular como de igual importância para a formação de cidadãos no país. Esse modo de apresentar a educação revela um pouco sobre

o lugar social ocupado pelo autor, como, também, o lugar social ocupado pela instituição que publica o artigo: um lugar de poder.

Não posso esquecer da influência do IHGRN no direcionamento da escrita do autor. Não é uma forma de isentar a singularidade do texto de José Augusto, mas, sim, vinculá-lo ao instituto e sua forma de apresentar a educação norte-rio-grandense. Observo que o artigo acima destacado contempla um objetivo do próprio IHGRN, que é a divulgação de documentos referentes ao Rio Grande do Norte. Ao transcrever o Decreto de 7 de agosto de 1832, assim como o debate ocorrido na câmara para aprovação do projeto de implantação da cadeira de gramática latina, José Augusto demonstrou que a apresentação do resultado de sua pesquisa está ligada interinamente ao instituto, não sendo somente ele o único autor do texto.

Essa forma de escrita, expondo a documentação com pouca intervenção do autor-escritor, também pode ser observada no segundo artigo publicado pelo autor e analisado nesse capítulo, a saber: *Tavares de Lyra e a Reforma do Ensino Público*. Nesse texto, publicado na revista referente ao ano de 1959, José Augusto ressaltou seu único objetivo possível:

[...] expor os pontos de vista de Tavares de Lyra em relação aos problemas educativos do Brasil, compendiados na exposição endereçada em 1907 ao Congresso Nacional pelo Governo Afonso Penna, encaminhando o projeto de reforma do ensino público elaborado por êle, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, (Ministério que naquela ocasião superintendia também a instrução pública), projeta em que o problema fundamental do país a educação, era atacado por múltiplas faces. *Parece-me útil, para melhor conhecimento das idéias de Tavares de Lyra a respeito, deixar aqui na íntegra a sua exposição* (REVISTA DO IHGRN, 1959, p. 31. Grifo meu).

Assim, como no primeiro artigo escrito pelo mesmo autor e já mencionado nesse capítulo, a escolha da exposição *ipsis litteris* do texto aparece como característica principal dos textos sobre educação, remetidos ao nome de José Augusto, dentro da Revista do IHGRN.

A exposição do projeto de reforma por Tavares de Lyra foi transcrita, porém não foi apresentado ao público sua natureza de fato. O local em que José Augusto retirou essa documentação não exposto em seu pequeno texto de introdução, que ficou destinado a uma breve explanação sobre Amaro Cavalcanti e Tavares de Lyra, dois ilustres norte-rio-grandenses que se destacaram na vida pública; como também não descrito em alguma nota de rodapé, pouco comum na diagramação daquela revista. Entretanto, o que mais chama a atenção é a mudança vivenciada na escrita do autor com relação a educação. Se

em 1938 José Augusto apresentava uma documentação referente ao oitocentos e ressaltava a importância da educação para a formação da elite no estado, em 1959 esse mesmo autor transcreveu um importante documento sobre um projeto de mudança no ensino brasileiro que visava apoiar a interferência da União no Ensino Primário.

O projeto de reforma do ensino encabeçado por Tavares de Lyra, em 1907, teve como principal objetivo alertar ao Estado os problemas enfrentados pela educação, afirmando que o ensino, tal como ele existia no período, não satisfazia as necessidades impostas pela nova sociedade brasileira. Mais uma vez, José Augusto não escreveu sobre seu tempo presente, mas deixou transparecer nas entrelinhas seus interesses, enquanto autor vinculado a uma instituição, através da escolha da documentação e da forma que direcionava o público para a leitura do documento. Se em 1938 ele compreendia a existência de educação dividida entre classes, em 1959 ele afirmou a importância da educação popular para o desenvolvimento da sociedade brasileira, defendendo que as ideias expostas por Tavares de Lyra eram “novas” e “salutares”. Compreendo que a educação está diretamente ligada as mudanças ocorridas nos setores políticos e econômicos de uma sociedade, pois alinha-se a esses projetos na busca pela formação do atual cidadão. Entretanto, ao perceber que o contexto político de 1959 ainda favorecia o Ensino Superior em detrimento do Ensino Primário, infiro que José Augusto, ao afirmar que as ideias de Tavares de Lyra eram novas, buscava exaltar esse sujeito, de carreira reconhecida e sócio do IHGRN, como figura protagonista na construção de uma História da Educação, cumprindo, assim, com o objetivo do próprio Instituto de apresentar sujeitos ilustres para figurar na mentalidade regional como heróis.

Outro fato importante a ser destacado, e que pode, também, ter influenciado a escrita de José Augusto, é a mudança de abordagem da educação nas Constituições vigentes durante a escrita do autor. A *Constituição de 1937* apresentava a dualidade do ensino, dividido entre profissional e intelectual, direcionado de forma diferente a elite e as classes mais pobres. Nesse documento, a educação era vista para atender os interesses de um Estado totalitário<sup>23</sup> e guiar a sociedade para os fins previstos pelo governo. Na Constituição de 1946, que estava vigente quando o segundo artigo de José Augusto fora publicado na Revista do IHGRN, a educação era apresentada como um “direito de

---

<sup>23</sup> A Constituição de 1937 trazia o respaldo necessário ao funcionamento do governo totalitário instaurado pelo Estado Novo. Além disso, traz em seu Art. 125 a seguinte determinação: *A educação integral da prole é o primeiro dever e o direito natural dos pais. O Estado não será estranho a esse dever, colaborando, de maneira principal ou subsidiária, para facilitar a sua execução ou suprir as deficiências e lacunas da educação particular.* Ou seja, o Estado poderia atender de forma controlada as necessidades educacionais.

todos”<sup>24</sup> e a gratuidade do ensino público era visto com a importância necessária para o desenvolvimento de um sistema educacional sólido.

Apesar de escrever sobre o passado, José Augusto trouxe a luz as discussões que interessavam ao seu tempo presente e, principalmente, aos círculos intelectuais em que estava inserido. Era preciso que, em 1959, José Augusto publicasse junto à Revista do IHGRN um artigo sobre a reforma do ensino e trouxesse tal discussão à superfície, demonstrando que as ideias pioneiras de Tavares de Lyra influenciaram, de certo modo, as mudanças educacionais encontradas em seu tempo presente, pois “as idéias justas e verdadeiras têm uma enorme força e terminam sempre por ser vitoriosas”, como afirmou. Terminou seu texto enfatizando o acolhimento das ideias de reforma, propostas em 1907, nos anos posteriores e concluiu a leitura de seu artigo, enquanto pesquisadora, com a sensação de que Tavares de Lyra, um norte rio-grandense membro do IHGRN, obteve importante participação nacional frente ao setor de educação, lançando ideias pioneiras e revolucionárias em seu tempo, de acordo com a representação que José Augusto pretendeu construir a respeito desse sujeito.

O texto de Antônio Fagundes em muito se assemelha aos artigos de José Augusto quanto ao trato das fontes. Não há uma menção ao local do arquivo de onde foram retirados os documentos mencionados em seu texto, a fidelidade de suas palavras bastaria para que os leitores acreditassem na veracidade de sua pesquisa. O artigo apresentou uma série de resoluções e decretos que ofereceram assistência ao ensino no Rio Grande do Norte desde a primeira metade do século XIX e tem como título *O Ensino no Rio Grande do Norte: subsídios para sua história*. Esse texto foi publicado na revista referente ao ano de 1960, tratando de uma divulgação de um resultado de pesquisa realizada pelo autor do artigo com relação ao ensino no estado. Antônio Fagundes catalogou, mesmo com dificuldade em meio aos arquivos dispersos e com pouco tempo para realização desse trabalho, como afirmou na introdução de seu artigo, o maior número de decretos e resoluções referentes ao ensino e os apresentou, com suas próprias palavras, na Revista do IHGRN, sem ao menos mencionar de onde tais documentos foram retirados.

Ao contrário de José Augusto, Antônio Fagundes não transcreveu o documento, mas, sim, apresentou sua própria leitura do material pesquisado e ofereceu uma

---

<sup>24</sup> O Art 166, da Constituição de 1946, traz a seguinte determinação sobre a educação no Brasil: *A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana*. Essa Constituição apresenta um princípio mais democrático em contraposição a Constituição anterior, de 1937.

contribuição, segundo o próprio autor, aos próximos historiadores que poderiam dedicar-se ao estudo do ensino no estado, ressaltando logo no início de seu texto: “Sem outro intuito que não o de prestar pequeno auxílio aos que se propuserem à realização de um trabalho sistematizado, aqui deixo o que tenho podido colher a respeito, mau grado o reduzido tempo de que disponho.” (REVISTA DO IHGN, 1960, p.47). Seu artigo trouxe para os leitores os primeiros decretos/leis que contribuíram com o desenvolvimento da educação no estado do Rio Grande do Norte, além de uma apresentação do funcionamento burocrático do ensino, como por exemplo a quantia dos ordenados oferecidos aos professores, os locais de aulas e a criação de escolas físicas. Mencionou a criação da cadeira de gramática latina em Caicó, mas não fez referência ao artigo, sobre esse assunto, escrito anos antes por José Augusto e publicado na Revista do IHGRN. Seu artigo foi prioritariamente informativo e não ultrapassou o século XIX, finalizando seu recorte temporal em 1858 sem uma conclusão definitiva, pois o texto terminou abruptamente, oferecendo uma impressão de continuidade. Talvez essa tenha sido a intenção do autor, apresentar ao leitor a ideia de que os decretos sobre educação continuaram sendo desenvolvidos e o ensino continuou progredindo no estado.

A semelhança entre os artigos de José Augusto e Antônio Fagundes encontra-se na apresentação da educação em sua forma jurídica, ou seja, através dos decretos, da proposta de reforma e do funcionamento educacional durante o século XIX e início do século XX. Os autores dos textos ofereceram ao público leitor uma forma de acesso ao documento, mesmo sem a identificação do local de arquivo em que pesquisaram, e uma catalogação desses documentos através de suas pesquisas, como é o caso do último artigo apresentado aqui. Esses artigos serviram como socialização de suas pesquisas atuais sobre o assunto para os demais sócios do Instituto, assim como para outros intelectuais que fizeram uso da Revista do IHGRN. É notório pensar que, ao apresentar a educação dessa forma, esses autores contribuíram com futuras pesquisas entre seus iguais, de forma a expor o modo como o Instituto desenvolve sua pesquisa, apresenta os resultados e demonstra ao seu público sua visão sobre a educação.

Ficará claro ao longo dessa dissertação, que a educação foi sendo apresentada ao público leitor da Revista de diversas maneiras, mas geralmente através de sujeitos ou instituições. A Revista do IHGRN, de forma a não assumir certo posicionamento específico, apresenta-se como material de divulgação das pesquisas realizadas no interior do Instituto pelos sócios e, portanto, segue as discussões de seu tempo. Nesse caso, é importante observar que mesmo ao retratar a educação em um tempo relativamente

passado, os sócios-autores apresentaram documentos e direcionaram o olhar do leitor para tais assuntos pertinentes em seu tempo presente. Esse ponto pode ser observado no fato do primeiro artigo sobre educação aparecer somente na década de 1930, quando a sociedade brasileira enfrentava mudanças em seu sistema político e econômico e a educação aparecia como fator necessário para a nova ordem social.

Com relação aos autores, José Augusto nos ofereceu uma percepção maior da mudança em sua forma de escrita, por ter publicado seus textos em anos distintos e sobre o mesmo assunto. Desse modo, pude comparar sua escrita nos dois anos e analisá-la de acordo com o contexto em que vivia seu autor, diferentemente de Antônio Fagundes, que apresentou um resumo das leis e apagou-se enquanto sujeito ao longo de seu texto. Essas formas de escrita não representam o autor enquanto sujeito, com pensamentos e opiniões sobre diversos assuntos, pois, se levado em consideração, os autores apresentados nesse trabalho estavam vinculados diretamente ao IHGRN, jurando cumprir com seus deveres de sócios e preservando a imagem do Instituto enquanto entidade cultural. Logo, todos os artigos publicados nesse periódico apresentaram um padrão a ser mantido para conservação da revista enquanto material de circulação de determinado saber.

É com o autor que a instituição se comunica e consolida seus escritos nas páginas de um impresso. É o autor que ajuda a dar cara ao projeto de materialização das pesquisas desenvolvidas pelos sócios do Instituto. Os sujeitos, que cedem seus nomes próprios aos escritos da Revista, possuem suas características e lutas pessoais que podem ou não transparecer em seus escritos. Quando Roger Chartier (2014) discorreu sobre a história de “Borges e Eu”, referindo-se a dualidade existente na significação atribuída ao “autor”, apresentou uma discussão ampla sobre como a existência do sujeito (eu) pode diferenciar-se da existência do nome próprio atribuído aos textos (Borges). Quando percebo a diferença na escrita de José Augusto, estou observando o próprio autor enquanto sujeito ou o autor vinculado ao jogo de interesses existentes dentro de uma instituição na qual faz parte? É importante salientar que o próprio IHGRN possui sua forma de apresentar a educação e ao analisar os próximos artigos ao longo dos anos de funcionamento da Revista posso retomar essa discussão e responder essa pergunta.

Sigo nas próximas páginas apresentando os autores e artigos sobre educação, dessa vez voltados aos resumos sobre o ensino e a educação desenvolvida no Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, no Brasil. Nesses artigos, foi observado o caráter historiográfico da Revista, assim como a figura do autor enquanto pesquisador de determinados assuntos. A divulgação desses textos apresentava ao público os trabalhos

realizados no interior do IHGRN pelos sócios que se dedicavam a pesquisa historiográfica. Esses artigos são como janelas que se abrem para o mundo exterior através da pesquisa e da circulação dos resultados obtidos através dela. Por meio deles, outros intelectuais poderiam observar como determinados assuntos são pesquisados e abordados nas páginas do impresso, expondo um rosto científico ao IHGRN.

## 2.2 Entre textos e pesquisas: um resumo da educação no Rio Grande do Norte

Os artigos que possuem como tema o *resumo de histórias sobre o ensino* aparecem em maior número, de acordo com as categorias em que subdivido esses textos nesse capítulo, na Revista do IHGRN representando o assunto geral que analiso, a saber: “educação”. Correspondem a um total de nove textos escritos entre 1961 à 2016 por diferentes sujeitos ligados ao Instituto, que contribuíram com a divulgação e circulação da história do Rio Grande do Norte, na medida em que retratam, em seus escritos, como o ensino foi tratado ao longo dos anos no estado. Alguns desses textos são discursos realizados pelos membros do Instituto em eventos, que mereceram o devido destaque nas páginas da Revista devido ao caráter historiográfico, que casava com os objetivos do Instituto, que visava publicar “[...] as memórias e documentos relativos à história do Rio Grande do Norte e à sua geographia, os trabalhos dos sócios o as notícias e os extractos du nossa história publicados em outra parte, no Paiz ou no estrangeiro” (REVISTA DO IHGRN, 1927, p. 4). Neste tópico, apresento os artigos que, encaixando-se na categoria de *resumos*, expuseram na Revista do IHGRN histórias sobre a educação no Brasil, seus aspectos mais gerais, e no Rio Grande do Norte, de forma a destacar o Ensino Comercial, o ensino de música nas escolas e a educação doméstica.

O primeiro resumo que se fez presente, nas páginas da Revista, foi escrito por Ulisses Celestino de Gois<sup>25</sup> e tem como título *O Ensino Comercial em Natal*. Esse artigo foi uma contribuição ao I Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município do Natal. O início do texto conta com uma contextualização do ensino comercial no país, que surge no período colonial e se estende até o vigésimo século, tal como ele foi criado inicialmente. Segundo Eduardo Cristiano Hass da Silva (2016), o

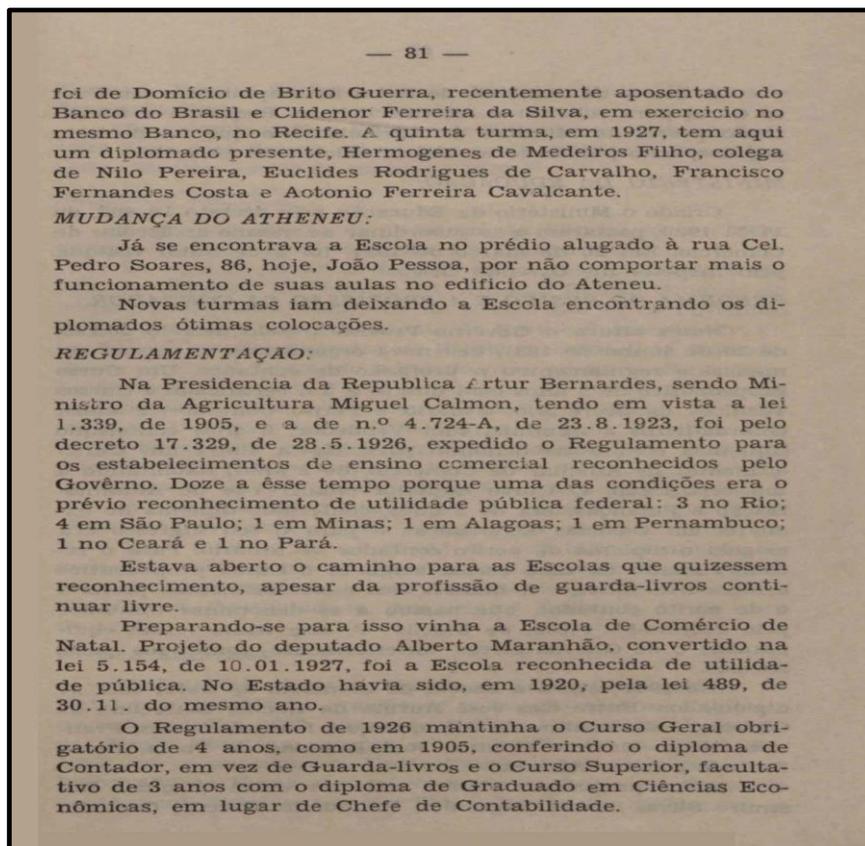
---

<sup>25</sup> Nasceu em Natal na data de 25 de abril de 1896 e desempenhou funções, ao longo da vida, de jornalista, professor e cooperativista. Famoso pela sua vinculação a igreja católica, Ulisses de Góis dedicou sua ação dentro de congregações religiosas em prol da educação, instalando escolas e lutando pela construção da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal. Para mais informações ver: CARDOSO (2000).

ensino comercial era uma subdivisão do ensino profissional e objetivava formar jovens para atuação no comércio, ofertando cursos técnicos e superiores nas áreas de maior necessidade, por exemplo secretariado, administração-venda, contabilidade, guarda-livros entre outros. Recebeu grande atenção durante o governo Vargas por meio do *Decreto 20.158*, de 30 de junho de 1931, que organiza o ensino comercial e regulamenta a profissão do contador.

Após a explanação geral sobre o ensino comercial no Brasil, Ulisses de Gois escreveu sobre tal ensino na capital do estado do Rio Grande do Norte. Apresentou um breve panorama sobre o modo de funcionamento do Ensino Comercial: sua localização primeira no Atheneu Norte Riograndense, seus primeiros professores, a mudança para uma nova sede, a regulamentação por meio do *Decreto 17.329* de 1926, na presidência de Artur Bernardes, que possibilitava o reconhecimento do Ensino Comercial pelo Governo Federal e a reorganização desse ensino, já em 1943, com o *Decreto 6.141* que reformava os cursos ofertados pela Escola Comercial.

**Imagem VI** – Página do artigo de Ulisses de Gois na Revista do IHGRN



**Fonte:** Revista do IHGRN, 1961, p. 81.

Ao observar o artigo de Ulisses de Gois, percebo que o mesmo é dividido em sessões para uma melhor exposição dos assuntos tratados, como observado na imagem acima. Logo, noto que ele difere dos demais artigos aqui apresentados, por não ser uma narrativa contínua e, sim, um texto em tópicos. As informações são apresentadas ao público leitor que, dessa forma, torna-se apenas receptáculo desses dados por ele apresentados. Todas essas informações são passadas de forma discricional, sem a inferência ou opinião do autor visível ao longo do texto, e o que me chama a atenção é a visibilidade oferecida aos homens e mulheres que ajudaram, de certa forma, o desenvolvimento do ensino comercial na cidade de Natal. Em inúmeros parágrafos, o autor citou o nome de vários sujeitos, tornando o texto um pouco cansativo, pois não ofereceu outras informações além do nome próprio. Ao final do texto, Ulisses de Gois ainda ressaltou:

[...] quantos colaboraram nessa tarefa de quarenta anos o reconhecimento da geração atual e dos porvindouros. Muitos Deus já tem no repouso eterno. Reverenciemos-lhes a memória. Fossem vivos alegrar-se iam com o desenvolvimento da cultura universitária Norte-Riograndense (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 86).

A importância de destacar os nomes de sujeitos é característica marcante nos escritos da Revista, demonstrando que há um certo reconhecimento, por parte de seus leitores, daquelas pessoas citadas ao longo dos artigos. Inicialmente, Ulisses de Gois direcionava seu texto à um público específico, ao Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município do Natal, e por se tratar de um evento direcionado ao setor educacional, é possível que seu público, de fato, reconhecesse os nomes citados em sua exposição. Mas, quando há uma mudança no direcionamento e o público passa a ser o público da Revista do IHGRN, não deveria haver uma mudança na forma de apresentação desses sujeitos, atribuindo mais informações aos nomes mencionados? Segundo Elizabeth Ellsworth (2001), sim! O público direciona o tipo de conteúdo apresentado em certo material, pois há uma relação entre aquele que apresenta a mensagem e aquele que a recebe.

Entretanto, o artigo de Ulisses de Gois não aparece no índice da Revista de 1961, sendo apenas uma contribuição apresentada para os leitores do impresso e não um artigo produzido para a Revista do IHGRN. O possível interesse da Revista nesse material, se deu pelo fato do texto retomar um pouco a história do ensino comercial na cidade de Natal e mencionar o nome de figuras ilustres e de vida pública que estudaram na Escola de Comércio. Mesmo havendo uma mudança no público alvo, o artigo permaneceu sem

demais informações sobre os sujeitos apresentados, o que infiro ser de conhecimento daqueles leitores assíduos da Revista do IHGRN, que também são homens e mulheres que se dedicaram a vida pública e intelectual do estado.

Desse modo, a Revista do IHGRN direcionava seus artigos para um público que é muito parecido com aquele que frequentava seminários, congressos e simpósios. Um público que dialogava entre si e sobre os assuntos de grande relevância histórico-social. Porém, não devemos cair na falsa sensação de unanimidade e acreditar que todo público leitor da Revista é igual e recebe a informação da mesma forma. É possível que muitos leitores não tenham sequer sentido interesse ao ler o artigo de Ulisses de Gois sobre o Ensino Comercial, levando em consideração a forma que foi apresentado. Elizabeth Ellsworth (2001, p. 42) afirma que o modo de endereçamento pode, muitas vezes, errar o público, ressaltando que “[...] não existe nenhum ajuste exato entre endereço e resposta, o que nos faz concluir que não há como garantir a resposta a um determinado modo de endereçamento”.

Entretanto, a experiência pessoal em relação ao escrito é singular e não posso adivinhar o que de fato pensa cada leitor da revista sobre um artigo específico. Somente posso concluir que a forma como o texto foi apresentado, ressaltando sujeitos e fatos marcantes de suas vidas, assim como fatos importantes para a história, especificamente nesse trabalho, da educação no Rio Grande do Norte, foi um modo de escrita recorrente no impresso do IHGRN e que, por esse motivo, possivelmente, seria do agrado do público leitor, principal alvo de endereçamento dos textos que buscava encontrar nesse impresso, a informação sobre a história de seu estado.

Ulisses de Gois também apresentou a primeira Escola de Comércio de Natal, fundada em 8 de setembro de 1919, conjuntamente com a Escola Feminina do Comércio que funcionou até 1932, e a segunda Escola de Comércio da Capital, fundada em 1930, anexa ao Colégio Santo Antônio, dos irmãos Maristas. Em seguida, detalhou os nomes de todas as primeiras escolas de comércio instaladas no Rio Grande do Norte:

[...] em 1932, anexa ao Colégio Imaculada Conceição das Irmãs Dorotéas, tivemos a terceira Escola em Natal. Em 1935, sob os auspícios da União Caixeiral, presidida pelo benfeitor Alcides Fernandes foi fundada a Escola de Comércio de Mossoró, dirigida pelo dr. Thiers Rocha. Em 1936 criou-se a quinta escola; a do Colégio Nossa Senhora das Neves, das Irmãs do Amor Divino, na Capital. A sexta, em Caicó: a Escola Santa Teresinha, também das Irmãs do Amor Divino (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 83-84).

O autor ainda citou, ao final do texto, o nome de todas as cidades contempladas com o Ensino Comercial após sua reorganização, viabilizada pelo *Decreto 6.141* de 1943.

[...] em 1944 a Escola Técnica N. S. das Vitórias em Açú, das Irmãs do Amor Divino, em 1946, em Natal, a Técnica de Comércio anexa ao acreditado Ginásio 7 de Setembro; de 1954 até agora, uma floração magnífica de Escolas com o incentivo da Campanha de Aperfeiçoamento e Expansão do Ensino Comercial dirigida pelo insigne dr. Lafayetti Garcia e que tem como Coordenador no Estado o dedicado prof. Raimundo Nonato; Escolas Técnicas de Comércio Alberto Maranhão, Visconde Cayru e Municipal, em Natal; Escolas Técnicas de Comércio de Currais Novos e do Ginásio Diocesano de Caicó; Escolas Comerciais de Acari, Angicos, Apodi, Areia Branca, Canguaretama, Caraubas, Ceará-Mirim, João Câmara, Jucurutu, Lages, Macaíba, Macau, Martins, Nova Cruz Parelhas, Patu, Santana do Matos, Santa Cruz, Santo Antonio, São José de Campestre, São José de Mipibu, São Paulo do Potengi e São Tomé. Em Natal, a Escola Comercial do SENAC (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 85).

Observo que a forma como Ulisses de Gois apresentou o Ensino Comercial em Natal em muito se assemelha com o artigo escrito por Américo de Oliveira Costa<sup>26</sup>, publicado, também, na Revista referente ao ano de 1961, intitulado *Cinquenta Anos da Liga de Ensino*, no que diz respeito a exposição de nomes de sujeitos importantes para o desenvolvimento do fato narrado. Muitos dos nomes citados no texto de Américo de O. Costa são conhecidos entre os leitores da Revista do IHGRN, por se tratarem de sócios do Instituto Histórico, como Meira e Sá, Luís Fernandes, Henrique Castriciano e Manuel Dantas. Aqui, de fato, não precisaria de um detalhamento sobre a vida desses sujeitos, pois já são figuras de grande reconhecimento entre aqueles que contribuíam com o funcionamento da Revista.

Entretanto, Américo de O. Costa apresentou um texto mais narrativo sobre a Liga de Ensino, associação criada em 1911 com a finalidade de ajudar os poderes públicos em tudo que diz respeito a instrução pública no estado do Rio Grande do Norte. Essa entidade, organizada por Henrique Castriciano de Souza<sup>27</sup>, foi responsável pela criação da Escola Doméstica em Natal, instituição de ensino que tinha como objetivo principal a educação de mulheres para a sociedade, visando as atividades domésticas como práticas pedagógicas. A *Liga de Ensino*, segundo Andréa Gabriel F. Rodrigues (2007), manifestava a

---

<sup>26</sup> Nasceu em Macau no dia 22 de agosto de 1910. Exerceu funções, ao longo da vida, de escritor, jornalista, crítico literário, professor entre outras. É bastante lembrado em suas biografias pela dedicação a literatura. Exerceu o magistério em diversas escolas do Rio Grande do Norte, entre elas Escola Doméstica, a qual dedicou-se para escrever o texto publicado na Revista do IHGRN na edição de 1961. Para mais informações ver: LYRA (1998).

<sup>27</sup> Nascido no dia 15 de março de 1874, em Macaíba, Henrique Castriciano de Souza foi o primeiro presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e figura intelectual de grande reconhecimento na história do Rio Grande do Norte. Fundador da Escola Doméstica, dedicou parte de sua vida a educação. Faleceu em Natal, no dia 26 de julho de 1947. Para mais informações ver: LIMA (2019).

[...] necessidade de renovar o ensino potiguar que consideravam arcaico, ultrapassado em seus métodos de ensino, quando no Brasil eram fundadas, em várias cidades, Ligas e/ou entidades congregadoras de ideias, na sua maioria, nacionalista, cívica e embrionariamente partidárias (RODRIGUES, 2007, p. 54).

Com relação a forma de apresentação da Liga de Ensino, no artigo escrito por Américo de O. Costa e publicado na Revista do IHGRN, posso observar uma menor utilização de datas específicas, decretos e legislações, em contraste com os demais artigos analisados nesse trabalho até aqui. O autor optou por apresentar a Liga de Ensino de forma a exaltar sua existência, suas características marcantes e a importância que tomou junto ao desenvolvimento da mocidade potiguar. Afirmou que não pretende um “[...] detalhado relato do itinerário percorrido pela Liga e pela Escola, e dos acontecimentos e vicissitudes que marcaram as cinco décadas já passadas” (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 153-154). Tal posição metodológica pode ser atribuída ao fato de que, assim como o texto escrito por Ulisses de Gois, o artigo de Américo de O. Costa também não foi escrito como artigo para a Revista do IHGRN, e, sim, como um discurso para uma solenidade comemorativa que não pôde ser realizada, como afirma em nota no próprio texto sem muitas explicações. Entretanto, o artigo sobre a Liga de Ensino aparece no índice da Revista e se assemelha mais a forma dos demais artigos publicados ao longo dos anos pela RIHGRN.

O que chama a atenção foi o fato da publicação de um artigo ser, exclusivamente, sobre educação feminina; e embora seja de conhecimento geral que o contexto da década de 1960 foi de grande importância para o afloramento do movimento feminista no Brasil e no mundo, sabe-se que ideias feministas já circulavam mundialmente desde o século XIX. Ao analisar o artigo publicado pela Revista do IHGRN, percebo que, embora a temática em volta do feminino seja um assunto recorrente no período, o artigo não possuía um caráter renovador e reafirmava velhas opiniões sobre como a mulher deve comportar-se em sociedade e como ela deve servir ao meio social enquanto sujeito da história.

Como bem contou Américo de O. Costa, foi em uma de suas visitas a Suíça que Henrique Castriciano desenvolveu sua ideia de fomentar um ensino específico para as mulheres, tendo em vista o desenvolvimento do mundo e do trabalho e o progresso em diferentes nações. O autor optou por recordar em seu escrito a década de 1910, onde constituiu-se em Natal, a Liga de Ensino, narrando uma breve história sobre essa entidade. Seu maior objetivo era formar as moças para a nova sociedade, ressaltando que o foco da mudança social começava pelo lar, como afirmou o fundador da Liga do Ensino:

[...] nação que começa, temos graves defeitos de caráter, a vontade inconsequente dos povos sem disciplina; e tais defeitos não podem ser eliminados por meio de reformas constitucionais, do ensino secundário e superior ou por meio de mudanças de regime eleitoral. Temos de começar pelo princípio, isto é, pela família, de onde sai para a escola e para a vida o homem de amanhã. A' mulher cabe a tarefa principal nessa nova educação, mas como poderá ela concorrer eficazmente para o fim desejado sem a necessária cultura? (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 156).

A instrução necessária para as mulheres, segundo Henrique Castriciano, seria a educação doméstica, onde elas poderiam educar seus filhos e maridos para a sociedade de amanhã. Nesse caso, se fez necessário uma instrução feminina com a finalidade de ensinar as meninas, futuras mães e esposas, o gerenciamento correto do espaço doméstico. A educação proposta, pelos fundadores da Liga de Ensino, aos corpos femininos seria voltada as atividades do lar e, como afirma Andréa Rodrigues (2007), embora tenha sido influenciada pelas escolas suíças, seria adaptada a realidade natalense. Com isso, as alunas aprenderiam noções de agricultura, pecuária, leiteria, higiene, lavagem, engomado, cozinha, costura, medicina prática, acolhendo os ensinamentos de primeiros socorros, aplicações de vacina, medição de temperatura corporal, entre outras atividades que orientassem as alunas caso necessário fosse vivenciar essas atividades em suas vidas diariamente (RODRIGUES, 2007, p. 152-153).

Com as mulheres instruídas o ambiente doméstico seria solo fértil para o desenvolvimento dos homens por elas educados. Entretanto, percebo que o artigo publicado em 1961 pela Revista do IHGRN, que abordou o ensino feminino, foi escrito por um homem, exaltando os feitos de outro homem que pensou uma educação voltada aos corpos femininos. A Revista apresentou um ensino feminino, pensando em 1911, para o público de 1961, reafirmando as qualidades das mulheres e sua importância para o desenvolvimento do Brasil na esfera privada, ou seja, dentro de seus lares, educando seus filhos e trabalhando em prol de seus maridos.

No artigo escrito por Américo de O. Costa, a igualdade entre homens e mulheres era tida como um “mito”, pois “[...] são categorias diferentes, a que não se deve, isto sim, por uma questão de justiça humana, atribuir superioridade ou inferioridade para um lado ou outro” (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 155). Desse modo, o autor demonstra um pensamento “machista”, mas próprio de uma época onde os debates acerca de gêneros e feminismo não eram tão frequentes em instituições como o IHGRN, que possuía um objetivo específico que abordava o passado e as figuras consideradas notáveis da história da região. Embora, sabe-se que, ao longo do século XX, estava se construindo debates e

discussões acerca do papel das mulheres na sociedade e a sua luta em torno da busca pela igualdade de direitos. Apesar disso, no decorrer do texto, a “vocação natural” das mulheres, como mãe e esposas, foi exaltada ao ponto de apresentar ao leitor os benefícios de uma educação doméstica para o desenvolvimento de uma sociedade. Construiu-se, com ajuda da *Liga de Ensino* do Rio Grande do Norte, a Escola Doméstica, como já citei anteriormente nesse capítulo, com o objetivo de colocar

[...] em face da moça estudante os esquemas do seu destino, da sua vocação, da sua natureza, todos os problemas, em suma, mais inerente e diretamente ligados à sua missão, à sua responsabilidade na constituição do lar e da família, na preparação adequada, eficaz e consciente, dos homens e das mulheres do futuro que ainda crianças, ainda jovens, lhes cabe, em parte decisiva, modelar e orientar. Não importam a condição do regime, o grau de civilização, o nível de cultura, a riqueza ou a miséria de um povo: haverá sempre a irrecusável influência de uma mãe na sorte de cada filho; e os lares, que são a base indestrutível do equilíbrio social, da segurança coletiva, dependerão sempre da presença e da ação da mulher (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 156).

Compreendo o contexto de grande relevância que os movimentos feministas ganharam ao longo do século XX e do reconhecimento da mulher enquanto cidadã e sujeito transformador de seu meio social. Entretanto, ao que pode ser analisado nesse artigo aqui exposto é que, mesmo em 1961, Américo de O. Costa seguia transferindo aos seus leitores a ideia de que o principal papel desempenhado pelas mulheres na sociedade continuava sendo no lar. Vale, mais uma vez, ressaltar o público alvo da Revista e questionar se entre os intelectuais que possuíam acesso ao material existiam mulheres capazes de problematizar tal artigo com sua visão e conhecimento de causa sobre como ser mulher na sociedade do século XX e sobre qual educação necessária para tal feito. Não será nesse trabalho que discorrerei sobre o tema, deixando em aberto a problemática citada, pois meu objetivo maior continua sendo a apresentação dos artigos sobre educação na Revista do IHGRN e a análise de como esse assunto foi abordado ao longo dos anos de funcionamento do impresso.

Aqui, destaco a característica de um escrito masculino sobre o ensino feminino, ressaltando que havia nesse artigo uma relação de poder entre aquele que escreve e o assunto que discorre em seu texto. Não pontuo somente a forma de escrita, mas, também, a relevância dada ao assunto, principalmente à uma escola que disciplinava corpos femininos, cinquenta anos após a criação da Liga de Ensino, data importante, de fato, e que deve ser lembrada por todos aqueles intelectuais que contribuíram de certa forma com seu funcionamento, como é o caso de Américo de Oliveira Costa, que lecionou durante

anos na Escola Doméstica, ocupando a cadeira de Educação Social<sup>28</sup>. Entretanto, sabe-se que toda escolha decorre de um ato político e que os artigos a serem publicados na Revista do IHGRN eram analisados por um corpo de direção que selecionava os assuntos que deveriam ou não ser publicados em cada ano, de acordo com a comissão responsável pela organização da revista, composta por sócios do próprio Instituto. Essa comissão estava estabelecida através do estatuto do IHGRN assim exposto:

Art. 33. Compete á Comissão de Estatutos e Redacção da «Revista»:

[...]

III. Escolher os escriptos que devam ser publicados, tanto na «Revista» como em avulsos, recebendo com antecedencia do 2º Secretario, as copias das actas e da correspondência que a Directoria resolver que se publique; as observações e avisos que nella devam figurar e, finalmente, as memorias, documentos e artigos que lhe forem remettidos pelas Comissões, com o respectivo parecer. (REVISTA DO IHGRN, 1926-1927, p. 13).

Levando em consideração essas escolhas, posso inferir sobre o público interessado nos escritos, majoritariamente masculino que, ao ler o artigo escrito por Américo de O. Costa, não reconheceu ultrapassado o fato da educação feminina, ainda no ano de 1961, ser voltada para o lar e para a vida privada. Em um jogo de representações, afirma Guacira Lopes Louro (2017), é preciso observar o processo social que leva a produção de tal posição dentro da sociedade, nesse caso a posição da mulher. Ela afirmou que

[...] observar como um grupo social é representado pode nos indicar quanto um grupo exercita o poder; pode nos apontar quem mais frequentemente é “objeto” ou é “sujeito de representação”. Esse é um processo em que certamente estão envolvidas questões de poder, ou seja, as representações são construídas na dependência do poder e “têm efeitos de poder”. (LOURO, 2017, p. 464-465).

Embora no início da década de 1960, período de publicação do artigo de Américo de O. Costa, a participação feminina na sociedade, enquanto força de trabalho, já superasse as primeiras décadas do século XX, e que tal fato tenha aparecido ligeiramente no artigo aqui apresentado, ainda se preservava no imaginário de algumas pessoas que a essência da feminilidade estava voltada ao trabalho doméstico. Essa representação sobre o ensino feminino oferecida pelo IHGRN está presente em um jogo de interesse e concorrência entre grupos da sociedade, como bem afirmou Chartier (2002),

---

<sup>28</sup> A cadeira de Educação Social havia sido criada para o programa da Escola Doméstica por Henrique Castriçano e não era lecionada em nenhuma outra escola da capital. Possuía o objetivo de preparar as moças para a sociedade “no bom sentido”, e não no sentido “fútil de mundanismo”, como afirma o próprio Américo de O. Costa e entrevista para o Memória Viva. Ver LYRA, Carlos (coord.). *Memória Viva de Américo de Oliveira Costa*. Natal: EDUFRRN, 1998.

compreendendo que as figuras masculinas constroem em torno das figuras femininas suas próprias concepções e por estarem em um espaço que possibilita a circulação de seus pensamentos, possuem, portanto, o poder de marcar a história com suas opiniões. Nesse artigo, percebe-se uma atuação masculina em frente a educação feminina, discorrendo sobre a melhor forma de execução do ensino voltado para as mulheres. Homens disciplinando corpos femininos, vigiados e formados para servir a sociedade voltada, especificamente, para o mundo masculino. Se levarmos em consideração que esse impresso circulava no pequeno mundo dos Institutos Históricos e Geográficos em todo Brasil e suas sociedades de intelectuais, de grande maioria do sexo masculino, não há grande dificuldade em perceber a forma como esses escritos eram recebidos.

Nesse caso, é muito mais fácil encontrar representações acerca da mulher idealizadas e produzidas por homens, cujo centro do poder sempre esteve em mãos. Américo de O. Costa, ao discorrer sobre os cinquenta anos da Liga do Ensino, embora quisesse transparecer as ideias “inovadoras” dessa entidade frente a sociedade natalense, acabou recordando os tempos do passado, ressaltando a importância de uma educação doméstica, afirmando que o principal papel a ser desempenhado pelas mulheres, seja em 1911 ou em 1961, seria o de boa mãe e boa esposa. Uma mulher que cuida do seu lar, de seu matrimônio, que está presente na vida de seus filhos, exerce um papel fundamental para a construção da sociedade, na visão desse sócio do IHGRN. Tal escolha de abordagem revelou o caráter masculino da instituição que acolheu esse artigo e o fez circular através de sua revista, tendo em vista que, até em um assunto, possivelmente, direcionado ao público feminino, tendo em vista a exposição de uma escola que pertence a memória de diversas mulheres norte riograndenses, resolveu oferecer espaço ao escrito masculino de Américo de O. Costa, enquanto esse aproveitou do espaço cedido para exaltar a originalidade de Henrique Castriciano.

A *Liga do Ensino* seguiu sendo ovacionada, no discurso daquele que possuía demasiada estima pela história que tal projeto aqui construiu. Ao se deparar com o artigo, o leitor poderia se deixar levar pelo amor nas palavras escritas por um autor que tanto admirava as ações realizadas pelos sujeitos responsáveis pelo funcionamento da Liga ao longo dos anos. O artigo foi finalizado com uma frase que indica a boa recepção das propostas da Liga de Ensino, um sentimento, apresentado pelo autor do texto, de dever cumprido e a ideia de um futuro repleto de novos desafios. Desse modo, Américo de Oliveira Costa escreveu: “[...] as promessas foram realizadas, o futuro está aberto a novas conquistas e a novas realizações” (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 157).

Esse autor também publicou, no mesmo ano, outro artigo sobre educação denominado *A Música e a Escola Natalense*. Assim como o anterior, esse texto não tinha como caráter primeiro ser um artigo para publicação na Revista. Inicialmente assumiu a forma de um texto escrito para uma palestra que integrava o I Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do Município de Natal, organizado pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura. Américo de O. Costa iniciou sua fala, afirmando não ser um grande conhecedor da música enquanto técnica, mas, sim, um “[...] simples amador, tomado êste têrmo no rigoroso sentido etimológico de ‘aquêle que ama’” (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 105), que aceitou o convite de palestrar sobre o assunto por compreender que sua participação em uma Seminário de Estudos é um dever público.

O artigo tinha como característica apresentar o ensino da música e sua importância para o desenvolvimento humano. Inicialmente o autor fez uma contextualização do tema, abordando aspectos da história da música na Grécia Antiga e terminou por explicitar os tempos contemporâneos, afirmando que os problemas da educação são vastos e que a música merecia ocupar um lugar importante nesse tema, por ser ela a responsável pela formação plena do homem, dando vida e contribuindo com o desenvolvimento de muitas faculdades humanas. Com toda essa responsabilidade, o ensino da música, para Américo de O. Costa, devia começar ainda na infância, pois “[...] além de recrear, opera o desenvolvimento motor, disciplina os movimentos, desperta o gôsto pela música, desenvolve o senso rítmico e motiva o espírito de cooperação” (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 107).

Diferentemente dos outros artigos já mencionados, nesse texto, o autor optou por trazer inúmeras referências de pessoas que estudavam ou estiveram em contato com o ensino de música ao longo dos anos; justamente por não ser conhecedor do assunto, ele teve o zelo de apresentar palavras de autoridade de quem de fato entendia a temática. Percebe-se que, nesse caso, devido à falta de conhecimento sobre o assunto já mencionada inicialmente, foi preciso recorrer a outros nomes próprios para a validação dos argumentos mencionados em seu discurso. Entretanto, me parece ser solo cômodo para o autor, o saudosismo ao passado, de modo que logo voltou a relembrar como a música era tratada nas escolas no início do vigésimo século e como foi se fragilizando ao longo do tempo e perdendo espaço entre as inúmeras cadeiras disponíveis nas escolas.

Observo, que dentro do contexto mais amplo, a música tornou-se disciplina obrigatória nas escolas durante a década de 1930, ainda sob a *Lei Francisco Campos*, que organizou o ensino secundário em todo país e ofereceu ao ensino de música um espaço

privilegiado nas escolas, pelo menos, nas três primeiras séries do nível secundário. Entretanto, é importante salientar que o ensino de música esteve presente nas escolas brasileiras desde a época dos jesuítas, como afirma Rita de Cássia Fucci Amato (2006), como meio de catequizar os indígenas e trazê-los para Deus. Américo de O. Costa deixou claro a obrigatoriedade do ensino de música, no Rio Grande do Norte, quando afirmou que nas “[...] Escolas Normais do Estado, no Colégio Estadual, na nossa Escola Doméstica, e, de maneira mais rudimentar, nos cursos primários, a cadeira de música sempre teve a sua importância equivalente à de qualquer outra disciplina (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 114). Entretanto, o autor do artigo, publicado na RIHGRN, demonstrou no resto de seu texto que, mesmo com essa obrigatoriedade, o ensino foi tornando-se tedioso ao longo dos anos, fazendo com que muitas pessoas não atribuíssem importância ou observassem os benefícios que esse ensino poderia ocasionar nas vidas dos indivíduos.

No decorrer do texto, o autor demonstrou como o ensino foi tratado por determinados governos locais e apontou para o “baixo nível de cultura musical” entre os habitantes da cidade de Natal. Denunciou que o público não estava mais familiarizado com a música em si e que a sensibilidade, no que diz respeito a qualidade de ser sensível às coisas da vida, para aproveitar esta arte sonora não estava sendo mais desenvolvida. O autor escreveu:

[...] de algum modo, assim, há uma presença e uma atividade musicais escolares, em nossa terra, embora suas proporções e suas repercussões deixem ainda muito a desejar, por consequências e efeitos práticos deficientes. Nossas instituições musicais de ordem cultural e artística superior, como é o caso da Sociedade de Cultura Musical, a que Carlos Lamas dedicou tanto do seu espírito e do seu entusiasmo, arrastam-se, por isso mesmo, numa existência precária e apagada, entre dificuldades de toda sorte: um público satisfatório às suas realizações ainda não foi possível formar em Natal. O esforço e o trabalho dispendidos nas escolas, sobre as turmas que se vão sucedendo, não chegaram a criar uma mentalidade musical ampliada e generalizada, realmente interessada no assunto. Acentue-se e louve-se, de resto, a esta altura, a atividade de alguns cursos particulares, conservando acesa a chama do espírito. (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 114-115).

Ao final de seu artigo, Américo de O. Costa ressaltou a importância da arte para o crescimento do ser humano enquanto ser contemplador da vida, afirmando que a música não pode ocupar um espaço tedioso dentro das escolas, pois ela é a mais bela e sensível das artes e merecia ser tratada como tal. Afirmou que ao inserir a música na rotina escolar, como elemento educativo, todos os outros conhecimentos serão adquiridos em um processo natural, mas que era preciso trazer a arte à escola, pois ambas caminham juntas.

É interessante perceber a importância dada pelo autor as artes, em especial a música, como ensino sensível e contemplador da vida. Sensível, na medida que possibilitava ao alunado experiências sensoriais que contribuíam com sua formação enquanto indivíduo humano, e contemplador da vida, assim como as demais artes, pois oferecia uma outra visão acerca do ensino, incentivando a criatividade e a singularidade artística de cada sujeito. Um caminho de afetividade se abria por meio da rotina escolar, na beleza e na dinâmica da arte na escola. Os alunos eram levados dessa forma a compreender, não somente a leitura de letras e números, a cultura de seu país, a arte, a beleza retratada através de técnicas que ensinavam partituras e notas vocais.

Américo de O. Costa foi lembrado entre seus conterrâneos como um professor apaixonado pelas literaturas<sup>29</sup>. Infiro ser por esse motivo que a arte apareceu em seu escrito com tanto amor e foi defendida como elemento educacional fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Os anos após 1961, foram de grandes desafios para a cultura brasileira, tendo em vista o Golpe Civil-Militar ocorrido em 1964 e que viria a censurar inúmeras atividades artísticas em sala de aula. Penso, também, que em meio aos caminhos que nos levaram à intervenção militar, um artigo como esse apresentado, ganhou circulação, metaforicamente, como um último suspiro dentro da instituição, relembrando a importância da arte para a formação do cidadão brasileiro.

Seguindo a linha de publicação dos artigos sobre educação, discorro nesse momento sobre a edição de 1962 e 1963 com o artigo intitulado *Instrução Pública em Martins*, escrito pelo sócio efetivo do IHGRN, Manoel Jácome de Lima<sup>30</sup>. Participe do ensino norte riograndense, o professor Duba, como era gentilmente apelidado, dedicou boa parte de sua vida aos caminhos da educação, lecionando em diversos grupos escolares e, aqui vale destacar, no Grupo Escolar “Almino Afonso” em Martins<sup>31</sup>, município

---

<sup>29</sup> Em entrevista realizada para o Memória Viva, que foi publicada no livro “Memória Viva de Américo de Oliveira Costa” (1998), já mencionada em nota neste trabalho, muitas perguntas realizadas pelos entrevistadores, Alvarado Furtado de Mendonça e Sanderson Negreiros, são direcionadas à Américo de O. Costa em busca da sua formação intelectual. Os entrevistadores, em diversos momentos, perguntam quais os livros que o professor Américo costumava ler em determinado período de sua vida, quais autores mais inspiraram sua escrita, buscando construir a história daquele professor que muito contribuiu, com suas obras, para o desenvolvimento intelectual da mocidade em Natal.

<sup>30</sup> Nasceu no dia 28 de julho de 1888, no sítio Várzea, no município de Alexandria/RN. Dedicou parte de sua vida ao ensino, ingressando no magistério público estadual em 1918. Era sócio efetivo do IHGRN, na qualidade de 2º secretário. Faleceu no dia 22 de outubro de 1980, em Natal.

<sup>31</sup> Na sessão “Necrológica” da Revista do IHGRN, referentes aos anos de 1979 e 1980, há uma passagem relatando a morte do Professor Manoel Jácome de Lima, ressaltando sua vida enquanto sujeito interessado pela educação do estado. Nessa sessão, relata-se que Manoel Jácome dedicou grande parte de sua vida a causa do ensino e expõe todos os Grupos Escolares que o professor lecionou, bem como sua participação na Secretaria de Educação e Cultura e no Departamento de Estatística do Estado. Homem de grande reconhecimento e prestígio na sociedade norte riograndense.

brasileiro localizado no estado do Rio Grande do Norte, desde 1919 até 1935. Da experiência de vida e trabalho na cidade de Martins, nasceu a vontade e necessidade de conhecimento acerca do ensino naquela localidade. Além de discorrer sobre a instrução pública na cidade de Martins, Manoel J. de Lima ainda apresentou o Grupo Escolar “Almino Afonso”, como “[...] modelar estabelecimento de ensino de acôrdo com as exigências da pedagogia moderna e conforme os preceitos da higiene” (REVISTA DO IHGRN, 1963, p. 62).

O autor optou por trazer inicialmente um fato nacional, recordando a lei de 15 de outubro de 1827, que instituiu o Ensino Público no Brasil, para logo depois localizar a povoação de Martins nesse fato nacional de surgimento de escolas. Discorreu sobre a criação do decreto de 27 de agosto de 1831 que viabilizou a construção da escola na Serra de Martins, mencionando dados importantes para a construção dessa história, como por exemplo a apresentação do primeiro professor a lecionar naquele espaço, o número de alunos matriculados e o gosto pelo ensino que os martinenses desenvolveram, culminando na criação de uma cadeira de latim, a única entre as povoações da província; ressaltando que cadeiras como essas só eram ocupadas na cidade de Natal e em vilas<sup>32</sup>.

Outro fato importante a ser observado nos artigos publicados pelo Instituto, são as referências feitas aos políticos que contribuíram de alguma forma com a educação no estado. É notório saber que a exaltação de sujeitos foi característica marcante da Revista do IHGRN, não só expressada em artigos, mas na sessão necrológica já comentada no primeiro capítulo desse trabalho. A construção da imagem desses sujeitos era de grande importância também para a construção das figuras marcantes da história local. Como o IHGRN recebia, e ainda recebe, subsídios dos setores públicos para seu funcionamento, tal situação podia contribuir, de algum modo, para a divulgação desses sujeitos e de suas atividades em prol do Instituto.

Ressalto que, desde o início do funcionamento do IHGRN, muitos de seus membros eram partícipes da vida pública do estado, sendo muitos deles governadores e deputados. Nada mais comum do que uma troca de favores entre aqueles que possuíam os recursos para a manutenção da história e aqueles que possuem os meios intelectuais para produzirem. Assim, como afirma Michel Foucault (1996), trocas são positivas e atuam no interior de sistemas complexos de restrições, contribuindo dessa forma com a

---

<sup>32</sup> As demais vilas que possuíam cadeiras de gramática latina, no período mencionado por M. Jácome de Lima, seriam Assú, Caicó (com artigo, escrito por José Augusto, já publicado na Revista do IHGRN sobre o assunto), São José de Mipibu e Goianinha.

construção do discurso que está em volta da instituição, nesse caso o IHGRN. O que Manoel J. de Lima fez, assim como outros autores que publicaram na Revista do Instituto, foi reverberar o discurso intrínseco da Instituição, detentora do poder de comunicar aos outros suas afirmações e negações, suas exclusões e inclusões. Roger Chartier (2014) também expusera a mudança existente na forma de escrever, quando afirmou que o autor na medida em que se submete à uma certa instituição, carregará em si a subjetividade daquele espaço em seus escritos.

Uma das diferenças entre o artigo escrito por Manoel Jácome de Lima e outros artigos sobre educação, citados anteriormente, foi a disposição de um parágrafo inteiro para a nomeação das professoras do Grupo Escolar “Almino Afonso”. Nesse parágrafo, o autor citou inúmeras mulheres que contribuíram, através do seu trabalho no referido grupo escolar, para o desenvolvimento da educação da cidade de Martins. Não somente como professoras, mas assumindo cargos de direção, pois percebe-se que do ano de 1936 ao ano de 1964 a direção do Grupo Escolar “Almino Afonso” esteve sob responsabilidade feminina<sup>33</sup>. É importante observar, porém, que os nomes das professoras citadas em seu texto vêm acompanhados da devida formação profissional. Posso inferir que ou Manoel Jácome de Lima exaltava a formação exemplar dos profissionais do Grupo Escolar de forma geral, tendo em vista que em alguns poucos casos também ressaltava a formação de alguns professores homens, ou que esse autor justificava a menção àquelas mulheres, enquanto professoras, informando sua excelente formação e demonstrando a qualidade do ensino ali lecionado. De toda forma, a escrita do autor passa pelo critério de interpretação, quando submetido a circulação, sendo sua ideia exposta para julgamentos através dos olhares atentos de seus leitores.

Roger Chartier (2014) apresentou a “mobilidade de significados” como uma instabilidade enfrentada pelos autores e apresentou exemplos de variações nas formas de compreensão de determinados textos ao citar *Fernando Rojas* e os inúmeros significados atribuídos ao prólogo da *Tragicomédia de Calisto y Melibeia*<sup>34</sup>. A escrita e a leitura passaram a ser uma relação que foge dos parâmetros iniciais impostos por quem escreve.

---

<sup>33</sup> Durante o período citado, estiveram como diretoras do grupo escolar: Abigail Fernandes de Oliveira – (1936 – 1951); Francisca Dias da Cunha Nogueira – (1951 – 1952); Nazaré Júlia de Oliveira Gondim – (1952 – 1957); Maria Dizélia Silva de Carvalho – (1958 – 1960); Maria de Lourdes Barreto de Medeiros – (1961 – 1964).

<sup>34</sup> Essa obra, hoje mais conhecida como *La Celestina*, foi escrita por Fernando de Rojas e publicada, provavelmente, em 1499 com dezesseis atos. Posteriormente, foram acrescentados mais cinco atos, pois os leitores da obra desejavam a prolongação da história, e publicada em 1502 sob o título *Tragicomédia de Calisto y Melibeia*.

A forma de recepção de um texto é permeada por inúmeros fatores que ajudam a construir seu significado e que, mesmo sendo controlada de alguma forma, não pode ser completamente previsível.

A opinião de Manoel Jácome de Lima sobre a profissão docente exercida por mulheres não pode ser analisada a luz desse único artigo. Porém, sua opinião contribuirá para a compreensão de um grupo, formado pelos autores-sócios do IHGRN, que são responsáveis por repassar o assunto ao público da Revista do Instituto, construindo a imagem e visão do próprio IHGRN acerca do tema tratado. Mais do que a imersão do autor em seu próprio texto, capto a essência de uma instituição através dos escritos de seus membros. Assim, observo as mudanças ao longo dos anos e a relevância dada a exposição de certos assuntos em determinados momentos da história.

Nas revistas referentes aos anos de 1973 até 1975, período em que o Brasil vivia sob as ordens de um governo militar, o autor escolhido para escrever sobre educação e expor um pouco de sua pesquisa desenvolvida, dentro do IHGRN, foi Tarcísio Medeiros<sup>35</sup>. Com o título *Síntese Histórica da Educação no Rio Grande do Norte* o autor apresentou um resumo sobre a educação, ressaltando a importância das ordens religiosas para o desenvolvimento da educação nos primeiros anos de colonização e projetos educacionais no Brasil:

[...] não resta dúvida de que foram as Ordens Religiosas as iniciadoras do movimento educacional no Brasil, especialmente os Jesuítas, “para maior glória de Deus”, conversão do gentio à fé e divulgação da doutrina cristã à mocidade, conforme as regras da Ordem de Iñigo Lopes Recalde, ou Santo Inácio de Loiola (REVISTA DO IHGRN, 1975, p. 172).

O autor ainda trouxe à luz a ideia de que a educação, nos primeiros anos da colonização, não era tão bem vista pelos senhores de engenho que não gostavam de ter seus filhos aprendendo sob o regime da palmatória, acreditando que tal situação retiraria a autoridade desses futuros senhores sobre seus escravos e agregados. A educação também não era uma opção para as meninas, pois aprender a ler e escrever significaria escrever cartas para namorados, atitude inadmissível para esses senhores. Tarcísio Medeiros apresentou o modo como a educação era enxergada por aqueles que detinham o poder e conseqüentemente viriam a modifica-la aos seus interesses.

---

<sup>35</sup> Tarcísio da Natividade Medeiros, nasceu no dia 08 de setembro de 1918. Dedicou parte de sua vida ao Direito, exercendo cargo público, como por exemplo, o de Secretário do Tribunal de Apelação (atual Tribunal de Justiça). Foi professor do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e ocupou a cadeira nº 24 da Academia Norte Riograndense de Letras. Faleceu no dia 26 de maio de 2003.

Retratou a mudança de tempo de forma sutil, afirmando que os alunos educados pelas antigas ordens religiosas se tornavam mestres leigos, lecionando em escolas ou em casas de família. Adiantando-se cronologicamente, Tarcísio Medeiros apresentou o século XIX, com a vinda da família real ao Brasil e a mudança que tal fato estruturou na educação brasileira, com a fundação de escolas de nível superior. Nesse momento, o autor retratou a importância da figura do professor para aquela sociedade, afirmando que “[...] abaixo de Deus, na terra, o supremo árbitro da juventude era o ‘mestre-escola’” (REVISTA DO IHGRN, 1975, p. 176).

O ingresso das Forças Armadas no processo educacional brasileiro não passou despercebido nessa síntese histórica construída pelo autor. Tarcísio Medeiros afirmou que, nas províncias, não haviam mestres habilitados para a modalidade de ensino adequada ao período, o método *Lancaster*<sup>36</sup>, e que por esse motivo o Ministro da Guerra enviou dois oficiais para aprender a nova didática e repassar para seus “irmãos d’arma e outros cidadãos”. Nesse caso, o autor afirmou que não há notícias da aplicação de tais métodos nas escolas norte rio-grandenses e que os sujeitos presentes nos órgãos administrativos “[...] estava voltado para a politicagem, as futricas e louvações, em busca de posições mais vantajosas perante o todo poderoso Presidente da Província”. (REVISTA DO IHGRN, 1975, p. 177).

O que destaque na narrativa apresentada por Tarcísio Medeiros é o cuidado que teve em situar o Rio Grande do Norte dentro da História Nacional, apresentando as leis nacionais e as criações de novos procedimentos de ensino e como tais mudanças reverberavam na província/estado. O autor escreveu:

[...] ao findar o ano de 1827, com a Lei de 15 de outubro, acordou para executar novas determinações régias, criando Escolas Primárias em todas as cidades, vilas e povoados, segundo os critérios de seleção de pessoal, afim de que pudesse ingressar no serviço público como professor, percebendo quantia fixa por mês. Em decorrência dessa lei, foi instalada uma escola feminina na Cidade Alta, Natal, a cargo de Dona Francisca Josefa da Câmara, e depois uma para meninos, regida pelo professor Francisco Pinheiro Teixeira. De 1832 em diante, funcionavam outras em São José, Princesa, Goianinha, Arês, Vila Flor, Estremoz, Príncipe, Portalegre, São Gonçalo, Papari, Touros, Guamaré, Açú, Campo Grande, Santana do Matos, Angicos, Acari, Jardim de Piranhas, Mossoró, Martins e Apodi (REVISTA DO IHGRN, 1975, p. 177).

---

<sup>36</sup> O método Lancaster ou “ensino mútuo”, como também é conhecido, foi desenvolvido na Inglaterra por Joseph Lancaster e Andrew Bell, por volta do final do século XVIII e início do século XIX. O método consiste na criação de “mentores de classe”. O professor repassava a lição para os alunos mais velhos e mais instruídos e esses se dividiam para ensinar as lições aos demais colegas de classe. Assim, o professor poderia instruir centenas de jovens ao mesmo tempo.

Para a compreensão da história local, se fez necessário a contextualização do fato para que, de forma mais explicativa, os leitores da Revista do IHGRN pudessem ter acesso a construção histórica do Rio Grande do Norte através da escrita dos sócios do Instituto. Tarcísio Medeiros fez esse trabalho com o cuidado de localizar o leitor no evento narrado e direcionando o olhar daquele que ler seu artigo aos fatos relevantes para a história da educação no estado do RN, cumprido assim seu objetivo de síntese histórica.

O autor ainda trouxe ao centro de sua síntese o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, que descentralizava o ensino primário do ensino secundário e deixava a cargo das províncias legislar sobre a educação, especialmente sobre a questão da remuneração. O autor afirmou que nasceu nesse período a questão acerca da péssima remuneração dos professores, problema crônico, segundo ele, ao Brasil até então, assim como o excesso de trabalho, resultante de um sistema de previdência ineficaz e inexistente para boa parte dos trabalhadores.

Tarcísio Medeiros seguiu apresentando um pouco a construção das escolas de prestígio, entre elas o Ateneu Norte Riograndense, e das faculdades do Natal no decorrer dos anos, sempre que possível elevando os nomes daqueles sujeitos que contribuíram com o ensino, muitos deles conhecidos pelo público leitor da Revista, por serem sócios e frequentadores do Instituto<sup>37</sup>. Finalizou seu artigo ressaltando as mudanças ocorridas na formação dos professores desde 1950 e afirmou que a dinâmica oferecida pelos Governos Federais, de 1964 (ano do golpe civil militar) até o ano de publicação desse artigo, visou priorizar o setor educacional do país. O último parágrafo de seu texto ficou assim apresentado:

[...] vê-se, assim, que a administração brasileira de agora, consciente de sua imensa responsabilidade, toma a educação no seu verdadeiro sentido, o de alavanca do desenvolvimento, como processo de reforma integral da nação, como força pra elevá-la a condição de grande potência, à qual seremos em breve tempo (REVISTA DO IHGRN, 1975, p. 193).

Os elogios, ao sistema de governo vigente, poderia ser consequência de uma política de repressão/censura aos meios de comunicação colocada em prática desde o AI-5 em 1968. Os intelectuais, muito visados pelos governos militares por representarem a subversão ao regime, teriam que tomar cuidado ao retrataram as decisões do Governo

---

<sup>37</sup> Os sujeitos citados pelo autor em seu texto são Antônio Fagundes, Adauto Câmara, Pinto de Abreu e outros já conhecidos pelo público da Revista, como autores de artigos ou como assuntos em textos publicados na sessão de necrológicos, em artigos biográficos ou em textos de memórias escolares, como é o caso de Monsenhor Calazans Pinheiro.

Federal em meios de circulações de informações, como as revistas, por exemplo. Nesse período ditatorial, também pode ser observado a importância dada aos artigos nomeados e ao julgamento dos intelectuais que ultrapassaram os limites impostos pelo regime dominante, a perseguição e a censura, tal qual retratada por Michel Foucault (2006) na época da inquisição, onde a importância da autoria se dava pela perseguição aos sujeitos subversivos.

Esse artigo também apresentou uma característica diferente dos outros textos já aqui analisados, a bibliografia ao final do trabalho. Observo que alguns dos textos estudados para a construção do artigo de Tarcísio Medeiros foram retirados da própria Revista do IHGRN em anos anteriores, como foi o caso do artigo de Antônio Fagundes sobre o Ensino no Rio Grande do Norte (1960) e o artigo de Aduino Câmara sobre o Ateneu Norte Riograndense (1954), já aqui apresentados. Na bibliografia do trabalho, além dos textos usados como referências, também esteve presente uma menção ao arquivo do próprio IHGRN que ofereceu documentos para a realização do trabalho realizado por Tarcísio Medeiros. Desse modo, noto que os sócios do IHGRN fizeram uso do conteúdo produzido/arquivado pelo próprio Instituto, contribuindo com a circulação de concepções semelhantes em torno do mesmo assunto: a educação.

Assim, justifico que a análise e utilização dos artigos sobre educação publicados pela Revista do IHGRN podem oferecer uma concepção única sobre o tema, apesar dos inúmeros autores, tendo em vista que esses escreveram para uma instituição e foram controlados por ela. Além disso, os autores sócios do IHGRN acabaram por frequentar os mesmos círculos de discussões e reuniões do Instituto, possuindo experiências semelhantes que contribuíam com a formação do ser intelectual. Como apresentou Jean-François Sirinelli (2003), “[...] uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 2003, p.249). Com isso, posso reconhecer o espaço da Revista do IHGRN como espaço de construção intelectual, na medida em que, também, contribuiu com a formação pessoal de cada indivíduo que ali expressava suas visões através dos seus escritos. Esses autores publicaram na Revista levando em consideração os anos anteriores de construção de concepções adotadas pelo IHGRN, deixando transparecer os ideais comuns entre eles e o Instituto, assim como, em raros momentos, deixaram, também, explícito a figura do “eu”, enquanto autores, que existem como figuras à parte da instituição.

Na revista referente ao ano de 1980, o artigo sobre educação, que tem como autor Carlos Borges de Medeiros, se assemelhou ao artigo de Tarcísio Medeiros, na medida em que esse também trabalhou aspectos da educação em uma localidade, nesse caso o próprio país. O texto intitulado *Aspectos da Educação no Brasil*, nada mais foi do que um resumo bem detalhado sobre a educação no país desde a época colonial, tendo sido o discurso de posse, enquanto sócio efetivo do IHGRN, proferido por Carlos Borges de Medeiros no dia 12 de julho de 1978. Por consistir em um discurso, a abordagem escolhida para o tema difere das demais entre os artigos apresentado até o presente momento, tendo em vista que o autor, inicialmente, direcionava-se para o público que se fazia presente no salão de posse; ele justificou a escolha do tema tratado em seu texto por carregar em seus ombros o título de “professor” e logo no início do texto apresentou fatos de sua infância para remeter ao assunto abordado. Discorreu sobre sua vida, história de si, para logo em seguida apresentar as leis que regiam sua escola e como essas eram recebidas pela sociedade ao longo do tempo.

Nesse artigo, também enxergo um certo romantismo para com a figura do professor, quando o autor tratou a profissão docente como um dom, afirmando que

[...] o professor acompanhava as suas tendências inatas (boas ou más), aprimorando-as no aproveitamento dos seus dotes e de suas aptidões, da sua capacidade positiva latente, da potencialidade do seu comportamento, da sua maneira de se conduzir, do meio de se integrar junto ao desenvolvimento da vida social na comunidade educacional, como vocação, pendores ou inclinações que jaziam adormecidos dentro de si (REVISTA DO IHGRN, 1980, p. 35).

Tal percepção pela figura docente pode levar o autor a seguinte conclusão mais adiante, quando citou inúmeros sujeitos que dedicaram sua vida pela causa da educação, de que os professores não ansiavam por melhores condições de vida, mas somente pelo bem-estar de seus alunos. Após citar inúmeros docentes, já falecidos no período de escrita e publicação do artigo aqui analisado, Carlos Borges de Medeiros escreveu:

[...] esses professores eram dotados do espírito do sacrifício. Neles, essa virtude assomava altas dimensões. Não litigiavam por valiosas retribuições materiais, e, sim, tão somente, a gratidão e “as recompensas da glória e das honras que a sociedade tributa à sua nobre função”, abdicando o interesse pelas comodidades e pela ostentação, pelo aparato e pelo luxo, fazendo jus, assim, às qualidades que se situam na classificação das características vocacionais. Foi da vocação, da humildade, da paciência de atender e de bem servir, da resignação e do sofrimento, que se erigiram as primeiras pilastras para a formação da educação no Brasil que tem a sua origem, em 1549, quando aqui chegaram os seis primeiros padres, sendo dois jesuítas. (REVISTA DO IHGRN, 1980, p. 37).

Ressalto que esse texto, direcionado inicialmente aos corpos que preenchiam com vida o salão de posse, foi endereçado àqueles que dividiam um mesmo status na sociedade, de membros de um Instituto Histórico, e que, talvez, tal pensamento não influenciasse negativamente as ideias acerca da profissão docente entre esses sujeitos. Foi uma construção recorrente, entre os artigos do IHGRN, representar a imagem do professor enquanto ser de vocação natural para o ensino, como indivíduos que amam a profissão que foram designados a desempenhar e exerceram suas atividades da melhor forma possível, mesmo em meio as dificuldades impostas pelo meio que estão inseridos. Com relação a esse pensamento apresentado na Revista do IHGRN, acerca da vocação docente, discorro mais detalhadamente no terceiro capítulo deste trabalho, quando trato das histórias de professores narradas nos artigos publicados pelo impresso.

Outro fato que observo no artigo escrito por Carlos Borges de Medeiros, foram as citações diretas a vários estudiosos da educação, característica não constatada nos últimos textos analisados, que não apresentaram, desse modo, seu referencial teórico e documental para a validação do artigo. Aqui, o autor fez questão de escrever frases de intelectuais que ofereciam autoridade ao texto, na medida em que defendeu a educação como meio de desenvolvimento e reflexão para os jovens brasileiros. Imagino a aclamação positiva ao final de seu discurso, por ter sido mais um sócio capaz de compreender os mecanismos da instituição ali presente, apresentando a educação como algo essencial para o desenvolvimento do país, na medida em que elogiou a dedicação de determinados governos, para os assuntos educacionais e sujeitos importantes para a causa do ensino. Nesse caso, saliento, também, a figura do Instituto como fomentadora de discussões sobre o tema da educação, quando abriu suas portas para membros inseridos no âmbito educacional, permitindo que essa temática se tornasse uma constante em seu impresso e estivesse presente nas exposições de seus sócios, em momentos como a posse de novos membros.

Aqui, acho importante destacar, que foi durante a década de 1930 que o primeiro marco legal instituiu o curso de pedagogia no Brasil. Giseli Barreto da Cruz (2008) observou que foi

o Decreto-Lei nº. 1.190 de 4 de abril de 1939, que instituiu o curso no bojo da organização da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. A década de 30 ficou marcada, dentre outros aspectos, no contexto educacional, pela implementação da reforma Francisco Campos e pelos debates em torno

da criação das universidades brasileiras, influenciados em parte pelo ideário da escola nova. (CRUZ, 2008, p. 42).

Assim, observo que novos profissionais da área da educação poderiam ser formados a partir da instauração desse decreto, sujeitos de fato especializados na área que poderiam contribuir com os rumos educacionais que o país pretendia seguir. Desse modo, é notório pensar que os autores do IHGRN, assim como a própria Instituição, não quiseram perder espaço dentro dessa nova organização social em torno da educação e logo passaram a escrever sobre o assunto, a fim de permanecerem no meio dos debates e discussões de intelectuais; afinal, esse era, de fato, o meio circulatório da Revista. Logo percebo que foi após a década de 1930 que os artigos sobre educação aparecem com mais frequência nas edições da Revista do IHGRN, chegando até o ano de 2016 com uma soma de vinte e seis artigos publicados sobre o assunto.

Os autores do IHGRN se anteciparam na escrita sobre essa temática, antes da criação do curso de pedagogia<sup>38</sup> no Rio Grande do Norte e, até mesmo, da criação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte<sup>39</sup>, que viria a instituir cursos, como o de História, logo no seu primeiro ano de funcionamento. Aproveitaram o clima propenso da década de 1930 e já marcaram seus textos na história e mostraram que, antes da formalização dos profissionais, esses autores já estavam construindo um campo de estudo através de suas pesquisas dentro do IHGRN, espaço que possibilitava tal ação e merecia reconhecimento frente aos seus resultados.

A instituição, assim como afirmou Michel de Certeau (2006), além de garantir estabilidade a certa concepção, a torna possível. Seus membros são respaldados pela história, notoriedade e poder que são atribuídos ao Instituto e com isso seus escritos, com referencial teórico ou não, são respeitados entre o meio intelectual, pois não é mais o sujeito que escreve por si só, mas também o IHGRN enquanto entidade cultural do estado do Rio Grande do Norte. Desse modo, ao afirmar que a educação é uma atividade de extrema necessidade para o desenvolvimento do país (econômico, político ou social), como também a profissão docente deve ser carregada por aqueles que possuem o dom e

---

<sup>38</sup> O curso de pedagogia, no Rio Grande do Norte, fazia parte da Faculdade de Filosofia desde o ano de 1955. A primeira turma de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) só foi estabelecida no ano de 1961, embora o curso só tenha sido reconhecido através do Decreto Federal de nº 77.499, de 07 de abril de 1976.

<sup>39</sup> A Universidade Federal do Rio Grande do Norte teve como data de criação o dia 25 de junho de 1958. Desde sua fundação a UFRN já contava com os cursos de Direito, Medicina, Odontologia, História entre outros. Para mais informações ver: <<https://ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/18109/paredes-da-memoria>>

o amor pelo trabalho de instruir seres humanos, a Revista do IHGRN construiu uma certa representação acerca do assunto através do olhar dos sócios autores, que devia ser estudada e, de certa forma, preservada nos próximos artigos sobre a temática.

O artigo de Carlos Borges de Medeiros é um excelente material para o estudo da História da Educação no Brasil a ser analisado e estudado pelos sócios do IHGRN que possuem interesse na temática apresentada pelo autor. Apresentou aspectos factuais, como reformas do ensino, decretos e leis que nortearam a educação ao longo dos anos, e “garantiu” a paixão pelo ensino, através da tarefa vocacional do professor, apesar de todas as dificuldades encontradas ao longo dos anos. Os problemas no sistema educacional, bem como seu tratamento e organização, também foram tratados ao longo do texto, quando o autor expusera o problema complexo da educação no Brasil, devido ao mau direcionamento oferecido pelas autoridades responsáveis pelo assunto e pelos padrões filosóficos e acadêmicos que ainda influenciam as decisões acerca da educação, sendo resistentes as mudanças do tempo e da sociedade. Desse modo, o artigo aqui apresentado seria um bom material a ser circulado entre os meios intelectuais, por retratar detalhadamente o assunto educacional no Brasil, tornando-se um importante artigo para consulta entre aqueles sócios que não são tão familiarizados com o tema. Agrada ao IHGRN produzir um material que circule entre os sócios dos IHGs, viabilizando as discussões sobre o assunto de acordo uma perspectiva previamente aprovada.

O artigo sobre educação publicado na revista referente aos anos de 1997 a 1999 fica a cargo da autoria de duas mulheres, as primeiras e únicas a escreverem sobre o assunto nas páginas da Revista, Marta Maria de Araújo<sup>40</sup> e Marlene da Silva Mariz<sup>41</sup>. A *Escrita da História da Educação do RN na Revista do IHGRN* é o título do artigo escrito pelas autoras citadas e presente na revista que homenageia o centenário do IHGRN. Alguns dos artigos escritos, especialmente, para essa edição da Revista foram pensados para ressaltar a história do Instituto ao longo dos seus cem anos de funcionamento. Desse modo, o artigo escrito por Marta Maria de Araújo e Marlene da Silva Mariz, inicialmente apresentado no Congresso Brasileiro de História da Educação, ganhou destaque nessa

---

<sup>40</sup> Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no departamento de Educação, é formada em pedagogia (UFRN, 1979), mestra em Planejamento (UFRGS, 1986) e doutora em Fundamentos da Educação e Didática (USP, 1995). É a editora responsável pela *Revista Educação em Questão*.

<sup>41</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1972), possui especialização em Metodologia da Pesquisa Científica (UFRN, 1975) e mestrado em História (UFPE, 1982). Atualmente é Professor da Universidade Potiguar (UNP). Informações retiradas da plataforma *Lattes*, acesso em 29 de Mar. de 2020.

edição por mapear os artigos sobre educação publicados pela Revista do IHGRN ao longo dos anos.

Esse texto me inspirou, ainda na graduação, a iniciar uma pesquisa sobre o tratamento do IHGRN, em especial de sua Revista, com relação ao tema *educação*. Tendo em vista que muitos sócios do Instituto eram professores ou estavam ligados ao âmbito educacional direta ou indiretamente, entretanto, como mencionado no artigo ora analisado, apenas treze textos foram encontrados (até o momento da escrita do artigo) sobre a temática educação. O que me causou certa estranheza ao comparar com o número dos sócios do IHGRN que estavam vinculados aos setores educacionais. Essa inquietação, especificamente, me incentivou a iniciar a pesquisa pelas páginas da Revista do IHGRN a fim de compreender o porquê das poucas publicações sobre o assunto, em comparação ao número de sócios professores. Descobri que outros artigos, voltados à história de vida de professores, foram publicados na Revista ao longo dos anos e, com isso, percebo que o impresso oferecia uma nova forma de abordagem sobre o assunto educacional, através das biografias dos sujeitos ilustres, que serão analisadas no próximo capítulo deste trabalho.

Como bem afirmaram as autoras em seu texto, o IHGRN possuía uma forma de construção da história acerca do Rio Grande do Norte, sendo seus sócios “[...] porta-vozes e, por vezes, ligados ao poder político republicano local e nacional, a historiografia produzida pelos filiados dessa agremiação, pretendia ser memória social e, por vezes, memória pessoal (REVISTA DO IHGRN, 1999, p. 65). Desse modo, os artigos apresentados aqui como resumos, memórias e legislações, fazem parte da construção historiográfica produzida pelo IHGRN ao longo dos anos, assim como as memórias de professores, artigos analisados no próximo capítulo deste trabalho, que contemplaram a edificação de uma “memória pessoal” de sujeitos importantes para a história da instituição.

Marta Araújo e Marlene Mariz, também, apresentaram brevemente a história do IHGRN, seus sócios fundadores, a Revista do Instituto e sua organização, para em seguida mapear, no decorrer de 13 páginas, os artigos encontrados na Revista sobre a educação. Ressaltaram a importância do tema tratado na instituição ao afirmarem que

[...] o papel cultural da escola pública ou particular, veículo de formação intelectual dos filhos das elites e iniciação profissional dos filhos das classes trabalhadoras e, por conseguinte, de difusão e inculcação de valores e idéias dominantes pela sociedade, foi sempre uma preocupação histórica dos

membros dessa agremiação político-cultural (REVISTA DO IHGRN, 1997-1999, p. 65).

É importante salientar que muitos dos sócios do IHGRN, que contribuíram com o pensamento divulgado da instituição entre os meios intelectuais através de seus escritos publicados na Revista, estavam inseridos em outros meios que possibilitavam o acesso a discussões sobre a temática educacional, como por exemplo a experiência docente e/ou de coordenação pedagógica em diversos colégios norte riograndenses e departamentos públicos voltados ao setor da educação. Esses meios de sociabilidade construíram a subjetividade dos sujeitos que transparecem em suas discussões diárias e alimentaram as paredes de concreto de uma instituição de caráter histórico e historiográfico.

O artigo escrito pelas autoras, também, pode ter sido uma importante fonte para consulta entre os membros do Instituto, pois ao catalogarem todos os artigos sobre educação, contribuíram com a praticidade na busca pelo tema entre as inúmeras revistas publicadas desde 1903, ano da primeira edição do impresso, sendo o único texto publicado na Revista com essa finalidade. Além de estar presente na edição de homenagem ao centenário do IHGRN, o artigo também apresentou a Revista como um excelente material de pesquisa e consulta para os sócios e demais leitores do impresso, contribuindo com a exposição do material produzido pelo IHGRN para circulação de ideias acerca de diversos assuntos. Apresentar os artigos da própria Revista foi uma ótima estratégia de divulgação das pesquisas realizadas pelos sócios nos anos anteriores, até mesmo aqueles textos situados em um contexto mais longínquo, trazendo a marca do tempo, os autores e os escritos que contribuíram com o crescimento dessa instituição cultural, além de ressaltar o pensamento do Instituto sobre a temática educacional ao longo das décadas.

Após um longo hiato nas publicações de novos artigos, do qual não posso conhecimento sobre o que levou de fato essa pausa, infiro ser a dificuldade em conseguir verbas para o custeio da produção de novos exemplares, a Revista do IHGRN volta a circular em 2015 com a publicação do texto escrito pelo professor Itamar de Souza<sup>42</sup>, denominado *A Educação Pública do Rio Grande do Norte no Governo do Interventor Mário Câmara*. O autor afirmou que no campo educacional e no período das interventorias nos estados (1930 – 1945), Mário Câmara foi aquele que mais se preocupou

---

<sup>42</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1963), é mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1977). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Potiguar (UnP).

em dinamizar a instrução pública primária e, por esse motivo, sua trajetória seria de grande relevância para o conhecimento de todos aqueles que se propõem a estudar a educação. A relevância oferecida ao sujeito homenageado, pode ser observada ao longo da leitura do texto de Itamar de Souza, especificamente no parágrafo em que o autor descreveu o Interventor Mário Câmara como “[...] um homem educado e possuidor de uma ampla visão dos grandes problemas econômicos e sociais do Brasil e do Rio Grande do Norte. (REVISTA DO IHGRN, 2015, p.119).

O autor do artigo descreveu, no decorrer de seu texto, a vida do interventor esclarecendo que esse foi descendente de uma grande família tradicional no Rio Grande do Norte, a família Câmara, e apresentou citações diretas de intelectuais que já haviam estudado a vida de Mário Câmara, oferecendo material para composição de sua breve biografia no início do texto. Em seguida, Itamar de Souza apresentou, de forma extensa, os feitos educacionais no decorrer do governo desse interventor. Apresentou em um quadro, o nome dos municípios e povoações que foram contemplados com a criação de novas escolas, para uma melhor visualização do leitor acerca do seu trabalho efetivo.

### Imagem VII – Artigo de Itamar de Souza na Revista do IHGRN

10 – Decreto nº 918, de 24 de setembro de 1935 – Criou as Escolas Reunidas da povoação de Vitória, no município de Pau dos Ferros, as quais funcionarão no prédio ali construído pelo Estado em cooperação com a Prefeitura Municipal

11 – Decreto nº 922, de 28 de setembro de 1935. Criou Escolas Reunidas na povoação de Upanema, no município de Augusto Severo, as quais funcionarão no prédio construído pelo Estado.

II – CRIAÇÃO DE ESCOLAS ISOLADAS: 13

POVOAÇÃO	MUNICÍPIO
Bela vista	Caraúbas
Marrecas	Caraúbas
São Pedro	Macaíba
Ingá	Pedro Velho
Rio dos Cavalos	Assú
João Dias	Alexandria
Comboieiro	Assú
Jardim de Piranhas	Caicó
José da Penha	Luiz Gomes
Pedra Preta	Lages
Uruassú	São Gonçalo
Canto Grande	Angicos
Boa Saúde	São José de Mipibú

III -CRIAÇÃO DE GRUPOS ESCOLARES: 06

Estes Grupos Escolares foram criados nas seguintes localidades:

1 – ACARÍ – Povoação de Carnaúba, denominado “CAETANO DANTAS”. Decreto nº 720, de 03 de outubro de 1934.

2 – NATAL – Grupo Escolar “ISABEL GONDIM”, bairro das Rocas. Decreto nº 749, de 19 de novembro de 1934.

3 – NATAL – Grupo Escolar “JOÃO TIBÚRCIO”, bairro do Alecrim . Decreto nº 765, de 21 de dezembro de 1934.

4 – JUCURUTU – Grupo Escolar “ANTONIO BATISTA”. Decreto nº 830, de 03 de maio de 1935.

5 – CRUZETA, povoação de Acarí. Grupo Escolar “TRÊS DE OUTUBRO”. Decreto nº 925, de 03 de outubro de 1935.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE 121

Fonte: Revista do IHGRN, 2015, p. 121

Com o artigo escrito em tópicos, o autor enumerou os prédios construídos e restaurados, os grupos escolares criados, as escolas particulares que receberam auxílio do interventor, a forma como Itamar de Souza apresentou a administração de Mário Câmara leva a compreender a benfeitoria de sua administração para o setor educacional do estado. Mais uma vez observa-se a importância atribuída a uma personalidade que ocupou um cargo no governo do estado potiguar e a relevância dada aos seus feitos em prol da educação do RN. Como bem afirmou Marta Maria de Araújo e Marlene da Silva Mariz, em artigo apresentado anteriormente, era comum, entre os sócios do IHGRN, a preocupação com a educação, que se sobressai na intenção de apresentar em seus artigos indivíduos, governos e instituições capazes de elevar o status da educação entre os meios intelectuais. Itamar de Souza, como sócio efetivo da Instituição, segue, portanto, o padrão adotado na forma de escrita dos sócios do IHGRN.

Por ser um texto breve, de somente sete páginas, Itamar de Souza apresentou ao público leitor da Revista o conhecimento necessário sobre aquele que deixou a fama na história do RN por ser um “político autoritário e truculento”. Sua administração, principalmente no setor educacional, foi esquecida atrás de sua personalidade forte, cabendo ao autor do texto a tarefa de ressaltar as boas características de seu governo. Itamar de Souza terminou seu artigo informando a derrota sofrida por Mário Câmara nas eleições de outubro de 1935.

Esse mesmo autor, também, escreveu, na edição de 2016, o artigo intitulado *Os Primórdios da Educação no RN: Período Colonial*, que, assim como os demais artigos apresentados, trata-se de um resumo sobre a educação na época da colonização do Brasil. Como boa parte dos artigos publicados na Revista do IHGRN, que possuem a característica de resumo, o autor optou por iniciar o texto contextualizando o período estudado até o momento de apresentação do tema escolhido. Itamar de Souza partiu de um contexto amplo, a colonização do Brasil, para em seguida ir diminuindo seu espaço de abordagem até a colonização do Rio Grande do Norte e as formas de educação durante esse período.

No artigo publicado, o autor escreveu sobre o protagonismo educacional dos jesuítas, unindo instrução e catequese, e divide a educação durante o período colonial, citando o historiador Demerval Saviani, em três etapas: período heroico (1549 – final do século XVI), consolidação (1599 – 1759) e Reforma Pombalina (1759 – 1808). No período heroico os jesuítas desenvolveram seu trabalho educacional de forma

“improvisada”, desbravando localidades, formando aldeamentos e aprendendo a língua nativa. No período de consolidação, houve a construção de escolas elementares nos aldeamentos, assim como nos núcleos urbanos e a efetiva participação jesuítica no desenvolvimento educacional, assinalando o conteúdo das aulas ministradas e a forma como as crianças eram educadas pelos padres. A última etapa, referente ao período Pombalino, momento em que os Jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal, não foi descrita nessa primeira parte do artigo.

O autor também ressaltou a preocupação dos indígenas em educarem suas filhas meninas, em contrapartida ao “machismo” dos séculos passados, onde somente os homens poderiam ter acesso à educação. Assim escreveu:

[...] a esta altura da nossa narrativa, é oportuno salientar que os jesuítas receberam a incumbência de educar, apenas, os filhos dos índios e dos colonos. As filhas, não. Apesar desse machismo transposto do Velho Continente para cá, os indígenas pediram ao Padre Manoel da Nóbrega que suas filhas também aprendessem a ler e a escrever, uma vez que elas participavam com assiduidade das aulas de catequese. Não obstante a receptividade do Padre Manoel da Nóbrega à reivindicação dos indígenas, ele precisava da autorização da Corte de Lisboa. A resposta foi negativa (REVISTA DO IHGRN, 2016, p. 17).

O conceito de “machismo” apontado pelo autor do artigo, demonstrou a mudança temporal existente nos escritos publicados pela RIHGRN; aqui, o autor se mostrou contemporâneo ao enfatizar esse conceito em seu texto como uma conclusão após a leitura de sua fonte. Hoje, é inconcebível uma educação voltada apenas aos corpos masculinos, devido as lutas femininas que reivindicaram igualdade ao longo dos anos e o papel importante que as mulheres desempenham na sociedade, como sujeitos de suas próprias histórias. Voltar os olhos do leitor para esse ponto da educação indígena é ressaltar uma problemática atual e de grande relevância para os dias de hoje.

Com inúmeras referências de historiadores e intelectuais estudiosos do assunto analisados por Itamar de Souza, o último artigo da Revista do IHGRN sobre educação em muito se difere com aquele publicado em 1938 por José Augusto, que não apresentava referências teóricas ou documental que sustentassem o discurso ou validassem a documentação. Aqui, nota-se, através de uma nova prática de escrita do século XXI, a importância de apresentar as fontes, o referencial que inspirou a escrita do artigo e, que mesmo remetendo ao passado remoto, deve constar em sua escrita como forma de respeito ao trabalho historiográfico iniciado, anteriormente, por outros indivíduos. Apesar do artigo terminar sem uma conclusão definida, por tratar-se apenas de uma primeira parte, foi possível concluir que o modo de tratamento do assunto mudou ao longo dos anos de

circulação da Revista do IHGRN, quando analiso o ponto de vista técnico, a forma de expressar a palavra escrita. A exaltação aos sujeitos e o suposto valor atribuído ao trabalho daqueles predecessores no ensino norte riograndense ainda foi reconhecido em cada página do impresso.

Retomando o questionamento que faço no início desse capítulo, seriam os autores desses artigos, analisados aqui, autores sujeitos, que expressaram suas subjetividades no decorrer de sua escrita, ou autores “institucionais”, que apresentaram a visão do IHGRN acima de suas crenças? Acredito que os sócios designados para a função da escrita em artigos na Revista do IHGRN são autores que colocaram os interesses da instituição acima de suas opiniões, ao menos nesse ambiente de escrita e circulação de informação. Com isso, não quero dizer que em nada transpareceu o lado pessoal desses sujeitos em seus textos. A forma como escreveram e apresentaram o texto é uma tática para a demonstração de sua personalidade nos formatos de suas escritas e, aqui, compreendo essa *tática* como uma ação calculada que se apresenta na medida em que a atividade do sujeito está submetida ao poder, ou seja, ela se organiza no espaço que lhe é atribuído e existe nas práticas que lhes são impostas (CERTEAU, 1998). Ao IHGRN coube o controle do conteúdo, com relação ao posicionamento desses autores em relação a educação, como meio de desenvolvimento do país em determinados períodos históricos. Além de que, muitos dos sócios do Instituto podem, sim, compactuar das mesmas concepções do IHGRN e por esse motivo serem direcionados para o trabalho da escrita na Revista da instituição.

As polêmicas, protestos ou argumentos mais enfáticos foram quase que inexistentes no meio da escrita desses sócios. Entre uma linha e outra posso perceber de forma sutil uma crítica generalizada às formas dominantes no trato para com o setor educacional, porém existiram muito mais elogios as figuras de governo do que críticas aparentes. Quando houve a necessidade de criticar, a opinião fica suspensa no ar, sem destino certo, podendo acertar várias personalidades e ninguém ao mesmo tempo. A Revista do IHGRN não opinou sobre fatos relacionados a educação, mas somente os apresentou ao seu público leitor. Essa característica pode ser notada na medida em que me debruço sobre a leitura dos artigos e percebo que os autores que escreveram sobre educação apresentaram instituições escolares, sujeitos, formas de ensino, resumos sobre a história da educação no estado, mas não apresentaram, com suas próprias palavras, opiniões acerca desses assuntos.

No texto de José Augusto, na edição da Revista de 1959, referente a reforma do ensino público proposta por Tavares de Lyra, posso observar um estímulo à mudança nos parâmetros do ensino no Brasil, ou seja, uma crítica à forma que os setores públicos organizavam o ensino naquele determinado período, culminando no impulso necessário para a reforma do ensino. Entretanto essa crítica não veio através da pessoa de José Augusto, autor do artigo. Ela veio escrita, letra por letra, de acordo com o discurso proferido por Tavares de Lyra, respaldada, portanto, por esse outro sócio do IHGRN que não escreveu sobre o assunto na Revista, mas que tem seu discurso transcrito por ser algo relevante para os intelectuais do período compreenderem a participação de um norte riograndense na discussões acerca da reforma do ensino no Brasil. Observa-se que o autor se eximiu da crítica, na medida em que somente transcreveu os feitos de outro sócio ilustre.

Entretanto, foi possível observar, em poucos artigos, a existência de um sócio autor na escrita de um relato mais individual e em primeira pessoa. Importante salientar a necessidade que o IHGRN possuiu em apresentar esses textos ao público leitor da Revista, na medida em que problematizo a seleção desses autores para escreverem sobre o assunto de forma mais particular. Sabe-se que toda escolha é um ato político e dentro da Revista isso acontece desde a seleção de novos sócios até os artigos publicados em determinados períodos. Nas próximas páginas, discorro sobre os artigos acerca da educação que trazem em seu corpo a subjetividade do autor de forma mais clara, por se tratarem de memórias e recordações. O IHGRN abriu caminho para uma nova forma de escrita, a narrativa individual de seus sócios, demonstrando a sutileza ao tratarem sobre a educação como tema pessoal, não somente historiográfico e/ou científico. Nesse caso, é importante observar como esses sócios escreveram sobre a educação de seu tempo e a forma como esses apresentam suas memórias no período de publicação dos artigos. A escolha desses autores, assim como a forma que expressaram suas memórias de determinadas instituições escolares, podem indicar sobre a forma como o IHGRN pretendia representar a educação ao seu público leitor. A importância atribuída à memória desses sócios pode representar mais o interesse da instituição a que estão vinculados do que somente a despreensão de escrita de um relato pessoal e carinhoso sobre os prazeres de uma infância escolar bem vivida. Vejamos como a educação foi apresentada através das reminiscências dessas personalidades tidas como “ilustres” nas páginas da Revista.

### 2.3 Entre memórias e escritos: as reminiscências de um passado escolar

Nessa categoria, que subdivido os artigos da Revista do IHGRN, percebo um pouco mais das subjetividades dos autores enquanto sujeitos de seu tempo, ao apresentarem a educação através de suas recordações. Os três artigos publicados sobre educação e que trouxeram como característica em comum a forma de escrita na primeira pessoa, retratando eventos da infância dos autores, apresentaram também duas instituições de ensino de grande reconhecimento no Rio Grande do Norte, a saber o Ateneu Norte Riograndense e o Colégio Santo Antônio. Nesses artigos os autores, Aduino Câmara<sup>43</sup>, Antônio Fagundes e Tarcísio Medeiros, abriram as caixas da memória e apresentaram ao público leitor da Revista do IHGRN um pouco sobre a educação nessas instituições, mencionadas anteriormente, e o dia a dia dos alunos durante a primeira metade do século XX.

Destaco, nesse tópico, a exaltação construída aos lugares de memória que, assim como afirmou Pierre Nora (1993), são lugares em que a história se cristaliza e se refugia, são restos que chama a história, na medida que essa a ignora completamente. Sem a evocação desses sujeitos, as instituições aqui apresentadas seriam, apenas, espaços onde a educação é/foi desenvolvida na sua forma técnica. Com a memória individual desses sócios, os colégios tornaram-se lugares de histórias, vivos, repletos de memórias comuns a certo grupo de uma sociedade. O relato individual desses autores trouxe ao leitor do periódico em tela um sentimento coletivo de pertença ao espaço que foi recordado através das folhas desse impresso, na medida em que relata o cotidiano de duas instituições de prestígio da história educacional do Rio Grande do Norte, local em que muitos sujeitos do IHGRN dedicaram tempo de suas vidas.

Esses artigos, também, ofereceram uma visão pessoal acerca dos acontecimentos que perpassaram a história da educação ao longo dos anos. Pequenas *ego-histórias* que, como abordou Azemar Soares Jr. (2018), são histórias de si e do outro, contadas através da lembrança de quem escreve. No caso do escrito de Azemar Soares Jr. (2018), ao

---

<sup>43</sup> Aduino Miranda Raposo da Câmara, nasceu em Mossoró no dia 14 de março de 1898. Foi um importante homem público do Rio Grande do Norte, exercendo cargos de deputado e diretor do Departamento de Segurança Pública. Aduino Câmara também desempenhou as profissões de jornalista, advogado e professor na cadeira de História do Brasil no Ateneu Norte Riograndense, instituição na qual foi aluno e sobre a qual escreve suas memórias.

contrário dos artigos publicados na Revista do IHGRN, a história narrada não foi feliz, não foram recordações positivas de um tempo infantil, nem muito menos histórias engraçadas de uma turma bagunceira de um colégio específico. Por ser uma narrativa melancólica, esse sentimento foi transmitido através das linhas escritas e direcionado ao seu público leitor, que poderia deixar-se envolver, ou não, pelas emoções expostas através da escrita desse autor. Essa experiência se assemelha com o modo de escrita dos sócios do IHGRN que escolheram suas próprias memórias como forma de apresentação da educação em determinado período. Esses, transmitiram ao público leitor do impresso um sentimento de nostalgia com relação à infância e a educação ministrada no início do século XX.

O artigo de Aduino Câmara, presente na edição da Revista do IHGRN de 1954, denominado *Ateneu Norte Rio-Grandense (Reminiscências. 1909 - 1916)*, apresentou uma das escolas de maior importância na História da educação do Rio Grande do Norte e foi publicado de forma póstuma dois anos depois da morte de seu autor, em 1952. Inicialmente, esse texto fora publicado, em cinco capítulos, no *Diário de Natal*, durante o ano de 1947, como apresentado em nota antes de cada exposição de capítulo e ofereceu aos leitores uma viagem detalhada, no decorrer de quarenta páginas, sobre o passado escolar do autor e da instituição de ensino. O artigo mais extenso sobre educação publicado na Revista do Instituto, apresentou o dia a dia dos alunos, a forma rígida que segundo ele eram apresentados os conteúdos em sala de aula e os afetos que teriam sido construídos ao longo dos anos entre os seus professores e o grupo de alunos do qual o autor fazia parte. Para uma melhor visualização desse artigo, organizei um quadro subdividido em temática que são contempladas pela escrita de Aduino Câmara acerca de suas recordações sobre o Ateneu Norte Riograndense:

**Quadro VI – Divisão do texto de Aduino Câmara por capítulos**

SUBDIVISÃO DO TEXTO	CONTEÚDO	DESCRIÇÃO FEITA PELO AUTOR
Capítulo I: <b>publicado no Diário de Natal de 9 de novembro de 1947.</b>	Memórias escolares	Suspiramos quando acabou a prova. Foi o nosso primeiro contacto com o ATENEU, e, de tal maneira dispuséram as coisas que já lhe tínhamos horror. Não sei como não fomos todos inabilitados. Vencidas as provas de admissão, fomos matriculados na primeira serie (CÂMARA, 1954, p. 6).
Capítulo II: <b>publicado no Diário de Natal de 16 de novembro de 1947.</b>	Estrutura física do Ateneu	O prédio contrariava todos os requisitos pedagógicos. A profusão de janelas determina excesso de luz, ou sua péssima distribuição nas salas, bem como ruídos externos permanentes. O Mercado era um convite á evasão. Não havia serviço de bar nos colégios. Os alunos ou conduziam suas merendas, ou tinham de se

		ausentar para se alimentar no Mercado, onde as “cocadas de sinha Silvina” regalaram gerações (CÂMARA, 1954, p. 13).
Capítulo III: publicado no <i>Diário de Natal</i> de 28 de novembro de 1947.	Cotidiano estudantil	A vida dos estudantes, no Natal de 1909, era das mais insípidas e pachorrentas. Já havia bondes de tração animal. Cinema, bonde e luz elétrica, só em 1911. Almoçava-se às 10 horas, jantava-se às 15, ceava-se às 18, dormia-se às 21. Depois desta hora, gente de responsabilidade não andava na rua, e muito menos rapazes-de-familia, salvo nas festas da Padroeira, espetáculo no Teatro, ou baile no “Natal-Clube” (CÂMARA, 1954, p. 23).
Capítulo IV: publicado no <i>Diário de Natal</i> de 30 de novembro de 1947.	Ensino	Não era de má qualidade o ensino ministrado. Os professores eram, de modo geral, competentes e esforçados. Sua admissão se fazia por concurso de títulos, obras, julgados pela Congregação. Mais tarde, em 1915, é que a reforma Maximiliano exigiu o concurso de provas (CÂMARA, 1954, p. 26).
Capítulo V: publicado no <i>Diário de Natal</i> de 7 de dezembro de 1947.	Professores	Os professores viviam cercados de prestígio social, eram acatados em todos os meios. A posição de lente do Ateneu sempre foi das mais desejadas no Rio Grande do Norte, pela distinção ilustre, que lhe eram inerentes (CÂMARA, 1954, p. 32).

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora a partir dos dados contidos no artigo de Aduino Câmara publicado na edição da Revista do IHGRN de 1954.

Como pode ser observado no quadro acima, o artigo de Aduino Câmara foi subdividido em capítulos, de acordo com a data de publicação desses escritos no Diário de Natal, mas foram publicados na Revista do IHGRN de forma compilada. Esses capítulos abordaram aspectos físicos e organizacionais do Ateneu, no período em que o autor era somente um estudante da instituição, por volta da década de 1910. Após esse breve resumo sobre os assuntos abordados por Aduino Câmara em seu artigo, ainda destaque, na escrita do autor, a menção aos decretos e reformas que viabilizaram o ensino no período de 1909 à 1916, assim como sua recepção direta pelas instituições de ensino e pelos próprios alunos que, conseqüentemente, eram afetados pelas mudanças ocorridas no setor educacional. O uso do fardamento escolar também foi recordado e defendido pelo autor, apesar desse afirmar que muitas pessoas eram contra, pois “[...] condena-se sua imposição como atentatória da liberdade do aluno e de seus pais, como uma violência anti-democrática” (REVISTA DO IHGRN, 1954, p. 10). Para Aduino Câmara, a defesa oferecida ao fardamento escolar parte de uma experiência pessoal que o autor recordar em seu texto com bastante consternação:

[...] a lembrança dos meus dias de colégio reforça em mim esta opinião em favor de um traje único para os estudantes, — o que não é privilégio do Brasil. É a recordação do retraimento de nossa pobreza, minha e de meus irmãos, em face da soberbia de colegas endinheirados, que se gabavam de possuir variado guarda-roupa e calçados a granél. Havia uns que primavam pela fatuidade que

o ouro dá e se recomendavam pelas belas roupas. No geral dos casos, afundaram na mediocridade, não se distinguiram nos estudos, eclipsaram-se na vida pública (REVISTA DO IHGRN, 1954, p. 10-11).

Observa-se aqui, explicitamente, que as opiniões ofertadas pelo autor nesse texto eram de caráter pessoal e singular, partindo de sua vida enquanto indivíduo, composta por suas subjetividades moldadas no decorrer da vida. Nesse texto, o público leitor da Revista pôde conhecer mais sobre o sujeito autor, detalhes sutis de seus pensamentos e personalidade puderam ser observados, apesar da compreensão de que a vida desse autor em específico, assim como os próximos autores dessa sessão, era de interesse para a instituição a qual estavam vinculados devido ao pensamento sobre a educação ser importante para as ideias circulantes da Revista. É importante salientar que o primeiro público alvo desse texto foram as pessoas que compravam o *Diário de Natal* na época da publicação do artigo e que, portanto, a forma de escrita do autor esteve voltada, inicialmente, à essas pessoas. Por esse motivo, a sua apresentação se difere dos demais artigos expostos nesse trabalho, sendo dividido por capítulo e contendo um excessivo número de páginas em relação aos outros textos da Revista. A escrita detalhada no modo de apresentação do Ateneu, enquanto instituição de ensino, e suas memórias narradas através de uma escrita que priorizou o cotidiano estudantil, contribuiu para uma possível aproximação do leitor com o texto, tendo em vista que esse escrito visava alcançar um público maior do que aquele composto pelos sócios do IHGRN e precisava dessa aceitação para sua boa circulação.

Adauto Câmara rememorou seus dias naquelas salas de aulas, acompanhados de seus colegas de turma e funcionários da escola, os quais citou seus nomes afim de serem lembrados para além de suas lembranças, assumindo uma característica dos escritos presentes na Revista, que exaltavam os nomes dos sujeitos ao longo da história. Muitos desses jovens tornaram-se partícipes da vida pública do estado ou assumiram profissões de prestígio perante a sociedade, levando o autor a afirmação que sua geração “não envergonhou o Ateneu”.

O ensino e os professores são lembrados nos capítulos IV e V, respectivamente, de forma a se detalhar os conteúdos ensinados em sala, os livros didáticos utilizados, embora o autor tenha, também, suas próprias opiniões acerca do ensino e da baixa produção livresca do país. Teceu críticas aos jovens pela falta de interesse na literatura, assim como apontou que, apesar das reformas de ensino estarem sendo realizadas no país durante o período, pouco se experimentava dos métodos modernos no Ateneu Norte

Riograndense. A rotina era preservada e respeitada, mas os jovens possuíam suas táticas para lidarem contra os meios repressivos impostos pelos supervisores e alguns professores. Aauto Câmara recordou fatos de seus colegas em sala de aula, da rebeldia instalada entre os corredores e aponta a figura dos professores como verdadeiros amigos.

Aauto Câmara ofereceu um relato pessoal, para aqueles que pretendiam estudar a educação no período, assim como o Ateneu Norte Riograndense, ressaltando as memórias de seus alunos e funcionários. Encerrou seu escrito com o exemplo perfeito para aquilo que Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007) denominou de reminiscência, uma memória involuntária que é forçada a vir à tona através de um contexto vivenciado pelo sujeito. Nesse caso, a escrita força Aauto Câmara a trazer o passado ao presente de forma abrupta, desse modo o autor escreveu de forma emocional: [...] senti que mentalmente me reaposei daquele reino de sonho, em que vivi na juventude e de cujo influxo benéfico jamais me pude libertar, não obstante a nossa dilatada separação no tempo e no espaço (REVISTA DO IHGRN, 1954, p. 43).

As lembranças involuntárias que ocuparam o pensamento desse autor, na medida em que esse exerce seu trabalho de escrita e rememoração dos tempos vividos no Ateneu Norte Riograndense, representam, para Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2007), uma memória individual sendo “violentada” por signos sensíveis:

[...] estes signos provocam a evocação, fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que aparecem como rasgões num tecido negro. Passam através destes rasgões figuras indecisas, imagens fugidias, aparições irrepetíveis que trazem até o indivíduo o passado em estado puro, ou seja, não uma simples semelhança entre passado e presente, uma repetição de sensações, mas sim uma fusão de sensações passadas e presentes que faz com que o que foi invocado surja de uma nova forma (ALBURQUER JR., 2007, p. 41).

O relato pessoal apresentado pelo autor trouxe, ao presente, momentos de sua infância e sensações, ora sentidas no período apresentado, tornando o texto muito particular na medida em que expõe suas experiências pessoais. É importante ressaltar o espaço oferecido pelo IHGRN às memórias de Aauto Câmara, que remetiam ao ensino oferecido pelo Ateneu Norte Riograndense, instituição de ensino de extrema relevância para o estado do Rio Grande do Norte. Levando em consideração que muitos dos sócios do IHGRN, autores ou não de artigos sobre educação, foram alunos, professores ou participaram, de certo modo, do cotidiano dessa famosa escola.

Embora seja de caráter pessoal, a experiência descrita no artigo de Aauto Câmara em muito pode se assemelhar as experiências vividas pelos outros sócios do IHGRN

dentro dessa instituição de ensino. O ponto em comum entre esses sócios era o próprio Ateneu Norte Riograndense, que exerceu grande importância na história do IHGRN, sendo o primeiro espaço físico a abrigar o Instituto no ano de sua fundação. O salão do Ateneu foi palco para inúmeras reuniões entre os primeiros sócios e contribuiu com a construção do IHGRN, sempre lembrado com muito carinho entre seus sócios e colaboradores. Por esse motivo, posso inferir que é possível destacar uma influência da instituição sobre o artigo de Aduino Câmara na medida em que suas memórias foram escolhidas, entre tantos sócios, para ganhar destaque nas páginas da Revista, justamente por recordarem uma instituição sempre representada como sendo de muito prestígio e importância para a história do IHGRN. Dessa forma, penso que a intenção era a de fazer circular entre os leitores da Revista o nome das instituições que formaram intelectuais do Rio Grande do Norte, como o Ateneu e o Colégio Santo Antônio, que recebeu os religiosos irmãos maristas e foi local de aprendizado e crescimento profissional para alguns sócios do Instituto, recebendo, também, seu devido espaço nas páginas da Revista do IHGRN.

O artigo de Antônio Fagundes, de título *O Colégio Santo Antônio (reminiscências)*, publicado na Revista de 1961, trouxe consigo traços particulares do autor nas recordações acerca de uma instituição de ensino. As lembranças de Antônio Fagundes tornaram-se escritos e matéria de circulação entre os sócios do IHGRN, através da Revista, e apresentaram memórias de um período entre 1904 e 1907, quando o autor do texto frequentou o colégio diocesano que deu nome ao seu artigo. Esse colégio esteve firmado, inicialmente, na Cidade Alta (Natal/RN), onde hoje localiza-se o Convento de Santo Antônio, assim como explica o autor em seu texto, mas recebeu nova sede na rua Apodi, no ano de 1939, onde hoje localiza-se o Colégio Marista, em uma área central da cidade de Natal.

Antônio Fagundes iniciou seu texto de forma saudosa e sentimental, exclamando “como são duradouras as recordações da infância!” e descrevendo espaços físicos da cidade de Natal que, segundo ele, carinhosamente o acolheu em seus “braços maternos”. Nesse contexto, Antônio Fagundes rememorou seus anos como aluno do educandário e escreveu, de forma amorosa, sobre seus professores, apresentando-os como verdadeiros amigos. Ressaltou que muitos religiosos, destinados a tarefa de educar as crianças, desconheciam os princípios da ciência de educar, porém em muito se esforçavam para oferecer o melhor ensino aos jovens ali presentes e relembrou com saudosismo os seus antigos professores: [...] quantas reminiscências que fazem bem ao coração e

despertando-nos inexplicável saudade e imorredouro reconhecimento àquelas almas plenas de infinita bondade, muitos dos quais distantes de nós outros, na eterna bem-aventurança! (REVISTA DO IHGRN, 1961, p. 21).

Observa-se que ao descrever seus professores, ao longo de seu texto, o faz como figuras de enorme prestígio e respeito, embora em muitos casos contados pelo próprio autor, os alunos ultrapassassem os limites impostos pela disciplina escolar e burlassem as regras tirando os professores da paciência diária. Antônio Fagundes recorda casos de sua infância no colégio, a amizade com seus colegas, citando seus nomes ao longo do escrito, assim como sua primeira comunhão, realizada durante o período de estudo no Colégio Santo Antônio. Refere-se a homenagem realizada pelo IHGRN ao Frei Miguelinho, fato que se encontra na Revista de 1906, e encerrou seu texto recordando, mais uma vez, aqueles colegas que, vez por outra, encontrava pelas ruas de Natal e aqueles que tão cedo cumpriram sua jornada e agora “descansam em seus túmulos carregados de flores e saudades”.

Percebe-se, que a escrita de Antônio Fagundes vem carregada de emoções e saudade de sua infância. Como já mencionei anteriormente neste capítulo, Antônio Fagundes já havia publicado, em 1960, na própria Revista do IHGRN, o artigo sobre o ensino no Rio Grande do Norte que se enquadra, aqui, no primeiro subtópico referentes as leis e decretos que contribuíram com o desenvolvimento da educação no estado. Nesse artigo, Antônio Fagundes apresenta seus resultados de pesquisa e a catalogação de decretos sobre o ensino no Rio Grande do Norte, ressaltando a dispersão encontrada por ele nas leis sobre educação. Assim, pode-se observar dois tipos de escrita, onde ambas contribuem para a realização dos objetivos do IHGRN. No primeiro artigo, o autor expõe sua pesquisa e sua leitura dos documentos encontrados sobre educação e no segundo artigo, o mesmo autor, expõe suas memórias acerca de uma instituição de ensino importante para a formação moral do cidadão norte riograndense.

O Colégio Santo Antônio, especificamente, a congregação marista foi recordada também no artigo de Tarcísio de Medeiros, intitulado *Há 50 anos, com os maristas em Natal*, publicado na Revista referente aos anos de 1979-1980. Porém, para que possa adentrar no artigo escrito por Tarcísio de Medeiros, se faz necessário uma breve explicação sobre quem são “os maristas” e como chegaram até o Rio Grande do Norte, influenciando a educação que se construía no estado. Nesse ponto, destaco o artigo escrito por Iran de Maria de Leitão Nunes (2002), que traz uma visão acerca da influência dos

irmãos maristas para a educação do estado do Maranhão, por trazer um panorama sobre a congregação marista desde sua fundação até sua chegada ao Brasil.

Essa congregação, fundada ainda no século XIX pelo clérigo francês Marcelin Joseph Benoit Champagnat, se espalhou pelo mundo após a morte de seu criador, chegando ao Brasil em 1897, a convite de Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana/MG. A partir desse ano os maristas espalharam-se pelo Brasil, ressaltando a educação cristão em um país que pretendia a laicidade do ensino. Segundo Nunes (2002), a educação marista conseguiu desenvolver

[...] práticas consideradas inovadoras para a época: modificou o método de leitura vigente, facilitando a aprendizagem das crianças, o que registrou no guia "Princípios de Leitura"; adotou a participação ativa dos educandos no ensino; buscou garantir a educação da fé e uma boa formação acadêmica, visando formar o "bom cristão e o virtuoso cidadão"- considerada a síntese de sua proposta educativa (NUNES, 2002, p. 3).

Nesse aspecto, posso destacar a importância atribuída, mais uma vez, ao ensino de caráter religioso na Revista do IHGRN. O Colégio Santo Antônio, assim como a congregação marista, apareceu em dois artigos da Revista de forma memorialística, ou seja, seus autores lembraram de forma saudosa, através de suas memórias pessoais, aspectos da educação com a finalidade de exaltar um ensino ministrado em um passado remoto, que tinha o objetivo de forma "bons cristãos e virtuosos cidadãos".

O artigo de Tarcísio de Medeiros, abordou os anos de 1930, período em que a congregação marista se instala na cidade de Natal, especificamente no Colégio Santo Antônio, como já citado anteriormente. Iniciou seu relato recordando a festividade de conclusão de curso da sua turma e a revolução comunista que deu fim às comemorações devido ao clima de pânico que instaurou na capital do estado. Logo, escreveu sobre seus amigos e dedicou boa parte de seu texto a exaltar a forma de ensino imposta pelos irmãos maristas. Digo imposta, pois em muitos momentos o autor deixa claro a disciplina rígida, a formação religiosa que molda o caráter dos jovens do colégio, com respeito entre professores e alunos, mas, também, com castigos e suspensões. O autor deixou claro a disciplina escolar no seguinte parágrafo:

[...] ao toque do sino do pátio, pelas 8 horas, as turmas de 1930 formaram nos lugares pré-estabelecidos e silenciaram ao apito do Ir. Manuel, o encarregado da disciplina além de professor dos poucos alunos do 1.º ano seriado. Depois, seguimos, como assim seguiríamos sempre, em coluna por dois, de braços cruzados, para as classes onde, antes de qualquer atividade, rezávamos o —

“A vossa proteção recorro a vós, santa mãe de Deus” (REVISTA DO IHGRN, 1979-1980, p. 116-117).

Nesse ponto, o autor revelou o caráter disciplinador de sua escola dos tempos de infância. Apresentou a rigidez que os professores, ao soar de um apito, administravam os corpos de crianças que se dirigiam às salas de aula em silêncio. A disciplina, apresentada por Tarcísio de Medeiros, foi aquela que manteve os jovens aptos a receberem as recomendações de aprendizagem e pode ser bem analisada pelo olhar de Michel Foucault (2014) que a define como “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade.” (FOUCAULT, 2014, p.164). Os *corpos dóceis*, os melhores alunos, seriam aqueles capazes de obedecer às regras estabelecidas pelo colégio, que sujeitariam seus corpos ao controle de professores, que extrairiam o melhor de suas capacidades para o fim de aprendizagem, tornando-se útil ao programa de ensino proposto.

A disposição desses estudantes, “em coluna, por dois”, era mais uma característica da forma de controle desses indivíduos durante o período escolar. Assim ressaltou Foucault (2014):

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente (FOUCAULT, 2014, p. 173).

Alinhados segundo o grau de conhecimento, organizados de acordo com seus resultados, tal qual explicitou Michel Foucault (2014), na ordem disciplinar escolar, Tarcísio de Medeiros revelou que os alunos que não tiravam nota boas eram impedidos de participar das atividades de lazer dos fins de semana. Para aqueles que estudavam sob a forma de internato, a nota baixa poderia resultar no impedimento de sair do colégio para visitar parentes, ir ao cinema e participar das atividades esportivas. A docilidade dos corpos foi vista, aqui, como fator fundamental da instauração da disciplina. Um corpo dócil seria aquele mais fácil de aperfeiçoar e transformar, para ser extremamente eficaz nas atividades que lhes são propostas. Assim como o soldado, descrito por Michel Foucault (2014), que tem seu corpo forjado para o trabalho de guerra e que é de longe reconhecido pela sua postura, os alunos do Colégio Santo Antônio, seriam reconhecidos

por sua disciplina, por sua obediência e, ainda mais, por sua disposição frente a sociedade. Corpos que representariam, não somente sua individualidade, mas, também, a instituição de ensino em que estavam vinculados. Vigiados por um inspetor, silenciados pelo barulho de um apito, os alunos aprenderiam, logo na infância, que a escola, enquanto *cerca*, controlaria suas atitudes e que seus corpos sempre estariam sofrendo as consequências de um poder imposto pelos professores, coordenadores e funcionários escolares no geral.

O controle da atividade desses alunos, também, pode ser avaliado através do olhar foucaultiano, na medida em que existiam gerências no horário, na distribuição dos corpos em fileira, nas restrições e nas atividades exaustivas. Desse modo, torna-se comum imaginar as táticas aperfeiçoadas pelos estudantes ao longo dos anos e que foram descritas, pelos autores desses artigos, como “bagunça”, “arruaça” ou “brincadeiras”. Nada mais era do que um método de resistência aos controles impostos pelas instituições de ensino. Tarcísio de Medeiros terminou seu texto afirmando que muitos dos seus colegas exerceram inúmeras atividades de prestígio, vangloriado, assim e apesar de tudo, o ensino ministrado pelos professores do Colégio Santo Antônio – Marista.

A pesquisa, a apresentação dos documentos e a descrição de um colégio de prestígio, são de grande relevância para a construção da concepção de educação que o IHGRN constrói ao longo dos anos. Segundo Michel de Certeau (2006), o público de uma obra é menos cotado, do que os “pares” e “colegas”. Ou seja, aqueles mais próximos ao contexto de escrita do autor avaliam os artigos sobre critérios, diferente dos utilizados pelo público em geral, fazendo com que, muitas vezes, a escrita da Revista do IHGRN, que se pretende historiográfica/científica, seja escrita para seus pares. Os artigos aqui apresentados são um meio de expor aos demais intelectuais as instituições de ensino do Rio Grande do Norte, a forma como a educação era tratada ao longo dos anos pelos homens ilustres do estado do Rio Grande do Norte e a apresentação, de fato, desses sujeitos para outros sujeitos tão iguais quanto, que frequentaram os mesmos lugares e apresentaram, inúmeras vezes, o mesmo ponto de vista sobre os assuntos tratados.

Essa forma de apresentação da educação fica ainda mais clara no próximo capítulo deste trabalho, quando escrevo sobre os artigos publicados na Revista que exaltam as figuras de homens que dedicaram sua vida ao ensino. Os textos, analisados a seguir, serão importantes para a compreensão da posição do IHGRN frente ao assunto educacional, pois, mais do que apresentar a educação, o IHGRN pretendeu, com isso, apresentar seus sócios, figuras reconhecidas entre seus pares e que mereceram estampar as folhas de um

impresso, tendo salva suas memórias e ideias, recebendo o devido reconhecimento pelos seus feitos em vida pela história da educação do Rio Grande do Norte.

# Capítulo III

## Histórias de professores na Revista do IHGRN

“Nunca poderão ser esquecidos os que fizeram da  
educação da infância e da juventude verdadeiro  
apostolado”  
(Raimundo Nonato, 1980).

O IHGRN, ao longo dos anos em que publicou seu impresso, contribuiu com a memória de seus sócios e colaboradores através de artigos e textos escritos, publicados regularmente em sua Revista. Os sujeitos que contribuíram, com suas pesquisas e intelectualidade, para a ascensão do Instituto, eram tidos como “ilustres” e merecedores de um lugar de honra na história construída pelo IHGRN. Entre esses homens haviam aqueles responsáveis pela educação, que tiveram como missão, quase apostólica, o ensino da juventude potiguar e por esse motivo, segundo Raimundo Nonato mencionado acima, “nunca deverão ser esquecidos”. Os professores vinculados ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foram recordados, ao longo dos anos, nas páginas da Revista e por seus colegas como figuras ilustres do cotidiano norte riograndense. Alguns desses sujeitos receberam homenagens após seus falecimentos nas páginas do impresso, onde pode-se observar uma tendência à exaltação de suas vidas e a importância atribuída à tarefa docente para a formação das gerações do Rio Grande do Norte. Nas próximas páginas, são analisados os artigos que possuem como característica principal a homenagem aos professores, que dedicaram suas vidas ao ensino e que, após a morte, em sua maioria, foram lembrados por seus conterrâneos como indivíduos “notáveis” e de grande relevância para a sociedade.

O capítulo está dividido em três tópicos, afim de aprender a participação desses sujeitos biografados na construção da identidade do IHGRN. No primeiro tópico são apresentados os artigos de homenagem à figura docente, presentes na revista referente aos anos de 1948-1950<sup>44</sup> até a revista publicada ao ano de 2015, totalizando onze artigos escritos sobre professores ao longo desses anos. No segundo tópico, receberão destaque quatro artigos biográficos escritos pelo sócio Raimundo Nonato, autor que mais escreveu sobre professores na Revista do IHGRN, para que eu possa discutir a figura dos sócios, através desse sujeito, enquanto autores, professores e membros da Instituição. Em seguida será problematizado a importância desses professores biografados para a construção do IHGRN, na medida em que também será abordada a falta de artigos escritos por esses sujeitos na área educacional nas páginas da Revista. Abordando esses pontos, finalizo esse capítulo atendendo meu objetivo principal de pesquisa, bem como o objetivo de apresentar a Revista do Instituto como material de pesquisa para a área da educação e da História da Educação no Brasil e, especificamente, no Rio Grande do Norte, ainda pouco utilizado pelos pesquisadores da área.

---

<sup>44</sup> Aqui, trata-se de uma edição compilada, reunindo os anos de 1948, 1949 e 1950.

### 3.1 A figura docente, entre linhas e memórias

Os professores que foram recordados, através das biografias apresentadas na Revista, eram sujeitos reconhecidos pelo próprio Instituto Histórico, na medida em que se associavam a essa instituição. Um desses professores foi Amaro Cavalcanti, nascido em Caicó, na data de 15 de agosto de 1849 e que, embora, seja recordado nas biografias como jurista e político, na Revista do IHGRN seu lado voltado ao setor educacional e sua dedicação ao estudo da instrução pública receberam maior destaque através da escrita de seu biógrafo. Amaro Cavalcanti<sup>45</sup> descende de uma família de agricultores do Seridó do estado do Rio Grande do Norte e, devido a sua infância pobre, estudou com muita dificuldade. Entretanto, as adversidades da vida não lhe talharam as oportunidades e ainda muito jovem Amaro Cavalcanti tornou-se professor de Latim, na cidade de Baturité no estado do Ceará, estado que o acolheu durante anos e lhe proporcionou ensejos para a realização de sua pesquisa sobre educação na *Union University*, nos Estados Unidos,

O primeiro artigo de tipo biográfico, publicado na Revista do IHGRN referente aos anos de 1948-1950 por Nestor Lima<sup>46</sup>, trouxe um pouco da dedicação desse professor acima mencionado e foi intitulado *Amaro Cavalcanti: como o vê e julga um antigo servidor do estado no setor da educação*. Nota-se, pelo nome atribuído ao texto, que o público leitor da Revista, durante o período de circulação desse artigo, desfrutou de uma visão sobre Amaro Cavalcanti construída pelo autor, ou seja, muito sobre a personalidade do professor biografado fora retratada através da subjetividade de Nestor Lima. Considero esse um ponto importante para ser destacado, tendo em vista que, o material produzido pela Revista, além de, ter escolhido o professor que mais se adequava aos valores institucionais do IHGRN, merecendo, assim, uma homenagem em seu impresso, apresentou, também, a visão desse autor específico sobre o sujeito biografado. Nesse caso, são duas personalidades consideradas importantes encontradas no texto: aquele que recebeu a homenagem e aquele que escreveu sobre o docente.

---

<sup>45</sup> Os dados biográficos sobre Amaro Cavalcanti foram retirados do artigo escrito por Nestor Lima e publicado na Revista do IHGRN na edição correspondente aos anos de 1948-1950, como também do livro *400 Nomes de Natal*, organizado por Rejane Cardoso (2000).

<sup>46</sup> Nascido em Açu, no dia 01 de agosto de 1887, Nestor dos Santos Lima foi um renomado professor do estado do Rio Grande do Norte, além de historiador, Procurador-Geral do Estado e advogado. Carregou por toda sua vida a causa da educação, representando seu estado de origem por todo Brasil em diversos eventos sobre o assunto. Foi sócio benemérito do IHGRN, instituição que presidiu por longos anos. Faleceu no dia 26 de fevereiro de 1959 (CARDOSO, 2000).

O texto sobre Amaro Cavalcanti tratou-se de uma palestra realizada no IHGRN no dia 8 de agosto de 1949, como explicado em nota no próprio artigo, em comemoração ao primeiro centenário do homenageado, nascido no dia 15 de agosto de 1849, como já mencionando anteriormente. Nestor Lima percorreu a vida e as atividades públicas desenvolvidas por Amaro Cavalcanti de forma a lhe atribuir um lugar honrado entre a história local e, conseqüentemente, a história nacional, contribuindo para a formação do panteão heroico do IHGRN. Levanto, nessa pesquisa, a possibilidade de atribuir às figuras docentes, de mais prestígio social e com personalidade em consonância com os ideais do IHGRN, o lugar de heróis regionais, capazes de figurar nos mais altos círculos sociais representando o estado do Rio Grande do Norte no contexto da história nacional, por serem sujeitos de caráter comprovado, para o Instituto, defensores da moral e dos bons costumes.

A trajetória humilde de Amaro Cavalcanti foi ressaltada pelo olhar atento de Nestor Lima, na medida em que demonstrou que a vida do homenageado só ganhou novos ares através dos estudos e do acesso à cultura intelectual, quando afirmou que “[...] Amaro Cavalcanti foi criado até idade propícia da sua formação psíquica, aos 12 anos, no meio sertanejo, que lhe plasmou a personalidade e lhe deu a fibra hercúlea de lutador, para uma vida que seria enobrecida pelo talento e pela cultura (REVISTA DO IHGRN, 1948-1950, p. 89). Após isso, Nestor Lima traçou um panorama da vida acadêmica de Amaro Cavalcanti, ressaltando o apoio que esse recebeu do Governo da Província do Ceará para estudar fora do Brasil, onde defendeu sua tese, que tem como título “*É a educação uma obrigação legal?*”, em 1881, na *Escola de Direito da Union University*, nos Estados Unidos.

Outro aspecto que me chamou a atenção na escrita de Nestor Lima sobre o docente homenageado foi a exposição das opiniões de Amaro Cavalcanti sobre o ensino religioso. Nestor Lima deixou claro em alguns momentos de seu texto que preza pela laicidade do ensino, como recordou no parágrafo abaixo:

[...] lembro-me bem, eu era diretor da Educação, em 1927, quando, na comemoração do I centenário do ensino primário, entre nós, surgiu a ideia de aposição da imagem do Crucificado, nas escolas primárias, ao que me opus, com sólidos argumentos, hauridos nas leis e na Constituição, quanto á laicidade do ensino (REVISTA DO IHGRN, 1950, p. 106).

Mesmo assim, ao longo do texto, Nestor Lima assumiu uma postura de defesa acerca da moral de seu homenageado, ressaltando a importância atribuída por ele ao

ensino religioso para a formação do cidadão brasileiro. Afirmou que “[...] a religião não pode ser nociva ao espírito humano, não é uma antiquilha feia, que se deva considerar como “indecente e imprestável”. Concordava, por fim: “[...] quero a religião na instrução do povo, como meio insuprível nos fins geraes da educação social” (REVISTA DO IHGRN, 1950, p. 101).

Completo expondo os estudos realizados por Amaro Cavalcanti, que afirmavam que nos países que aboliram o ensino religioso em suas escolas, ocorreram diminuições na frequência escolar e aumentos de matrículas em muitas escolas católicas devido o ensino religioso ali ministrado:

[...] esses dois povos eram a Bélgica e a França, que haviam abolido, nas escolas publicas, o ensino do catecismo cristão, tornando-as assim «escolas leigas » do Estado. Demonstrou cabalmente que, nesses dois povos, a reforma não encontrou o apoio popular, do que resultou uma sensível diminuição da frequência escolar, como um protesto contra a laicização. Percentagens incríveis se verificaram para menos na frequência escolar, enquanto que esta aumentava consideravelmente nas escolas católicas, organizadas sob os auspícios das autoridades eclesiásticas (REVISTA DO IHGRN, 1950, p. 101).

Desse modo, observo que mesmo opondo-se as opiniões acerca da presença da religião nas instituições de ensino, o autor do texto escolheu abordar esse assunto, da mesma forma que escolheu dar ênfase nas atividades educacionais realizadas por Amaro Cavalcanti, como explicitou em seu artigo. Enquanto seu biografado defendia o ensino religioso, Nestor Lima compreendia a laicidade do ensino e deixava claro em algumas linhas essa sua opinião; talvez como forma de se mostrar em seu texto totalmente dedicado a outro homem. Nesse caso, acredito que houve um peso da instituição sob o escrito de Nestor Lima que, apesar de não concordar com as opiniões de seu biografado, decidiu não omitir as informações e pensamentos em seu artigo. Aqui, posso inferir sobre a ocorrência de interferências da instituição sobre o autor, como já mencionado nesse trabalho, com relação as ideias de Roger Chartier (2014) acerca da função autor. O IHGRN contribuiu para a produção e circulação desses artigos e, dessa forma, disseminou o texto em seu caráter material, revisado e editado pelos responsáveis pela organização do impresso.

Nesta edição, ao observar esse artigo, percebo que a Comissão responsável pela Revista naquele ano, estava a cargo de Nestor Lima, Antônio Soares e Luiz da Câmara Cascudo. O próprio autor do texto sabia as características que deveriam figurar em seu escrito, na medida em que ele também representava a organização da Revista, e por esse motivo abordou o assunto da defesa do ensino religioso por parte de seu biografado,

mesmo deixando claro sua oposição ao tema citado. Com isso, posso inferir que, apesar das opiniões divergentes entre o autor e o homenageado, o discurso de que a religião pode ser uma boa formadora de condutas para os indivíduos se sobressai e, desse modo, o IHGRN ressaltava a fé e a vida religiosa de seus sócios homenageados, sempre que possível, em seus artigos; um exemplo disso foi o segundo texto biográfico sobre histórias de professores publicado na RIHGRN, analisado por mim ainda nesse capítulo, que diz respeito a figura de Afonso Celso enquanto “conde”, onde João Vicente, autor do artigo, apresentou um sujeito que exaltava a civilização cristã e seus valores e por esse motivo recebeu um título nobre.

Roger Chartier (2014), ao discorrer sobre a desmaterialização das obras, ressaltou a questão da propriedade do texto escrito, afirmando que “é preciso medir as consequências disso, ou seja, do fato de que aquele que é proprietário do objeto escrito não é mais o proprietário do texto e que o proprietário do texto é aquele que, eventualmente, se desfez da propriedade do objeto” (CHARTIER, 2014, p. 50). Neste trabalho, observo essa afirmação da seguinte forma: apesar dos artigos serem nomeados pelos sócios que assumiram a função de autor, esses textos ainda pertenciam a Revista do IHGRN como objeto unificador do pensamento e que trouxe coesão aos seus textos publicados. Ou seja, apesar de Nestor Lima ter escrito sobre Amaro Cavalcanti, seu texto ainda estava condicionado aos valores da instituição, as ideias que o IHGRN gostaria de preservar em seu material de circulação.

O impresso construiu em torno de si certas concepções e figuras importantes que lhe conferiram autoridade ao longo dos anos para abordar diversas temáticas, entre elas a educação. Apresentar ao público sujeitos que correspondem ao ideal de família defendido pela alta sociedade brasileira, como bons pais e sujeitos honestos, assim como mantenedores de percepções acerca da religião como formadora da boa moral entre os cidadãos, foi uma opção escolhida pelo IHGRN enquanto instituição, para construção de seu espaço social dentro da sociedade. Desse modo, assim como discorreu Michel de Certeau (2006), abordando o conceito de *lugar social*, compreendo, influenciada por sua visão, que o lugar social ocupado pelo IHGRN impõe métodos, interesses e concepções enraizadas que deveriam aparecer, vez ou outra, no seu principal porta-voz, a Revista. Com isso, apesar de Nestor Lima não concordar com a utilização da religião em sala de aula, compreendeu que a mesma forma o caráter de muitos indivíduos através de seu ensino, como defendia Amaro Cavalcanti, principal homenageado desse artigo. Poderá ser observado, no decorrer deste capítulo, outros sujeitos com opiniões semelhantes a de

Amaro Cavalcanti sobre o ensino religioso, homenageados nas páginas da Revista do IHGRN.

Um desses sujeitos defensor, de moral cristã, foi Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, que recebeu artigo especial na Revista, embora não fosse norte riograndense, mas possuía o título de sócio honorário do IHGRN e por esse motivo foi lembrado com saudosismo nas páginas do impresso. Afonso Celso nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, na data de 31 de março de 1860, filho do Visconde de Ouro Preto, último presidente do Conselho de Ministro do Império Brasileiro<sup>47</sup>. Devido as mudanças de regime ocorridas no Brasil em 1889, Afonso Celso seguiu para o exílio junto com seu pai e somente ao regressar para o Brasil, por volta dos anos de 1892, dedicou-se ao ensino e ao estudo de Economia Política nas universidades. No seu país de origem, Afonso Celso, também, foi responsável pela fundação da Academia Brasileira de Letras e é considerado Presidente Perpétuo do IHGB.

Na edição referente ao ano de 1960, o impresso do IHGRN estampou o artigo escrito por João Vicente<sup>48</sup> e intitulado *Conde de Afonso Celso: professor de brasilidades*, que veio em forma de homenagem, tendo em vista o centenário de nascimento do biografado. A vida pública de Afonso Celso, embora tenha renegado inúmeros convites para atuar na área política após o seu exílio, foi ressaltada pelo autor na medida em que destacou a aptidão de seu biografado sobre as atividades referentes ao direito e as letras. Foi recordado no artigo como um professor de brasilidades, devido ao seu espírito cívico de amor pelo Brasil.

Apesar do artigo não ter sido direcionado à um norte riograndense, João Vicente não deixou de exaltar o nome de potiguares que em muito se assemelhavam em méritos e ideais com o Conde de Afonso Celso, sendo eles Tavares de Lyra, Rodolfo Garcia e Câmara Cascudo. Esses homens, exemplos de patriotismo, foram recordados nesse texto, sem tantas informações, do mesmo modo que muitos outros sujeitos foram recordados nos escritos da Revista, apenas ressaltando seus nomes e deixando viva na memória daquele público seletor do IHGRN. Recordar para não esquecer e manter viva na história

---

<sup>47</sup> As informações biográficas sobre Afonso Celso foram retiradas do artigo publicado na Revista do IHGRN, na edição de 1960, e do site oficial da Academia Brasileira de Letras, espaço que teve Afonso Celso como fundador.

<sup>48</sup> João Vicente da Costa, nasceu em Martins no dia 14 de junho de 1893. Foi magistrado, político e professor ao longo de sua vida, dedicando muitos de seus anos ao trabalho público, exercendo cargos como promotor, delegado e juiz. Ainda é considerado o fundador da Faculdade de Direito de Natal. Faleceu no dia 05 de agosto de 1982 (CARDOSO, 2000).

os ideais defendidos por esses sujeitos, que muito se assemelhavam com aqueles que o próprio IHGRN defendia: o amor e respeito a pátria e ao estado do Rio Grande do Norte.

Outro aspecto ressaltado por João Vicente no tocante a história de seu biografado foi a defesa aos princípios da civilização cristã, defesa essa que lhe garantiu o título de conde, como mencionou o autor:

[...] em 1905, como uma demonstração de estima pelas suas atitudes na defesa dos princípios da Civilização Cristã, é agraciado com o título de Conde pelo Papa. Recebe mais outras consagrações nacionais e estrangeiras, inclusive da Legião de Honra da França e da Academia de Ciências de Lisboa. (REVISTA DO IHGRN, 1960, p. 99).

Temos aqui mais um ilustre sujeito que honrou sua vida através de suas atitudes corretas direcionadas aos ensinamentos cristãos e, assim, pode-se perceber que muitos dos sujeitos vinculados ao IHGRN possuíam características semelhantes, no aspecto a condução de sua vida e construção de suas personalidades. Intelectuais, cristãos, homens de famílias respeitadas em sociedade e que zelaram pelo civismo e amor ao país, foram características marcantes nas biografias encontradas na Revista do IHGRN.

Esses textos biográficos são menores em relação aos textos analisados no capítulo anterior. Possuem cerca de cinco páginas em média e apresentam, como característica principal, a exposição do biografado enquanto sujeito partícipe do âmbito educacional, além de apresentar esses sujeitos como figuras de destaque para a história regional. Ao finalizar seu texto, João Vicente ressaltou que “[...] na exaltação do nome do Conde de Afonso Celso, estamos solidificando o Brasil, e, por isto, às comemorações de 31 de Março, juntemos o preito de nossas homenagens ao grande polígrafo, dos maiores cidadãos da Pátria” (REVISTA DO IHGRN, 1960, p. 100). Solidificar o país através da imagem de um sujeito reconhecido por sua vida e amor pelo ensino, “mestre da juventude universitária”; me parece que o IHGRN construía, sim, a imagem de seus sócios através dos escritos de sua revista, ajudando, desse modo, na fixação dos nomes desses sujeitos na mentalidade do público leitor do periódico.

Outro homenageado na Revista do IHGRN foi o Padre Luiz Gonzaga do Monte, em um artigo intitulado *Um professor a quem se tira o chapéu*, escrito por Luiz Rabelo<sup>49</sup>. Esse texto, de apenas uma página, recordou o professor na figura de “amigo”, talvez pelo

---

<sup>49</sup> Luiz Rabelo, nascido no dia 04 de março de 1921, foi um poeta e escritor norte riograndense. Diferente dos demais autores que publicaram sobre educação na Revista do IHGRN, Luiz Rabelo não foi professor, exerceu durante um período de sua vida um cargo na Polícia Militar do Estado, mas dedicou sua vida a poesia e as letras. Faleceu em Natal, no dia 29 de novembro de 1996. (CARDOSO, 2000).

histórico de vida de seu autor, não pertencente ao âmbito educacional, mas, sim, ao mundo da poesia, que preferiu escrever de forma amorosa sobre seu docente. Esse artigo apresentou mais do que uma biografia sobre a vida de um sujeito que mereceu figurar no panteão de educadores. Sendo um relato pessoal, localizado temporalmente nos anos de 1934 à 1938, período que Luiz Rabelo conviveu com o Padre Luiz Gonzaga do Monte, seu professor no Ateneu Norte Riograndense, as emoções próprias daquele que escreveu foram observadas durante a leitura desse texto.

Esse clérigo, além de ter sido um homem de moral cristã, foi recordado pelo autor do artigo como “[...] um sacerdote à antiga, sempre de batina, magro, andar miúdo e leve, estatura normal, cabelos curtos e pretos, bem penteados, repartidos de um lado, óculos de grau, voz mansa, com variações de timbre, olhar vivo e penetrante.” (REVISTA DO IHGRN, 1986, p.127). Aqui ressalto, mais uma vez, a apresentação de um sujeito de moral cristã reconhecida entre os seus, por parte da Revista do IHGRN, através do nome de Luiz Rabelo, que escreveu sobre esse clérigo que recebeu destaque, devido ao seu trabalho enquanto docente. Ora, é notório imaginar que tal sujeito, enquanto padre e professor, tenha levado também aos seus alunos um pouco dos ensinamentos bíblicos através de sua conduta e de seu trabalho com os jovens norte riograndenses. Esse artigo foi escrito de forma a narrar a memória de um ex-aluno e, assim como todos os demais artigos que remetem ao ensino religioso na Revista do IHGRN, foi escrito através das memórias pessoais. Como o texto de Luiz Rabelo não apresentou detalhes satisfatórios sobre a vida do Padre Luiz do Monte, por conter apenas uma página escrita e ser mais uma lembrança do autor sobre o homenageado do que um artigo biográfico em si, recorri aos artigos publicados sobre essa figura intelectual da sociedade natalense para que mais informações pudesse apresentar sobre esse homem, em busca de compreender a sua importância dentro do IHGRN.

Ao ler o artigo de Bruna Rafaela de Lima Lopes (2016), sobre a vida de Padre Luiz do Monte pude observar alguns aspectos que não estavam presentes no texto escrito por Luiz Rabelo sobre o clérigo. Por ter sido um escrito sobre suas próprias recordações, exaltando a vida desse padre professor, o texto publicado na revista não informou a data de falecimento do padre, em 28 de fevereiro de 1944, nem que o mesmo pertencia ao quadro de sócios do IHGRN, informações importantes para essa análise. Sabendo que o homenageado figurava os círculos intelectuais do Instituto, percebo a relevância ofertada a sua vida nas páginas do impresso, como modo de circular entre os leitores a imagem positiva dos sócios da própria instituição.

Como professor, o Padre Luiz do Monte trabalhou em diversos colégios do Rio Grande do Norte, entre eles o Atheneu Norte Riograndense e o Colégio Marista, instituições de ensino já mencionadas no capítulo anterior, assumindo inúmeras cadeiras ao longo de sua vida, como afirmou Luiz Rabelo: “Se me perguntarem de que era ele professor, qual a sua disciplina, digo honestamente que não sei, por uma razão muito simples: ele era professor de tudo, de todas as matérias.” (REVISTA DO IHGRN, 1986, p.127). Esses colégios, por outro lado, não foram mencionados pelo autor do texto, pois o único estabelecimento de ensino que habita em suas recordações expressas nessa nota, foi o Ateneu Norte Riograndense. Entretanto, Bruna Lopes (2016) em seu trabalho nos ofertou o complemento para essa história, afirmando que

[...] Monte foi professor de várias instituições: Seminário São Pedro; Colégio Atheneu e Colégio Santo Antônio (que passou a ser dirigido pelos irmãos Maristas a partir de 1929). Nessas instituições, ele ministrava disciplinas diversas: Latim, Filosofia, Teologia, Psicologia, Biologia e Matemática. Além disso, nas férias escolares ele ministrava cursos sobre formação moral e ética para jovens pertencentes à Congregação Mariana (LOPES, 2016, p. 8).

Os espaços educacionais percorridos por esse professor, se assemelham aos lugares de outros sujeitos já aqui citados neste trabalho. O Ateneu e o Colégio Santo Antônio foram importantes instituições de ensino que abrigaram dentro de suas estruturas outros sócios do IHGRN aqui já mencionados, contribuindo com a formação e, também, com o desenvolvimento profissional dos sujeitos que deixaram suas marcas na Revista do IHGRN. São espaços recorrentes nos artigos, revelando que além do Instituto em si, os autores dos artigos dividiram outros lugares em comum, que contribuíram com a formação de suas concepções acerca da educação. Por possuir apenas uma página, esse texto não trouxe outras informações, mas o bastante para firmar o nome do Padre Luiz Gonzaga do Monte na história do impresso do IHGRN.

Outro sujeito homenageado nas páginas da Revista do IHGRN foi Henrique Castriciano de Souza, figura já mencionada neste trabalho quando discorro sobre o artigo intitulado *50 anos da Liga de Ensino*, escrito por Américo de Oliveira Costa. Naquela oportunidade, Américo decidiu escrever, também, sobre o homem que foi fundamental para o desenvolvimento da educação feminina no Rio Grande do Norte, ressaltando a importância dessa figura considerada ilustre, sócio do IHGRN, contribuindo com a circulação de suas ações a frente da educação por meio do impresso. Aqui, o fundador da Escola Doméstica em Natal, recebeu seu texto biográfico escrito por José Geraldo de

Albuquerque<sup>50</sup>, e publicado na revista, referente aos anos de 1987–1988, com o título *Henrique Castriciano de Souza: um reformador social*.

Neste artigo, ora analisado, José Geraldo de Albuquerque apresentou, ainda mais detalhadamente, a vida de Henrique Castriciano, ressaltando traços de sua personalidade e sua vocação enquanto educador:

[...] trabalhou pela cultura e educação do seu Estado, sendo ele próprio um dos prestigiosos homens de cultura de seu tempo. Henrique não foi um homem vulgar. Pertenceu à estirpe que vai ficando rara, dos que se projetam na vida pela força das próprias virtudes. Sua destemerosa coragem, sua inconfundível presença marcaram atitudes positivas, definições irrecorríveis; a ambigüidade não fazia parte de seus atributos. Espírito infatigável, cheio de idéias alevantadas e progressistas, coração amoroso, modesto e almejando o sacerdócio do Bem e da Verdade. (REVISTA DO IHGRN, 1988, p. 145).

Após tantos elogios a figura desse homem “prestigioso”, o autor do texto afirmou que mesmo não exibindo boa saúde, Henrique Castriciano nunca se ausentou de seus afazeres intelectuais, sendo sua qualidade debilitante um impulsionador para novos estudos nas áreas de saúde, afim de compreender seus laudos médicos e terapêuticos. Outra característica apontada por José Geraldo de Albuquerque foi o “espírito religioso” de Henrique Castriciano, que repudiava atitudes blasfemas e heréticas e “[...] meditava com a sua velha Bíblia no caminho que viera do colo da Dindinha à sua cadeira solitária na Policlínica do Alecrim, tão próximo ao cemitério que o acolheu para sempre.” (REVISTA DO IHGRN, 1988, p. 146). A religiosidade foi mais uma vez apresentada em um artigo da Revista do IHGRN como fator positivo para a formação moral de um indivíduo de grande vida, homenageado pelo Instituto nas páginas de seu impresso.

José Geraldo de Albuquerque dividiu seu artigo em três fases, a saber *escritor*, *político* e *educador*, funções desempenhadas por seu biografado ao longo de sua frutífera vida. No tópico que contemplou a fase de Henrique Castriciano enquanto escritor, o autor do texto explicou que esse possuiu pseudónimos, como

[...] “José Capituliano”, “Mário do Vale”, “Lex”, “J. Cláudio”, “José Brás”, “Rosa Romariz”, “Frederico Menezes”, “V”, “Erasmus Van der Does”, e as iniciais “H. C.”, de sua preferência. Sua assinatura predileta era, H.

---

<sup>50</sup> Pesquisador que reuniu textos, prosas e poesias de Henrique Castriciano ao longo da vida, organizando 3 livros sobre o assunto, volume I, II e III, com o título de *Henrique Castriciano – seleta, textos e poesias*, publicados em 1993, 1994 e 2004, respectivamente. José Geraldo de Albuquerque tornou-se sócio efetivo do IHGRN em 29 de março de 1989, como consta na Síntese Cronológica do Instituto Histórico publicada na edição da Revista referente aos anos de 1989 – 1991. Ao escrever esse artigo, José Geraldo era apenas um colaborador da Revista, pois não havia assumido, ainda, a função de sócio do IHGRN.

Castriciano. As suas publicações eram feitas quase sempre em jornais e revistas (REVISTA DO IHGRN, 1988, p. 147).

Henrique Castriciano, enquanto político, foi influenciado por seu irmão Eloy de Souza<sup>51</sup>, e dedicou boa parte da sua vida a três grandes projetos, voltados para o setor educacional: a Liga de Ensino, a Escola Doméstica e o Escotismo. Na sua vida pública também exerceu “[...] cargos de relevo, destacadamente sendo secretário do Governo e Procurador Geral do Estado, foi vice-Governador e presidiu o Congresso Legislativo.” (REVISTA DO IHGRN, 1988, p. 149). Porém, foi na educação que Henrique Castriciano escreveu seu nome na história do Rio Grande do Norte, devido a sua importância para o ensino do estado, principalmente, o feminino.

O autor do artigo afirmou que educar era a vocação de Henrique Castriciano e que esse havia nascido para realizar essa função, a de ser professor. Aqui, resalto como a profissão do educador foi apontada na Revista do IHGRN como algo natural do ser humano, daquele que nasceu com o dom para exercer as ações de ensino e que desempenhou essas tarefas com amor e zelo, apesar das dificuldades. Assim era Henrique Castriciano, através do olhar de José Geraldo de Albuquerque, um educador nato, que visou preparar seus educandos para a sociedade, principalmente as jovens meninas que receberam atenção especial desse professor, através da criação da Escola Doméstica. O autor destacou ainda em seu texto que

[...] num Estado pequeno e pobre, onde como em tantos outros do Nordeste, os métodos pedagógicos, considerada a distância do tempo, estavam circunscritos ao ensino das matérias rudimentares dos cursos primários e secundários, o ensino doméstico surgiu como uma fantasia de poeta retornando de uma curta viagem à Europa, portador de idéias inadaptáveis ao nosso ambiente intelectual e social. A Escola permitiu à juventude feminina deixar aquele hábito da burguesia em não valorizar os trabalhos caseiros e dar uma outra conotação, conciliando o trabalho físico ao mental de uma tal maneira que a sua criação veio a ser um evento revolucionário no âmbito educacional. (REVISTA DO IHGRN, 1988, p. 151).

Percebo que a Revista do IHGRN publicou mais um artigo que apresentava a Escola Doméstica como algo “revolucionário”, partindo das ideias empreendidas pelo seu sócio que tanto orgulhou essa instituição, merecendo ser recordado diversas vezes em seu impresso. Ao final de seu texto, José Geraldo de Albuquerque escreveu acerca de Henrique Castriciano como “aquele que combateu o bom combate”, recordando a

---

<sup>51</sup> Eloy Castriciano de Souza, nascido no dia 04 de março de 1873 em Recife, foi um reconhecido jornalista e político. Fez sua carreira política em Macaíba/RN, onde ganhou reconhecimento e logo ocupou os cargos de deputado federal e senador da República. Faleceu no dia 07 de outubro de 1959, em Natal.

passagem bíblica atribuída a São Paulo, deixando o público leitor com a visão desse ilustre homem, cristão e de boa moral, que desempenhou tão arduamente seus ofícios enquanto cidadão do estado do Rio Grande do Norte e recebeu merecido reconhecimento por parte da Revista do IHGRN, mesmo após a sua morte, em 1947.

Percebo uma homenagem póstuma nos artigos até então publicados pela Revista do IHGRN, pois todos os textos biográficos, analisados até aqui, remeteram aos professores, sócios do Instituto, já falecidos. Entretanto, ao contrário desses artigos, o texto escrito por Luis Romano, sócio efetivo do IHGRN de nacionalidade Cabo-verdiana, trouxe ao impresso a figura de um professor de origem estrangeira, que recebeu a devida homenagem ainda em vida. Trata-se do artigo intitulado *Prof. Mesquitela Lima: nossas saudações*, que tinha como objetivo receber e apresentar o etnólogo Augusto Guilherme Mesquitela Lima como novo sócio do IHGRN e foi publicado na edição referente ao ano de 1994-1996. A vida do autor e de seu homenageado se completam na medida em que ambos possuem a mesma origem e o mesmo interesse nos estudos africanos. Essa semelhança levou Luis Romano a proferir esse discurso, transformado aqui em artigo, no dia 10 de agosto de 1994, data da posse do Prof. Mesquitela, onde iniciou:

[...] sinceramente honrado por sobre nós ter incidido o privilégio de saudar o ilustre etno-sociólogo aqui presente, mais por razões emotivas do que por mérito oratório, entretanto, é com desvanecido orgulho que vos apresentamos um distinto filho das Ilhas Cabo-verdianas, nosso irmão conterrâneo, que muito cedo revelou excelência nos estudos básicos, antes de encetar vitórias pelo mundo da cultural geral (REVISTA DO IHGRN, 1996, p. 96).

A honra de quem escreve sobre um sócio e os elogios emotivos de alguém que admira seu homenageado são notados ao longo do texto de Luis Romano sobre a figura do novo sócio correspondente do IHGRN. A importância desse sujeito para o IHGRN, também, foi salientada pelo autor do artigo, afirmando que esse novo sócio veio para contribuir com os estudos relacionados a história africana dentro do Instituto. O autor do artigo apontou o déficit que a instituição possuía com relação aos temas ligados a História da África, quando escreveu

[...] esta oportunidade é mais que propícia, graças aos empenhos da Presidência deste Instituto, congregando mais um confrade que virá preencher o vazio de não possuir, até então, especialista conhecedor da etnografia angolana, o que estimulará eventualmente outras pesquisas, a entrelaçar, sob esse aspecto, os vínculos humanos que abrangem o Brasil, África e Europa. (REVISTA DO IHGRN, 1996, p. 96).

Foi em 1994 que o IHGRN incorporou, pela primeira vez, ao seio de sua instituição um sócio que viabilizaria estudos que entrelaçassem Brasil e África, conseqüentemente pensando a história do Rio Grande do Norte de um outro ponto de vista. Anderson Ribeiro Oliva (2003) destacou que durante os anos de 1980 e 1990 o ensino de História passou a ser repensado e reorganizado, devido ao fim da ditadura civil-militar brasileira, que durante largos anos priorizou uma educação positivista, pautada nos fatos e eventos históricos. A disciplina de História da África ia contra a correnteza do eurocentrismo e assumiu espaço nesse contexto em que “[...] outras perspectivas teóricas — Marxismo e História Nova — passaram a inundar os livros didáticos, levando à incorporação de abordagens econômicas estruturais e temáticas dos conteúdos tratados ou determinados pelos currículos.” (OLIVA, 2003, p.424). O IHGRN pareceu compreender essa nova forma de pensar História e acolheu em seu meio um profissional responsável e atualizado com as novas demandas.

O professor Mesquitela publicou, nessa mesma revista em que recebeu tal homenagem aqui apresentada, um artigo intitulado *Câmara Cascudo e a cozinha africana*, o qual não tive acesso devido a um erro na digitalização do arquivo e a interrupção das atividades do IHGRN durante o ano de 2019, que inviabilizaram o acesso/pesquisa ao acervo do Instituto. Esse primeiro artigo do professor Mesquitela, publicado na Revista do IHGRN, demonstrou que tal sujeito, de fato, supriria as necessidades do IHGRN em apresentar artigos e estudos voltados ao continente africano como parte da história norte riograndense, a começar pelo diálogo entre o sócio Câmara Cascudos e seus estudos culturais sobre a África.

Desse modo, posso perceber a semelhança entre os artigos do IHGRN na medida em que esses ofertavam, ao público leitor da revista, uma visão sobre o corpo da instituição, possibilitando a escrita sobre seus sócios como parte da história local. Ou seja, o IHGRN sempre prezou pela aparência de sua instituição e, ao homenagear seus sócios por meio de artigos biográficos, possibilitava o reconhecimento dessas figuras como importantes sujeitos para a história regional/nacional, assim obtinha o reconhecimento daqueles que se colocavam enquanto leitores de sua revista e aceitavam seus artigos como um importante meio para obtenção de conhecimento acerca do estado e de sua história.

Nessa mesma edição da Revista do IHGRN, outro artigo sobre professor foi publicado pelo colaborador Josué de Oliveira Lima, que até esse ano não era sócio efetivo do IHGRN, intitulado *Alferes Ulisses de Gois*. É bom lembrar que Ulisses de Gois já havia publicado na Revista do IHGRN, na edição de 1961, sobre o Ensino Comercial,

artigo anteriormente mencionado neste trabalho. Nesse ponto, o texto de Josué de Oliveira mais se assemelha a uma nota de falecimento sobre esse professor considerado ilustre e sócio do Instituto, que nasceu na cidade de Natal na data de 25 de abril de 1896 e foi recordado em sua biografia como um homem religioso, que dedicou sua vida à obras sociais realizadas pela Igreja Católica<sup>52</sup>. Ulisses de Gois alcançou diversos objetivos, direcionados ao setor educacional, com a ajuda da instituição religiosa, entre eles a construção da Escola de Comércio de Natal, assunto sobre o qual dedicou-se durante sua vida profissional, lutando pela criação, também, da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais de Natal.

O autor iniciou seu texto ressaltando a figura de Enélio Lima Petrovich, então presidente do IHGRN, que foi premiado em um evento em Campina Grande, de onde anunciou a celebração, por parte dos potiguares, ao centenário de Ulisses Gois. Antes de discorrer sobre o ilustre professor, o autor do texto ainda ressaltou a imagem da esposa de seu homenageado, Alice Carrilho de Goes, que havia falecido dez anos antes, em 1984, e a quem também havia prestado uma homenagem em um jornal local. Josué de Oliveira Lima utilizou da figura feminina para exaltar Ulisses de Gois, afirmando que:

É certo que ao lado de um homem bem sucedido, há sempre a influência positiva de uma expressão feminina. Isto é bíblico. Principalmente quando a mulher reúne as simultâneas qualidades de boa esposa, amiga e companheira em todas as horas e se converte, por isto mesmo, em elemento divino, capaz de proporcionar estímulos essenciais para o idealismo do homem, notadamente aquele que tem fé no seu trabalho e faz da vida e pedestal de sua existência, como criatura fiel e temente a Deus (REVISTA DO IHGRN, 1996, p. 67).

Utilizar-se da imagem feminina para a exaltação da figura masculina já foi assunto discutido neste trabalho, quando apresentei o artigo sobre a Liga de Ensino escrito por Américo de Oliveira Costa. Naquela ocasião, o autor aproveitou a oportunidade de escrever sobre o ensino feminino e ressaltou a figura de Henrique Castriciano como vital para a educação das mulheres no estado do Rio Grande do Norte. Aqui, o autor que presta uma homenagem ao professor Ulisses de Gois, utilizou-se da imagem feminina de sua esposa para fortalecer um dito popular, afirmando que por trás de um grande homem sempre haverá uma grande mulher.

Observar o lugar secundário oferecido às mulheres pelo IHGRN, até o presente momento, nesses artigos sobre educação, me fez perceber que a instituição não

---

<sup>52</sup> Os dados biográficos sobre Ulisses de Gois foram retirados do artigo publicado em sua homenagem pela RIHGRN, assim como pelo livro *400 Nomes de Natal*, organizado por Rejane Cardoso (2000).

incorporou a diversidade em seus escritos ao longo dos anos, demonstrando a dificuldade das mulheres de ocuparem esse espaço, majoritariamente masculino, mesmo no final do século XX, quando a sociedade brasileira já não era mais a mesma de 1903, ano em que a Revista do IHGRN foi criada. Jane Soares de Almeida (1998) ressaltou em seu livro *Mulher e Educação: a paixão pelo possível* que

No imaginário da sociedade brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o sexo feminino aglutinava atributos de pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade, espiritualidade e patriotismo, entre outros, que colocavam as mulheres como responsáveis por toda beleza e bondade que deveriam impregnar a vida social (ALMEIDA, 1998, p. 17).

Nota-se por esse comentário que o imaginário acerca da mulher como ser de pureza, cristandade e moralidade ultrapassou a primeira metade do século XX dentro das imediações do IHGRN, sendo ainda fortalecido e respaldado na década de 1990 como mostra o artigo de Josué de Oliveira Lima. Pequenas nuances que posso observar nos discursos escritos por homens, sobre outros homens e que visam um público prioritariamente masculino.

As informações encontradas no artigo sobre a vida de Ulisses de Gois em muito se assemelham com os demais artigos já aqui apresentados. Uma breve menção sobre a trajetória acadêmica e profissional, a recordação de outros sujeitos importantes que conviveram com o homenageado e elogios em demasia a uma figura que não pertence mais ao quadro de sócios do IHGRN, devido ao falecimento precoce. As características que mais me chamaram a atenção foram justamente a utilização da figura feminina como ponto de exaltação ao bom caráter do sujeito biografado, assim como a relevância dada ao catolicismo praticado por Ulisses de Gois, recordado como um “líder cristão, católico praticante” (REVISTA DO IHGRN, 1998, p. 68). Essas características recorrentes nos outros artigos, já apresentados aqui, formam um ponto em comum entre os escritos desses sócios, o que pode identificar a influência da instituição na escrita de seus autores.

No último artigo, que possui como tema principal a vida de um ilustre professor, publicado na Revista do IHGRN na edição referente ao ano de 2015, o homenageado da vez foi o professor Américo de Oliveira Costa, sócio do Instituto e autor de *A Música e a Escola Natalense* e *50 anos da Liga do Ensino*, ambos artigos publicados na revista referente ao ano de 1961. No texto *Ao mestre Américo, com carinho*, o autor Carlos

Alberto de Miranda Gomes<sup>53</sup>, apresentou um relato pessoal sobre seu tempo de convivência com o professor Américo de Oliveira Costa:

[...] preferi, então, voltar aos bancos acadêmicos da velha Faculdade de Direito da Ribeira, para dali evocar os dias de convivência do circunspeto homenageado, de feições completamente amenas e andar absolutamente simétrico, impactando seus alunos com aulas diferentes, doces e profundas, de quem percorreu o mundo e, sobretudo, de quem cresceu no meio de livros em sua rica biblioteca, convivendo com seus incontáveis habitantes, amigos invisíveis em cada compêndio, que davam ao ambiente aquele cheiro característico, em que o pó tomava o corpo e se depositava nas mãos (REVISTA DO IHGRN, 2015, p. 101).

Com a riqueza nos detalhes de uma escrita emocionada, o autor descreve menos a vida profissional de seu homenageado e mais o amor que esse possuía pelos livros, recordando diversas vezes as oportunidades que compartilhou livros e escritos com Américo de O. Costa. O texto tornou-se mais uma exposição das obras do biografado e da importância desses escritos para a vida do autor do texto. Carlos Gomes também trouxe em seu escrito a recordação de outros sujeitos que compartilharam o mesmo espaço que Américo de O. Costa, em livrarias da cidade de Natal, e o amor pela literatura, apresentando uma característica marcante dos artigos do IHGRN e já mencionada diversas vezes neste trabalho.

Dessa forma, o texto de Carlos Gomes tornou pública a vida e a obra de mais um sócio do IHGRN que, para essa instituição, possuiu uma importância singular na construção da história do estado, influenciando diversos intelectuais e firmando seu nome na memória norte riograndense; claro que com certa ajuda do instituto ao qual estava vinculado. O autor do texto ainda trouxe trechos dos livros escritos pelo seu biografado e de forma breve, pois o artigo possui apenas quatro páginas, concluiu oferecendo uma pequena biografia sobre a vida de Américo de O. Costa:

[...] este cidadão do nordeste entrelaçou a cidadania de vários irmãos vizinhos, era macauense de 22 de agosto de 1910; filho do baiano Pedro Vicente da Costa e da potiguar Victória Petronilla Alves, casado com a pernambucana Josefa dos Santos Costa e seus filhos Pedro Américo, José Américo, Vitória, Paulo Américo e Carlos Américo, todos natalenses. Faleceu em Natal 1º de julho de 1996. Bacharel da tradicional Faculdade do Recife, turma de 1935, fundador da Faculdade de Direito de Natal, um dos fundadores da Aliança Francesa de Natal, foi também político, magistrado na condição de jurista e diplomata honorário. Recebeu inúmeras condecorações nacionais e estrangeiras. Enfim,

---

<sup>53</sup> Conforme apresentado em nota no próprio artigo, o autor é Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Academia de Letras Jurídicas do RN, Academia Macaibense de Letras, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Sócio da União Brasileira de Escritores do RN, Sócio do Instituto Norte-Riograndense de Genealogia e Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

um homem notável cujos demais atributos certamente serão destacados pelos demais participantes de sua convivência. Resta-me dizer da minha alegria em poder homenagear tão aclamado escritor como um preito de saudade e justiça. (REVISTA DO IHGRN, 2015. p. 104).

Encerrou seu artigo demonstrando a honra pelo poder lhe conferido de homenagear um sócio do IHGRN que fez história, tanto no instituto ao qual fez parte ao longo de tantos anos, como na educação do estado do Rio Grande do Norte. A vida desse sujeito percorreu não somente as memórias de Carlos Gomes e inúmeros outros alunos que conviveram com Américo de O. Costa, mas também dos leitores da Revista do IHGRN, que ajudou a eternizar a vida desse indivíduo através do seu impresso.

Observo que todos os sujeitos homenageados possuíam uma característica em comum: eram sócios do IHGRN. Além disso, percebo que dez dos onze artigos publicados nessa temática biográfica, dos quais quatro ainda serão analisados no próximo tópico dessa dissertação, apresentaram sujeitos que já haviam falecido e todos retrataram professores do sexo masculino. Desses professores que foram homenageados e já figuravam no quadro de sócios do IHGRN, no decorrer dos anos, apenas Ulisses de Gois e Américo de O. Costa escreveram artigos voltados à educação e apresentados no capítulo anterior. Ou seja, posso concluir que mais da metade desses sócios professores homenageados não escreveram sobre educação nas páginas da Revista do IHGRN e não expuseram suas pesquisas de área, especificamente, nesse material de circulação. Entretanto, todos são lembrados como excelentes docentes que fizeram a diferença para a história educacional norte riograndense e mereceram destaque no impresso do Instituto devido a sua importância para o setor da educação. No próximo tópico, analiso, especificamente, quatro artigos biográficos escritos por Raimundo Nonato, sócio do IHGRN que mais escreveu textos que narram a vida de professores na Revista do Instituto. Esse autor mereceu destaque nesse trabalho devido ao número de publicações e me auxiliou a compreender a relação entre a pessoa física, a função autor e o status de sócio do IHGRN. Raimundo Nonato, portanto, aparece nesse tópico como representante do grupo de sócios autores professores da Revista do IHGRN.

### **3.2 Raimundo Nonato e a escrita biográfica**

O IHGRN reunia em seus espaços físicos homens de ocupações consideradas prestigiosas, como advogados, jornalista e políticos norte riograndenses. Ao ler a ata de instalação do próprio Instituto, recordo, como já mencionei no início desse trabalho, que

muitos dos sócios fundadores eram *doutores*, sócios bacharéis em Direito, e *coronéis*, membros que ocupavam cargos no serviço militar (COSTA, 2017), portanto ocupavam um espaço de notoriedade na sociedade e, por esse motivo, figuravam nos lugares, inicialmente, destinados aos intelectuais. Os professores, que embora não recebessem os melhores salários, eram, perante a sociedade, figuras de representação de saber e atraíam respeito devido ao status de sua profissão, figuravam também no interior da Instituição e foram sujeitos dignos de homenagens ao longo dos anos de funcionamento da Revista do IHGRN, como já apresentei nas discussões anteriores.

Ao narrar a vida desses professores, os autores do IHGRN davam ênfase na trajetória de vida, na infância, geralmente, vivenciada no interior do estado, na busca por melhores oportunidades e no magistério como o espaço de realização profissional e intelectual, indicando que foi no mundo das letras e da cultura que esses homens se tornaram preenchidos e satisfeitos. Considero importante destacar que os autores que narraram a vida dos professores biografados nas páginas da Revista eram, em sua maioria, professores ou profissionais da educação, inseridos no âmbito educacional, seja por meio da sala de aula ou de um cargo político de administração da instrução pública. Um desses sujeitos foi Raimundo Nonato da Silva, que escreveu quatro textos biográficos sobre sócios professores do IHGRN e que ganhou destaque nesse tópico por representar exatamente a figura desses sócios-autores e professores representada pelo Instituto.

Raimundo Nonato da Silva, nascido na data de 18 de agosto de 1907, também possuiu uma trajetória de vida humilde. Viveu sua infância na cidade de Martins, situada no interior do estado do Rio Grande do Norte, como bem narrou em muitas de suas obras consideradas memorialísticas<sup>54</sup>, apresentando a riqueza de detalhes de uma região pobre, de uma infância precária e de sua vontade particular de mudar de vida. Em seu trabalho sobre a escrita de Raimundo Nonato, Hélia Costa Morais (2018) ressaltou que muitos dos textos apresentados pelo autor possuem características pessoais, ou seja, Raimundo Nonato costumava escrever sobre sua realidade e, portanto, dedicou-se em trabalhos escritos que privilegiassem esse modo de pensar. Logo, percebo que ao escrever sobre professores na Revista do IHGRN, esse autor carregou em seu texto um pouco de sua subjetividade, fazendo determinadas escolhas de abordagem que pudessem privilegiar a posição docente, profissão que esse ocupou desde os 18 anos de idade.

---

<sup>54</sup> Ver *Memórias de um Retirante* (NONATO, 1987); *Somando os Dias do Tempo* (NONATO, 1973).

Mesmo exercendo outras atividades ao longo da vida, como jornalista e jurista, Raimundo Nonato sempre esteve ligado ao setor educacional, desempenhando cargos públicos, como por exemplo a função de assessor do Diretor do Ensino Comercial no Rio de Janeiro, cidade que o abrigou ao final de sua vida, e Coordenador do Ensino Comercial no Rio Grande do Norte (CARDOSO, 2000). Além disso, Raimundo Nonato, também, dedicou-se a escrita, construindo uma vasta bibliografia que abarca temáticas históricas, biográficas, etnográficas e memorialísticas. Talvez seja por esse motivo que o autor tenha sido um dos sócios do IHGRN que mais se dedicou a escrever sobre as vidas dos docentes ditos ilustres.

Ressalto o primeiro artigo biográfico sobre professores, escrito por Raimundo Nonato para a Revista do IHGRN, intitulado *Professor Luiz Antônio: bravo lutador que não envelheceu os ideais* e publicado na edição referente aos anos de 1976-1977. Aqui, percebo que Raimundo Nonato contribuiu com a preservação da memória desse sujeito norte riograndense enquanto professor. Luís Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima nasceu em Assú, na data de 15 de setembro de 1890 e era conhecido entre seus colegas pela oratória e defesa de seus ideais, principalmente os políticos<sup>55</sup>. Ainda na infância, fixou-se em Natal por volta do ano de 1899 para continuar seus estudos e nessa cidade desenvolveu-se academicamente e profissionalmente. Foi aluno da primeira turma de professores da Escola Norma de Natal, em 1910, e passou a lecionar disciplinas de Química, Física e História Natural em colégios da cidade, entre eles o Atheneu Norte Riograndense, instituição de ensino demasiadamente recordada pela RIHGRN em seus escritos. Com o passar dos anos, Luís Antônio, também, formou-se em Farmácia, exercendo essa profissão até 1922, quando iniciou seu curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vindo a concluir em 1927, assinando a tese “*Higiene mental e educação*”.

Apesar do biografado ter sido considerado um famoso médico do estado do Rio Grande do Norte, Raimundo Nonato iniciou seu texto exaltando essa figura enquanto profissional da educação. Assim escreveu o autor:

[...] no panorama das letras norte-rio-grandenses ele deveria sempre ser chamado assim: Professor Luiz Antonio, por honra dos seus merecimentos como educador, pois embora tenha sido um grande humanitário médico, cujo consultório nunca bateu as portas aos que a ele recorriam, em horas aflitivas,

---

<sup>55</sup> As notas biográficas sobre Luís Antônio foram retiradas do artigo escrito em sua homenagem e publicado na Revista do IHGRN na edição referente aos anos de 1976-1977, bem como no livro *400 Nomes de Natal*, organizado por Rejane Cardoso (2000).

ele foi, sobretudo um mestre de gerações, um senhor da cátedra, aquele que, em verdade, se pode chamar de o Professor Ideal (REVISTA DO IHGRN, 1977, p. 135).

Após essas adjetivações, Raimundo Nonato traçou um panorama da atuação de Luiz Antônio nos âmbitos educacionais, públicos e científicos, assim como apresentou ao público a vasta formação educacional que seu biografado possuía, sempre ressaltando as qualidades desse sujeito entre um parágrafo e outro: “[...] homem forte, de ação rápida, era dos primeiros, na linha de frente quando o perigo ameaçava desabar” (REVISTA DO IHGRN, 1977, p. 139).

Embora tenha sido um médico reconhecido e tenha dedicado boa parte de sua vida ao campo da saúde, Luiz Antônio foi recordado pela Revista do IHGRN como um “ilustre” educador, quase vinte anos após o seu falecimento, em 10 de abril de 1961. A escolha de exaltar um aspecto desse sujeito veio através da escrita de Raimundo Nonato que, assim como o biografado, foi professor durante anos e carregava consigo esse amor pelo ensino; porém destaco que, assim como Raimundo Nonato, o IHGRN, enquanto instituição que respalda os escritos de seus autores, também possuía interesse em transmitir ao público de sua revista a imagem de um sócio conhecedor das letras e apaixonado pelo ensino, pelo prestígio ofertado aos profissionais da educação dentro daquele círculo de intelectuais vinculados aos Institutos Históricos e Geográficos.

Assim como os demais artigos publicados na Revista, o texto de Raimundo Nonato assumiu a característica principal do impresso, que venho apresentando desde o início deste trabalho em toda análise de artigo, que foi a de apresentar ao público sujeitos notáveis que mereceram figurar na memória do norte riograndense. Quando o autor escreveu sobre Luiz Antônio, ressaltando sua participação efetiva no ensino do estado, não deixou de apresentar tais indivíduos de igual relevância:

[...] professor normalista com aquela brilhante Primeira Turma da Escola Normal de Natal, que recebeu o título e o anel de grau, das mãos do Governador Alberto Maranhão — o mecenas Potiguar, em solenidade realizada no Palácio do Governo, em 4 de dezembro de 1910. Turma de notáveis professores, que por muitos anos seguidos foram figuras de relevo nas escolas do Estado, e que faziam parte: ele próprio, Luiz Antonio, Manuel Tavares Guerreiro, Severino Bezerra de Melo, Francisco Ivo Cavalcanti, Luiz Soares de Araújo, José Rodrigues Filho e Anfiloquio Carlos Soares da Câmara, além de várias professoras (REVISTA DO IHGRN, 1977, p. 138).

O ponto que destaco nesse parágrafo foi a citação de nomes masculinos, enquanto os nomes femininos ficaram ocultados na expressão “além de várias professoras”. Percebo que, assim como outros escritos publicados na Revista do IHGRN, a escrita de

Raimundo Nonato privilegiou um lugar de fala masculino, que pode ser observado, também, ao longo dos anos de funcionamento do impresso em outros artigos ali publicado e que ofertaram pouco espaço as mulheres que contribuíram com a educação no estado do Rio Grande do Norte durante as décadas transcorridas. Essas mulheres não receberam dos sócios do IHGRN, assim como, também, não foram recordadas pelo próprio Instituto, nos artigos de biografias que remetem ao ensino e aos grandes mestres que conduziram a educação no estado e foram citadas poucas vezes, em um parágrafo ou outro, mas majoritariamente esquecida.

Apresentar uma história da educação pelo olhar masculino foi uma opção adotada pelo IHGRN, viabilizada pela escrita de seus sócios que contribuíram com a formação de uma memória sobre a história da educação dentro do Instituto. A circulação desse material entre o público, direciona a visão dos leitores às ações desenvolvidas pelos homens ilustres da sociedade norte riograndense. Saliento que essa característica não foi comum apenas ao impresso do IHGRN, sendo comum no Brasil do século XX, como afirmou Jane Soares de Almeida (1998):

A imprensa periódica educacional, escrita e dirigida por homens, ignorava as diferenciações sexuais no ensino e referia-se aos professores e às professoras de uma maneira uniforme e nas contracapas dos jornais e revistas os primeiros eram retratados frequentemente, enquanto o mesmo não sucedia com as mulheres que trabalhavam como professoras (ALMEIDA, 1998, p. 122).

Apesar de não ser um periódico de abordagem somente educacional, a Revista do IHGRN priorizou os escritos de seus sócios homens, enfatizando a vida desses sujeitos que contribuíram com o desenvolvimento da educação no estado ao qual serviram, deixando para as mulheres um espaço secundário e quase inexistente. Vale ressaltar que um único artigo sobre educação escrito por mulheres, tendo como autoras Marta Maria de Araújo e Marlene da Silva Mariz, foi publicado na revista do IHGRN, referente aos anos de 1997-1999, e já analisado no capítulo anterior.

Aqui, cabe uma reflexão sobre o espaço de produção do texto e a submissão de Raimundo Nonato ao Instituto, como lugar que impõe determinadas ações, entendendo que o escrito pertence ao autor, porém o texto produzido e circulado pertence à Instituição. O IHGRN difundiu os artigos sobre educação, assinados pelos seus sócios, em grupos de intelectuais e sujeitos interessados em consumir a escrita historiográfica proposta pela Instituição, desse modo compartilhou entre os seus, imagens de sujeitos através de pequenas biografias. Ao comparar o IHGRN com os demais Institutos

Históricos, e ao julgar pela composição de membros do IHGB, instituto que viabilizou a criação desses outros espaços de construção cultural/intelectual, percebo que a maior parte dos grupos de consumo desse material era masculino. Raimundo Nonato escrevia através do IHGRN para outros homens, que possuíam status e vivência semelhantes e que poderiam se identificar com a proposta de escrita apresentada pela RIHGRN.

O impresso do IHGRN, além de construir uma imagem para si através da homenagem e representação de seus sócios por meio da escrita dos autores, propõem determinado modo de endereçamento, capaz de contribuir com a formação inconsciente de subjetividades específicas, como ressaltou Elizabeth Ellsworth (2001), que demonstrem a importância da Instituição, para a sociedade, através da figura desses sócios homenageados. Raimundo Nonato aparece, nesse aspecto, como um autor ligado à Instituição, seguindo determinada linha de construção historiográfica através da biografia e da homenagem ao sócio Luiz Antônio e que, embora, o autor apreciasse a escrita memorialística e biográfica, sua forma de escrita estava em consonância com os demais artigos apresentados até aqui, com adjetivos realçados, lembranças pessoais, destacando os nomes próprios de sujeitos considerados importantes pelo grupo de consumo da Revista.

O próximo artigo apresentado neste tópico, também escrito por Raimundo Nonato, foi publicado na revista referente ao ano de 1980. Intitulado *Luiz Soares, Educador exemplar*, o autor biografou brevemente a trajetória de vida daquele que viria a ser considerado o fundador do escotismo norte riograndense. Luís Correia Soares de Araújo, nascido em 18 de janeiro de 1888 em Assú, foi um educador reconhecido na história norte riograndense pela sua dedicação ao movimento de escoteiros no estado, que visava a educação dos jovens voltadas ao desenvolvimento de suas capacidades, incentivando a preocupação com o próximo e com o meio ambiente. Participou de diversas atividades voltadas ao âmbito educacional e contribuiu com a fundação da Associação de Professores do Rio Grande do Norte, vindo a falecer no dia 13 de agosto de 1967, em Natal (CARDOSO, 2000).

No decorrer de seis páginas, Raimundo Nonato relembrou a vida “pobre e humilde” de seu homenageado, ressaltando que, embora Luiz Soares protagonizasse amizade com inúmeros governos ao longo dos anos, não era com o interesse de obter vantagens, mas, sim, contribuir para a educação do estado, pois “[...] na verdade, Luiz Soares nada pedia para si, não era político, viveu e morreu pobre. Explicava apenas, naquele tempo, que nenhum empreendimento educacional, num meio pobre, poderia

esperar completo êxito sem a decisiva cooperação dos governos” (REVISTA DO IHGRN, 1980, p. 29). O amor pela educação foi recordado ao longo de seu texto, solidificando a ideia que o IHGRN passava através de seus artigos publicados, sobre a profissão docente ser um ato de entrega e carinho. Raimundo Nonato afirmou que a “vocação docente”, presente em Luiz Soares, o perseguiu por toda a vida, fazendo com que esse merecesse destaque nas páginas do impresso do Instituto.

A característica particular do artigo de Raimundo Nonato, que julgo aqui importante destacar, foi a descrição do Alecrim, bairro pertencente a cidade de Natal, como espaço importante para o desenvolvimento profissional e pessoal do seu biografado durante cinquenta e quatro anos. O autor iniciou seu relato com um questionamento, “Como era o Alecrim<sup>56</sup>, nos primeiros tempos?”, fazendo com que o público leitor de seu artigo se familiarizasse com o espaço percorrido por Luiz Soares, espaço esse que contribuiu com o desenvolvimento profissional daquele homenageado. Logo, descreveu detalhadamente o bairro do Alecrim:

[...] o bairro começava no Baldo, um reservatório das águas que desciam do Barro Vermelho, pela mata da Passagem. Daí, prosseguiram para o Oitiseiro, por dentro da Usina Elétrica, dirigida pelo mecânico alemão Johann Bragard, situada defronte da Santa Cruz da Bica. Poucas ruas e casas. Mais adiante, largas avenidas numeradas, repletas de mata-pasto e se prolongando, quase desabitadas, em direção ao Tirol. Existiam o Cemitério Público, inaugurado em 1856, o Isolamento da Piedade (Hospício de Alienados), cuja construção fora iniciada em 1882 e a Escola de Aprendizes Marinheiros, que principiara a funcionar em 1908. Com o tempo, foram chegando aos prédios a luz elétrica e a água encanada. A linha de bondes demorou um pouco. Candieiros e lamparinas iluminavam as casas. Quem não tinha poço ou cacimba no quintal tratava de obter água em chafarizes públicos, junto aos poucos cataventos (REVISTA DO IHGRN, 1980, p. 26).

Noto que o bairro, marcado na trajetória de vida de Luiz Soares, oferecia uma simples qualidade de vida aos seus moradores, pelo menos nos primeiros anos de desenvolvimento, na narrativa apresentada por Raimundo Nonato. Percebe-se que, possivelmente, algumas pessoas não possuíam água em casa, nem muito menos energia, sendo as casas, ali existentes, iluminadas por candieiros e lamparinas. Um bairro humilde, mas de grande relevância para a história da cidade de Natal, se relacionou, nesse artigo, com a vida simples do homenageado, de igual prestígio para a história da educação do estado do Rio Grande do Norte. Esse espaço não somente fez parte da vida de Luiz Soares,

---

<sup>56</sup> Alecrim é um bairro da cidade de Natal, localizado próximo ao centro da cidade. Durante o relato de Raimundo Nonato em seu artigo, nota-se o desenvolvimento urbano crescendo de forma lenta no bairro. Foi somente durante a Segunda Guerra Mundial que o bairro do Alecrim teve seu desenvolvimento acelerado e hoje é reconhecido como um bairro comercial.

como também de inúmeros sujeitos influentes recordados pelo autor do texto em um parágrafo extenso e detalhado sobre as ruas de residências desses homens, assim como seus nomes e as profissões, apresentando uma característica marcante dos escritos da Revista do IHGRN; nesse ponto, Raimundo Nonato, também, deixou transparecer sua preferência por escritas voltadas à memória. Finalizou sua descrição sobre o bairro ressaltando que seria esse o Alecrim “[...] dos dez primeiros anos de sua criação, o bairro que o professor Luiz Soares, educando gerações, viu diariamente, durante mais de meio século, crescer e progredir.” (REVISTA DO IHGRN, 1980, p. 28).

Levando em consideração o espaço de habitação de seu biografado, Raimundo Nonato segue narrando a vida de Luiz Soares nas últimas duas páginas de seu artigo, ressaltando seu patriotismo, que serviu a sociedade com suas ideias e trabalho, e as inúmeras atividades desempenhadas pelo seu homenageado ao longo dos anos. Finalizou seu texto com a frase que estampo logo no início desse capítulo, “[...] nunca poderão ser esquecidos os que fizeram da educação da infância e da juventude verdadeiro apostolado”, apresentando a importância de recordar a vida desse sujeito para a história da educação do Rio Grande do Norte.

Enquanto sócio do IHGRN, Raimundo Nonato seguiu com os objetivos propostos em Estatuto, de recordar os sócios falecidos e de prestar sua cooperação moral e material com o desenvolvimento do IHGRN, através de seu trabalho escrito e de sua inteligência. Fez isso através de suas breves biografias publicadas sobre os professores falecidos, contribuindo com a perpetuação da representação desses sujeitos, tecendo os fios da memória norte riograndense. Os artigos escritos pelo autor, dispostos a apresentar figuras importantes para se instalarem no panteão de educadores recordados pela Revista do Instituto, continuaram sendo escritos no decorrer dos anos em que Raimundo Nonato desenvolveu suas atividades de sócio. O Professor Vicente Almeida foi o terceiro biografado por esse autor, por exemplo. No breve artigo, que mais se assemelha a uma nota de falecimento, publicado na revista referente aos anos de 1992 – 1993, Raimundo Nonato intitulou seu texto da seguinte maneira: *Faleceu o professor Vicente de Almeida: um nome de alta categoria na Escola de Mossoró*. Já em seu título, o artigo deixou claro, para o público leitor, que a história narrada não seria sobre um simples professor, mas, sim, sobre um docente de grande prestígio dentro da cidade de Mossoró, município do Rio Grande do Norte, conseqüentemente uma figura de grande valor para o estado.

Raimundo Nonato iniciou seu texto com uma recordação pessoal do dia em que recebeu o aviso da morte desse professor que aqui homenageou, deixando, mais uma vez, transparecer sua preferência por uma escrita que valorizasse suas memórias individuais:

[...] hoje, 16 de junho de 1992, já na hora do entardecer, recebo um aviso telefônico do Dr. Carlos Borges, dando conta, em primeira mão, da notícia do falecimento do Professor e grande amigo, de mais de 50 anos de convivência e uma das figura mais brilhantes do Magistério Norte- Riograndense, egresso, em priscas eras dos rincões da Serra do Patu. O homem que agora desaparece dedicou toda a sua vida ao ensino da mocidade e foi o renomado Professor de Física e Química da Escola Normal de Mossoró, onde ingressou lá pelos idos de 1926 e cuja projeção intelectual ocupou largo estágio da vida social da cidade onde viveu por tantos anos (REVISTA DO IHGRN, 1993, p. 189).

Após essa recordação, o autor seguiu escrevendo uma breve biografia do Professor Vicente de Almeida, destacando seu trabalho de maior relevância, que seria a direção da Escola Normal de Mossoró, instituição de ensino responsável pela formação de professores primários. Outra característica ressaltada pelo autor sobre seu biografado, foi que, apesar de ter se formado em Farmácia e exercido o magistério, Vicente de Almeida possuía aptidões para a advocacia e ressaltou inúmeros momentos em que esse sujeito, fora dos seus horários acadêmicos, se fazia presente no cotidiano da cidade:

[...] o fato é que o Acadêmico Vicente de Almeida, fora das horas de aulas, sabia aproveitar seu tempo, e estava em toda parte. Lá um dia, aparece no Tribunal do Júri e ouve Evaristo de Moraes defendendo com veemência uma pobre prostituta. De outra feita, fura o cerco do Protocolo e sem convite penetra no Silogeu e assiste a uma sessão solene da Academia Brasileira de Letras. E como não bastasse lá está postado à porta do Supremo Tribunal Federal para presenciar a entrada do Ministro Espírito Santo Cardoso, que mesmo doente vinha votar e negar provimento a um pedido de habeas corpus impetrado contra o Poder Público (REVISTA DO IHGRN, 1993, p. 190).

Recordou com zelo e finalizou seu breve texto afirmando que, diante de tantos acontecimentos, o nome do Professor Vicente de Almeida jamais será esquecido na cidade de Mossoró. Ressalto que não será esquecido, também, na história do IHGRN, que viabilizou o reconhecimento desse sujeito, sócio do Instituto, entre o público de sua revista, através da circulação desse artigo.

O último texto biográfico sobre professores, escrito por Raimundo Nonato, muito se assemelha a uma nota de falecimento, sobre um docente, considerado pelo IHGRN, marcante à história do Rio Grande do Norte. Reitero aqui, portanto, que Raimundo Nonato foi o autor que mais escreveu pequenas biografias sobre professores já falecidos, nomeando quatro dos onze artigos sobre essa temática na Revista do IHGRN. Seu quarto e último texto, denominado *Professor Rodrigues Alves: o seu dia já estava marcado*,

também foi publicado na Revista referente aos anos de 1992–1993, logo depois da apresentação do artigo sobre o professor Vicente de Almeida.

Neste texto, Raimundo Nonato iniciou sua narrativa refletindo acerca da morte e da rapidez da vida humana, para logo em seguida anunciar o falecimento do professor Francisco Rodrigues Alves. Destacou o meio em que seu biografado estava inserido, como forma de apresentação da vida dura e cheia de dificuldades, vencida através de seu esforço particular:

[...] bem de raiz, egresso do território de origem, Rodrigues Alves foi uma mentalidade sertaneja que não se desvinculou das tradições orgânicas do meio onde nasceu e viveu alguns dos dias inesquecíveis da sua vida. O seu trabalho no rincão da terra adurente marcada pelas intempéries da seca e da fome, dos ajuntamentos dos eitos, dos currais, das tarefas dos roçados onde o tempo do trabalho era marcado pela duração do sol, foram elementos predominantes da sua meninice (REVISTA DO IHGRN, 1993, p. 191).

Com uma infância marcada pelo sol sertanejo e os problemas de uma vida simples, Rodrigues Alves logo mudou-se para Mossoró em busca de uma melhora na sua condição de vida e foi nesse município que se desenvolveu enquanto profissional da educação. Como professor, percorreu diversos municípios, os quais não foram citados no artigo, até chegar a lecionar na capital do estado ao lado de inúmeros docentes ilustres nomeados incansavelmente pelo autor do artigo<sup>57</sup>.

Devido a brevidade do texto de Raimundo Nonato, muitas informações acerca da vida desse professor foram deixadas de lado. Entretanto, os dados considerados relevantes, pela Revista do IHGRN, sobre a vida desse sujeito foram ressaltados, como por exemplo, seu círculo de amizade, sua influência no desenvolvimento da imprensa natalense, sua associação com o grupo político de Café Filho, presidente do Brasil entre os anos de 1954–1958, sua importância enquanto indivíduo para a história riograndense e sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Ressalto, portanto, que Revista do IHGRN mostrou, ao longo dos anos, a vida dos seus, homens que escreveram e fizeram parte da História.

---

<sup>57</sup> Os professores citados no texto foram: Antônio Fagundes, Alfredo Simonetti, Joaquim Coutinho, Clidenor de Freitas, José Saturnino, Joaquim Noronha, Acrizio Freire, José Fabrício, Honório Faria, Tobias dos Santos, Aparício Menezes, Paulo Nobre, Eliseu Viana, Abel Furtado, Dario de Andrade, João Alves de França, Oswaldo Rodrigues, Miguel Monteiro, Francisco Leite e Gilberto Cunha. Outros mais antigos como Luiz Soares, Gonzaga Galvão, Severino Bezerra, Manoel Varela, Nestor Lima, Ulisses de Gois, Anfilóquio Câmara, Alfredo Lyra, Clementino Câmara, Ezequiel de Souza, Padre João da Mata, Oscar Wanderley, Aprigio Câmara e Edgar Barbosa, Luis Antônio, João Tibúrcio e Teódulo Câmara. (REVISTA DO IHGRN, 1993, p. 192).

Raimundo Nonato, enquanto professor, autor e sócio, demonstrou em seus textos sua própria personalidade perante a escrita, quando deixou escapar, em uma linha ou outra, aspectos de suas memórias individuais. Entretanto, ao biografar os professores sócios do IHGRN, percebo que sua escrita estava ligada, também, à proposta do IHGRN de apresentação de seus membros ao público leitor da Revista, como forma de apresentação da instituição em si. Raimundo Nonato apareceu nesse trabalho como representante de um grupo de sócios professores e autores que estiveram, ao longo dos anos, submetidos ao *modo de fazer* da instituição ao qual estavam vinculados. Como bem ressaltou Roger Chartier (2014), o material impresso não está destituído de poder e, por mais que os autores assinassem o artigo, era a Instituição (IHGRN) que viabilizava a circulação e permitia determinada homogeneidade na construção dos textos. As biografias escritas por Raimundo Nonato e pelos demais autores sócios do IHGRN, embora apresentem pequenos trechos, enquanto táticas, que me permitem enxergar o autor, como sujeito, da escrita, são produtos do espaço em que foram construídas e possibilitadas e devem ser analisadas dessa forma.

Depois desses dois tópicos de apresentação e compreendendo os escritos como material produzido pela *mão do autor e a mente do editor*, fica o questionamento: Por que somente esses sócios foram homenageados enquanto figuras docentes de prestígio e exemplos para a mocidade potiguar, embora muitos outros professores existissem no quadro de sócios da Instituição? É preciso compreender que esses sujeitos possuíam importantes traços para a validação do discurso sobre a educação nas páginas do IHGRN e que essa importância era além da questão profissional. Esses homens possuíam características que agradavam ao IHGRN e, por esse motivo, foram fundamentais dentro deste processo de apresentação de um discurso voltado a educação, assim como foram sujeitos importantes que ajudaram a ofertar um rosto para a educação no estado. Mostrarei, a seguir, os traços comuns que eram ressaltados nos artigos da Revista e que fizeram o IHGRN selecionar esses homens como exímios docentes.

### **3.3 A vocação docente, a Instituição e os ditos professores ilustres homenageados**

Os docentes retratados anteriormente, contribuíram com a construção de uma história da educação dentro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte ao servir como rostos para a apresentação dessa área na Revista. Nesse espaço físico, eles construíram concepções acerca da educação que foram transpostas pela Revista do

IHGRN na medida em que autores os homenageavam como figuras importantes para o ensino estadual e traziam ao público seus modos de lidar com a educação durante a vida. Esses professores possuíam características que supostamente deveriam ser exaltadas em uma sociedade que estava em constante transformação, para que os valores não fossem perdidos no vai e vem de tantas mudanças. Desse modo, a Revista do IHGRN apresentou, com bastante saudosismo, a vida de homens, em sua maioria já falecidos, que se dedicaram ao ensino quase que de forma vital; e se assim não o fizeram, ao menos, foram lembrados dessa forma pelo IHGRN.

Destaco que a escrita biográfica fez parte do projeto historiográfico do IHGB, influenciando as instituições que o tomavam como exemplo a ser seguido, como foi o caso do IHGRN. Bruno Costa (2017) ressaltou que

[...] a partir do segundo volume da RIHGB, a agremiação adotara uma seção específica na revista para a publicação de biografias, intitulada *Brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes etc.*, cujo título modificou-se ao longo dos anos. A partir dessa seção e da publicação de outros gêneros biográficos, como necrológios e elogios históricos, constituiu-se uma espécie de panteão nacional, com raízes no período anterior a 1822. (COSTA, 2017, p.453).

Aqui, observo que a Revista do IHGB dedicou uma parte específica do seu impresso para o fim biográfico, diferenciando-se da Revista do IHGRN, que apresentou suas biografias soltas, em meio aos demais artigos apresentados, e com autores diferentes assinando os textos. Segundo Bruno Costa (2017), a publicação de biografias, elogios fúnebres ou necrológios era algo constante na Revista do IHGRN, somando um número relevante de textos que narram a vida dos homens. Entretanto, aqui me detenho somente naqueles artigos direcionados aos professores destacados pela própria Instituição como profissionais do âmbito educacional e que aparecem em forma de homenagens e elogios póstumos assinados pelo nome de algum autor. Considero importante diferenciar esses artigos assinados daqueles textos necrológicos que não possuem assinatura e são publicados na Revista como forma de narrar brevemente a trajetória de determinado sócio após o seu falecimento, possivelmente escrito pelo orador da instituição<sup>58</sup>.

Os artigos biográficos que possuem autores podem demonstrar a relevância de determinado sujeito para o IHGRN, pois não são somente notas ou menções simples, mas, sim, textos carregados de subjetividade, memórias pessoais e, até mesmo, pesquisa em

---

<sup>58</sup> Segundo consta no próprio Estatuto do IHGRN, no artigo 27, inciso II: compete ao orador da agremiação redigir o elogio histórico dos sócios que faleceram durante o ano social. Ver REVISTA DO IHGRN, 1927.

torno daquele indivíduo, além de trazer a notoriedade do nome próprio daquele que escreve e atribui certo status ao seu escrito através de sua assinatura. Como esses sujeitos desempenharam papéis considerados importantes para o estado, nesse caso interagindo dentro do setor educacional, educando a mocidade norte riograndense, foram recordados pela Revista através dessas homenagens como forma de reconhecimento pelo trabalho prestado.

Ao comentar sobre a biografia do sócio Vicente de Lemos, Bruno Costa (2017) ressaltou em sua tese que, “assim como nas comemorações, a ideia de gratidão estava associada diretamente às noções de dívida e de herança. Isso significa dizer que os norte-riograndenses do presente eram devedores ao conjunto de realizações políticas e intelectuais empreendidas por Vicente de Lemos no passado” (COSTA, 2017, p.456). Ou seja, ao trabalhar com as biografias, os sócios autores do IHGRN estavam prestando considerações aos trabalhos realizados anteriormente, nesse caso, aos professores que se dedicaram durante anos ao ensino, a pesquisa e ao estudo sobre a educação no Rio Grande do Norte.

O historiador Bruno Costa (2017), ainda afirmou que

[...] não bastava apenas evidenciar-se em alguma atividade relevante, em favor da nação ou do estado. O homenageado deveria pertencer também ao elenco dos confrades do IHGRN, destacando-se não só pelos seus pelos serviços prestados, mas pela sua elevada categoria social. Não é por acaso que o elenco dos membros do Instituto seja formado, majoritariamente, por nomes ligados à elite política e econômica do estado e da nação. (COSTA, 2017, p. 458).

Desse modo, observo que além do prestígio possivelmente oferecido a profissão docente, esses sujeitos escolhidos para serem biografados, também, estavam em consonância com os ideais do IHGRN e os artigos que narram suas vidas não foram criados despreziosamente. Todos os docentes homenageados eram homens e sócios do IHGRN, o que demonstra uma escolha cautelosa desses autores e da instituição a qual estavam vinculados. O IHGRN pretendia formar um grupo de docentes homens, com boa moral, possivelmente religiosos, para figurar nas páginas de seu impresso ao longo dos anos. O público teria acesso não só ao modo como esses docentes trataram a educação durante suas vidas, como também ao interior do IHGRN e a qualidade de seus colaboradores. Era a imagem da instituição sendo escrita e construída através da figura reconhecida desses professores.

Aqui, ressalto a importância do lugar de produção desse texto, que narra e impõe determinadas formas de escrita para serem apresentadas ao seu público, que nada mais

era do que uma extensão da instituição em outros espaços. Assim como afirmou Michel de Certeau (2006) é o próprio lugar de produção que autoriza o texto antes de qualquer signo possível, desse modo, o IHGRN contribui também com a produção dos artigos na medida em que possui suas próprias concepções acerca do que deve ou não ser trabalhado em seu impresso. Algumas semelhanças foram encontradas no modo como foi feita a apresentação da vida dos sujeitos biografados, as quais considero o ponto em comum entre os artigos apresentados. Ou seja, esse ponto em comum, para mim, significa a influência da instituição na escrita de seus autores, que dita determinadas escolhas e ressalta aspectos frequentes.

Uma característica apontada em alguns desses artigos foi a importância oferecida ao sentimento religioso dos biografados, como algo pessoal e positivo. O saudosismo ao passado tornou-se um terreno cômodo para a abordagem de assuntos que não estão mais em voga no momento da escrita ou já foram ultrapassados através de novos estudos e teorias. A religião, enquanto principal formadora da personalidade positiva do homem, foi perdendo espaço nos discursos educacionais, mas não deixou de figurar entre as linhas do impresso do IHGRN pelo menos até a década de 1980; após esse período observo uma diminuição dessa característica nos artigos da revista. Mas ressalto que destacar a moral religiosa desses sujeitos pode estar intrinsicamente ligada a dificuldade da instituição de aceitar as novas mudanças ocorridas pelo passar dos anos, mantendo sempre um ponto em comum com o passado do instituto, pelo menos por meio de seus sócios.

Iranilson Buriti de Oliveira (2002), em sua tese de doutorado, abordou um pouco sobre a trajetória de Gilberto Freyre, especificamente como a *família* era tratada em suas obras, e ressaltou que assim como muitos intelectuais do século XX, esse transitava em um período de mudanças, de perspectivas sociais e políticas, mas não era o único:

Freyre, é importante que se registre, não se constituiu no único intelectual que transita nesse ambiente de mudanças rápidas. Outros personagens caminhavam nesse cenário metálico, pois emergia, nessa década, uma vasta produção discursiva que circulava em jornais (Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, Jornal Pequeno), em revistas (Mauricéia, Revista do Norte, Dom Casmurro, A Pilhéria), em anais de congressos e de seminários, em romances e em livros, em torno do regionalismo, do modernismo e do nacionalismo. No entanto, cada um desses personagens vivia diferentemente as mudanças bruscas, entrava diferentemente nos espaços exclusivos de uma elite emergente (OLIVEIRA, 2002, p. 101).

O saudosismo de Freyre aos tempos da casa grande adveio de um período de mudanças rápidas e contribuiu com a forma regionalista que esse escreveu suas obras,

segundo Iranilson Buriti de Oliveira (2002). Assim, observo que nas Revistas do IHGRN, também, haviam sujeitos que viveram dentro desse período de mudanças e que esses homens abstraíram, de acordo com suas subjetividades, as transformações de formas diferentes. A Revista do IHGRN seria aquele instrumento unificador, que condessava os discursos, homogeneizava as ideias e publicava seus artigos, nomeados por autores diversos, com uma mesma função comunicativa. O público do IHGRN recebia uma revista organizada, que privilegiava certos assuntos em detrimento de outros e eram informados acerca da história do Rio Grande do Norte, assim como da educação norte riograndense, através do olhar dos sócios autores, como também, do próprio Instituto Histórico.

A escolha dos sócios homens como professores a figurarem nas páginas da Revista também não me passa despercebido. Sei que durante a primeira metade do século XX o magistério brasileiro passou por uma feminização crescente, na medida em que novas escolas eram construídas e a ideia republicana, de formação do cidadão através da educação, ia se expandido em todo o território nacional. Desse modo, havia mais demanda pelo ensino, consequentemente mais profissionais deveriam ser formados para fortalecer o sistema educacional em expansão. Neste contexto, as mulheres foram ocupando, paulatinamente, as escolas brasileiras e conseguiram seus espaços no sistema de ensino através de muita resistência e esforço, dentro de uma sociedade patriarcal que desvalidava seus discursos e tentava minimizar suas ações enquanto sujeitos de um processo histórico.

No IHGRN, embora essa feminização do magistério tenha sido crescente ao longo dos séculos XX e XXI, a percepção que os leitores encontraram no impresso do Instituto foi de escolas compostas por figuras masculinas e professores homens que construíram caminhos para a mocidade norte riograndense. Aqui, a figura do docente foi envolta de um prestígio, rico ao universo masculino, que elevava esses homens ao patamar de grandes estudiosos, reconhecidos por seus conterrâneos como indivíduos dotados de uma intelectualidade exacerbada. Como comenta Jane Soares de Almeida (1998):

Quando o magistério era uma ocupação ocasional que tomava menos tempo, podendo ser exercido conjuntamente com outras profissões, como médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, clérigos, e outras, representava um meio a mais para quem queria obter notoriedade e ampliar os ganhos, sem deixar de exercer sua ocupação principal. A profissão de professor propiciava uma certa visibilidade política e social que parecia ser cara aos homens e, com ela, poderiam exercer poder e influir nas esferas políticas (ALMEIDA, 1998, p. 67).

Desse modo, ao fazer uma busca sobre a vida dos sujeitos homenageados, me deparei com a realidade apontada por Jane de Almeida (1998), em que todos os professores biografados na Revista do IHGRN exerceram outras profissões ao longo da vida, não se dedicando exclusivamente ao magistério. Entretanto, foram lembrados no impresso do Instituto como “exímios professores”, devido ao prestígio atribuído a profissão e a notoriedade que essa informação traria para a Revista do IHGRN, quando seu público percebesse que tal impresso estava em mãos de tantos profissionais da educação. Para melhor identificação desses sujeitos e suas funções desenvolvidas ao longo dos anos, elaborei o quadro abaixo:

**Quadro VII – Professores homenageados nas Revistas do IHGRN (1948 -2015)**

<b>PROFESSOR HOMENAGEADO</b>	<b>FUNÇÕES EXERCIDAS</b>
Amaro Cavalcanti	Jurista; Político; Professor.
Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior	Advogado; Jornalista; Escritor; Professor.
Luiz Antônio Ferreira Souto dos Santos Lima	Médico; Professor.
Luiz Correia Soares de Araújo	Político; Professor.
Luiz Gonzaga do Monte	Padre; Professor
Henrique Castriciano de Souza	Jornalista; Político; Professor.
Vicente de Almeida	Farmacêutico; Professor.
Francisco Rodrigues Alves	Jornalista; Político; Professor
Augusto Guilherme Mesquitela Lima	Antropólogo; Escritor; Professor.
Ulisses de Gois	Jornalista; Professor.
Américo de Oliveira Costa	Jornalista; Promotor; Escritor; Professor.

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora a partir dos dados contidos nas Revistas do IHGRN.

Observo que, apesar das inúmeras funções desempenhadas pelos docentes, esses sujeitos foram recordados na Revista do IHGRN como professores marcantes para a história educacional do estado e embora a feminização do magistério tenha sido crescente ao longo dos anos, as mulheres foram “esquecidas” nesses artigos de honra, sendo citadas vez ou outra de forma coadjuvante ou quase inexistente.

É certo que o IHGRN presou pelo desenvolvimento social/cidadão dos norte riograndenses, assim como pelo progresso, palavra chave de uma instituição que nasceu no período republicano. Entretanto, velhos moldes patriarcais estiveram presente nessa instituição, a começar pela reunião de criação do Instituto realizada, somente, por figuras masculinas. A religiosidade de seus sócios e o exemplo de homens de família também

eram características expressas nesses artigos, as figuras masculinas sempre foram elogiadas. Com isso, não quero criar um clima antagônico entre homens e mulheres sócios do IHGRN, mas, sim, problematizar o espaço concedido a figura masculina dentro dessa instituição, de sua Revista, e conseqüentemente na memória do Rio Grande do Norte. Ora, será que não existiram mulheres professoras que merecessem tamanho espaço de reconhecimento na Revista do IHGRN? A resposta é sim, existiram!

Em 1928, o IHGRN recebia em seu quadro de sócios a sua primeira mulher, Isabel Gondim, escritora e *professora*, já octogenária, como afirmou Maria Arisnete Câmara de Moraes (2008). Hoje, no Instituto Histórico, estão presentes obras de sua autoria, inclusive digitalizadas no acervo virtual da instituição, ressaltando o pioneirismo de Isabel Gondim dentro da Casa de Memória. Entretanto, essa professora não recebeu um artigo póstumo, na data de seu falecimento em 1933, devido ao fato das escolhas da Revista do IHGRN exaltarem a permanência dos homens ilustres no topo da história educacional do Rio Grande do Norte. A figura de Isabel Gondim aparece de outra forma na revista e no acervo do Instituto, com suas obras e artigos, não remetendo a sua figura enquanto professora, mas, sim, como uma excelente escritora. As lembranças acerca das figuras docentes ficaram a cargo dos homens recordados pelo IHGRN de forma a exaltar o profissionalismo, o amor pelos alunos e a vocação pelo ensino.

A paixão pela profissão docente foi descrita sempre que possível nos artigos acima mencionados. A escolha pela docência como *vocação* foi algo comum entre os professores homenageados. Como observo, o artigo que fez uma homenagem a Amaro Cavalcanti, na edição de 1948-1950, o autor afirmou que seu biografado “[...] Regendo a cadeira de latim do Liceu, comissionou-o a presidência da Província na inspeção geral da instrução pública, onde pôde desenvolver os seus *pendores* de educacionista.” (REVISTA DO IHGRN, 1950, p. 93. Grifo meu). Ou seja, Amaro Cavalcanti mesmo seguindo outros caminhos durante sua vida, como mostrou o artigo de Nestor Lima, sempre esteve disposto a desempenhar seu principal papel, o de professor. No artigo sobre Luis Soares, na edição de 1980, o autor Raimundo Nonato mencionou que seu homenageado possuía “Uma notável *vocação* de educador, que se projetou pela vida toda.” (REVISTA DO IHGRN, 1980, p.25. Grifo meu). Na edição de 1987-1988, José Geraldo lembrou de seu biografado afirmando que “Educar é a *vocação* de Henrique Castriciano. *Nascera* para professor, chegara mesmo a exercer o magistério particular”. (REVISTA DO IHGRN, 1988, p.150. Grifo meu). Essas expressões são recorrentes nos artigos da Revista do IHGRN, assim como a de comparar a profissão docente com um

apostolado. Raimundo Nonato ao discorrer sobre o professor Luiz Antônio afirmou que esse foi “[...] um mestre de gerações, um *senhor da cátedra*, aquele que, em verdade, se pode chamar de o Professor Ideal.” (REVISTA DO IHGRN, 1977, p. 135. Grifo meu).

A conferência de um status vocacional a profissão docente emerge em nosso imaginário até hoje e foi algo construído no decorrer da história da educação no Brasil. A caracterização da profissão docente veio sendo observada desde os anos de 1930, como bem afirmou Amália Dias (2013). A autora ressaltou em seu trabalho que pós-1930 houve uma intenção por parte do governo vigente de controlar a educação, visando fortalecer a concepção de Nação adotada pelo Estado, fazendo com que o professor lecionasse visando a formação de um cidadão útil para a sociedade. Durante essa década em questão a Igreja Católica foi uma forte influência para as escolas e os projetos de ensino na medida em que buscava combater, assim como o governo, o fantasma do comunismo que pairava pela sociedade brasileira. Apesar da separação entre o Estado e a Igreja ter ocorrido antes do período republicano, a Igreja Católica continuou exercendo forte influência na vida dos cidadãos brasileiros, moldando suas subjetividades e conseqüentemente suas ações.

O trabalho do professor era visto como uma tarefa árdua, que requeria esforços daqueles que se dedicavam a ela, sem muitos ganhos econômicos, mas rica em prestígio. A educação reunia em torno de si homens e mulheres que eram chamados para exercer um trabalho dito vocacional, como sacerdotes do ensino, renegando, muitas vezes, a própria vida em prol da aprendizagem de seus alunos. Na Revista do IHGRN esses docentes, especificamente os homens, foram recordados em torno dessa áurea religiosa, que consagrou o docente ao trabalho penoso e merecidamente reconhecido, como apóstolos da educação. Amália Dias (2013, p. 123) apontou que

Apesar da “laicização” do sistema de ensino pela pretensa subordinação das diretrizes educacionais ao Estado, permaneceu vigente a identidade entre magistério e apostolado, revestida do aspecto cívico. Para além das iniciativas do governo, havia a participação ativa dos sujeitos da instituição em práticas que iam ao encontro da função do magistério de educar *devotamente* para a formação de “cidadãos”. (DIAS, 2013, p.123).

Foi justamente por esse “apostolado cívico” que os docentes homenageados do IHGRN foram recordados. A função social do professor seria a formação do indivíduo para a sociedade, para exercer seus deveres como cidadão patriótico, de acordo com a boa moral cristã. A influência da Igreja Católica pôde ser observada tanto nas características pessoais, apontadas nos artigos que fazem homenagens aos professores do IHGRN, como também pela equiparação do trabalho docente a uma vocação, um apostolado. Ainda em

outros artigos, mencionados no capítulo anterior, posso observar as congregações religiosas exercendo influência sobre a formação dos jovens norte riograndenses, através de suas escolas e seus métodos de ensino. Ou seja, o IHGRN cedeu espaço em seu impresso aos homens, de preferência cristãos, dando destaque especificamente ao trabalho docente como uma atividade prestigiosa, de valor social e moral, moldada nas concepções cristãs de amor, vocação, dedicação, entre outros termos que regeram essa profissão ao longo dos anos.

Assim, observo que a Revista do IHGRN, além de valorizar uma escrita historiográfica, trouxe ao seu público aspectos da educação norte riograndense através de artigos/estudos, como também através da imagem de seus professores ilustres, todos sócios da Instituição e, com isso, apresentou uma imagem do IHGRN para aqueles que liam a Revista do Instituto em busca de informações sobre os trabalhos produzidos no campo histórico e geográfico do Rio Grande do Norte. Entretanto, apresentou em sua totalidade, resquícios de uma sociedade patriarcal, de valorização da figura masculina, assim como uma sociedade patriótica e religiosa, que ainda era influenciada pelos ideais cristãos de boa moral e família, ressaltando o amor pela pátria e a importância dos bons hábitos de conduta, mesmo no decorrer de tantos anos, onde novas concepções de sociedade foram forjadas e novos desafios sociais vivenciados.

Desse modo, a pesquisa realizada no Instituto, assim como os artigos por ele expostos em sua Revista estavam articulados ao lugar que são produzidos e as pessoas que se debruçaram sobre eles. Entretanto, mais do que os autores, a instituição se mostrava presente na continuidade de uma linha de pensamento escrita e publicada por diversos sujeitos e em diferentes contextos. A escolha pela exposição dos professores homens demonstrou ser uma escolha institucional, tendo em vista que todos os sujeitos homenageados eram sócios do IHGRN, do que uma escolha puramente pessoal dos autores dos textos. Esses autores, como sócios da instituição, estavam submetidos a imposições e métodos cedidos pelo IHGRN, assim como ressaltou Michel de Certeau (2006) ao abordar o conceito de *lugar social*. Foi em torno do IHGRN que se construiu uma concepção de educação como formadora do cidadão norte riograndense, escrita pelos sócios autores que ofereciam seus nomes aos artigos publicados e autorizados pelo IHGRN. A instituição em si não podia escrever, mas os homens por ela formados podiam apresentar um pensamento em comum, que refletisse as concepções institucionais.

Além disso, ao apresentar esses homens como professores reconhecidos pelos seus colegas de profissão e alunos, a Revista do IHGRN contribuiu com a permanência

desses sujeitos no imaginário daqueles que possuíam acesso a esse material impresso. Os heróis da educação estiveram presentes no interior do IHGRN, concedendo notoriedade aos estudos ali realizados e demonstrando que tal espaço concebia determinado tipo de saber que poderia ser acolhido nos grupos de intelectuais do estado. Os artigos sobre esses professores também ofereceram, para mim, subsídios para compreender o IHGRN como instituição que controla o sentido. Quando compreendo o conceito de *modo de endereçamento*, proposto por Elizabeth Ellsworth (2001), ressalto que as revistas do IHGRN eram produzidas para alguém, para um público específico. Esse público receptor da revista não era a grande massa da sociedade norte riograndense, mas, sim, um grupo seletivo de homens e mulheres sócios dos institutos históricos ou de outras instituições culturais. Um grupo composto majoritariamente por sujeitos do sexo masculino, que justifica a recepção positiva dos artigos sobre outros homens considerados ilustres pelo IHGRN para a história da educação no Rio Grande do Norte. Eram homens que queriam ser lembrados, que preservavam as próprias memórias em uma sociedade que mudava constantemente, trazendo novas pautas e novas configurações sociais. Eram homens nostálgicos, que não queriam desaparecer nas poeiras dos arquivos, mas sim figurar no imaginário da população do estado como importantes figuras para a construção da história local.

Através desses artigos, impressos na revista e com o respaldo de uma instituição aceita pela intelectualidade regional e nacional, esses sujeitos, de fato, foram reconhecidos ao longo dos anos e adjetivados de forma positiva dentro da história educacional. Não foram esquecidos pelos seus e, embora alguns desses sujeitos não tenham se tornado populares entre a população em geral, foram recordados com o devido prestígio a qual a instituição supostamente julgou merecido. Ganharam homenagens, artigos e, hoje, receberam esse capítulo de minha dissertação voltado à eles. Fica claro para mim que os homens de status, inseridos em grupos seletivos de sociabilidade, contribuíram com o tecer dos fios da História, mais precisamente das suas próprias histórias. Se envolveram e deixaram-se mostrar através dos escritos de seus colegas, colocando-os como protagonistas de uma história coletiva, de uma história ainda em construção. Se fizeram presente, mesmo após a ausência de seus corpos em nossa sociedade, através da circulação dos sentidos impostos por um instituto que os acolheu, mas que também foi acolhido por eles. Uma troca entre uma instituição e uma pessoa física, entre aquele que oferece as ferramentas para a construção da narrativa histórica e

aquele que se faz personagem por meio da autoridade concedida pelo nome próprio de um autor.

Os autores dos artigos, mencionados anteriormente, contribuíram, através da homenagem aos professores sócios do IHGRN, com a validação de um discurso de que a docência é mais do que uma atividade profissional, é um dom, algo de valor vocacional, um apostolado de função social que ajudou a construir a nação brasileira ao longo de sua trajetória. Eles possivelmente contribuíram, também, com a construção de um ideário do professor homem enquanto herói da história educacional, deixando para o plano secundário as mulheres ou a feminização do magistério. Fizeram escolhas pautadas nos objetivos maiores do IHGRN, instituição a qual estavam intrinsecamente vinculados, mas deixaram suas marcas, sempre que possível, em uma revista que foi produzida pelo labor de suas pesquisas e disseminada pelos grupos aos quais estavam introduzidos.

Com isso, percebi ao longo desse estudo que os sócios autores responsáveis pelos artigos sobre educação estavam, também, preocupados em apresentar o IHGRN de forma positiva, através dos sócios professores que frequentaram a Instituição no decorrer de suas vidas. Os artigos sobre a temática educacional, além das biografias, ressaltavam as pessoas que contribuíam com a produção historiográfica do Instituto, as vidas e ações de homens que se dedicaram ao estudo da História do Rio Grande do Norte, por interesse pessoal ou por sentimento de dever coletivo. Além de levar em consideração alguns aspectos específicos como a importância do ensino religioso para a formação do cidadão, a profissão docente como um apostolado social e a relevância de determinados sujeitos para a História da Educação no estado. O IHGRN se mostrou através de um assunto que muitos consideram fundamental para o desenvolvimento de uma Nação, tornando-se, portanto, peça fundamental na construção da História regional e nacional, mostrando-se através das pesquisas de seus sócios, falando pelas vozes dos seus homens e existindo/resistindo ao longo dos anos.

## Considerações Finais

---

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, mais do que uma entidade cultural presente há 118 anos na realidade norte riograndense, foi porta de entrada para diversos intelectuais nas linhas históricas do estado. Além de escrever uma versão da História, o IHGRN também foi parte dessa história produzida, apresentado à sociedade suas representações e formas de enxergar o passado. Seus sócios e colaboradores contribuíram com o caminhar da instituição que os acolheu, mas também foram personagens dos escritos e das pesquisas realizadas e divulgadas pelo IHGRN. Pode-se afirmar que o Instituto, figurativamente, estendeu suas mãos para receber o conhecimento advindos de seus sócios na mesma medida que ofereceu materiais de reconhecido valor para a História do Rio Grande do Norte. Trouxe o passado ao presente, plantou a semente da memória e hoje preserva-se para que mais pessoas possam desfrutar de seus frutos no futuro.

Observar o IHGRN pela ótica da educação não foi uma tarefa tão simples, ainda se levo em consideração os poucos trabalhos produzidos na área sobre a temática e a falta de enxergar o IHGRN, enquanto espaço de construção de pensamentos, como um lugar de produção educacional. Meu trabalho não objetivou especificamente esse último aspecto, mas deixou em aberto inúmeras possibilidades de compreender tanto a Instituição quanto seus sócios dentro desse campo do conhecimento. Uma das minhas pretensões, ao longo dessa pesquisa, foi apresentar o IHGRN enquanto objeto de pesquisa na área que estudo atualmente, especialmente sua Revista, que pode ser tratada para além das pesquisas historiográficas; assim como seus sócios, figuras que participaram (e participam) ativamente da vida intelectual do Rio Grande do Norte, podem ser estudados através de suas redes de sociabilidade, que conectam tantas outras instituições educacionais.

Outros pontos ficam em aberto com a conclusão dessa dissertação, como a participação feminina no IHGRN, o cruzamento das instituições as quais os sócios do Instituto socializavam e construíam suas identidades e até mesmo a análise da Instituição enquanto espaço de produção e práticas educativas, especificamente. Pretendo retomar alguns desses pontos em trabalhos e artigos futuros, pois penso haver uma necessidade

de realização de pesquisas que priorizem os IHGs e apontem suas relevâncias para a história regional ainda nos tempos atuais.

Os Institutos Históricos espalhados pelo Brasil foram fruto da necessidade de fazer pesquisa e construir a História, tanto local quanto nacional. Tendo como base o IHGB, localizado no Rio de Janeiro, os IHGs se espalharam pelo país e contribuíram com a formação da memória local. Segundo Leonardo Alves, Adriana Oliveira e Leonardo Correa (2015) o Instituto Brasileiro não fora importante apenas para a busca e obtenção de documentos relacionados ao passado colonial do Brasil, mas também para a escrita da história do Segundo Reinado, criação dos primeiros moldes da produção historiográfica brasileira e, de certo modo, para o surgimento das ideias de nação e nacionalidade na mentalidade dos brasileiros. Se o IHGB fazia isso a nível nacional, os demais Institutos Históricos, de forma regional, organizavam documentos, forjavam as mentalidades e criavam suas representações em todos os estados do Brasil ao longo dos séculos XIX e XX.

Apesar dessa relevância e protagonismo na construção histórica nacional durante o período imperial brasileiro e os primeiros anos republicanos, os IHG's sofrem, hoje, um certo tipo de "esquecimento". Os sujeitos que antes eram reconhecidos por fazerem parte do Instituto e estampavam seus títulos de sócio como uma apresentação inicial de sua vida intelectual, hoje não são reconhecidos facilmente. Professores das universidades federais e estaduais figuram no quadro de sócios do IHGRN, mas quem são? A forma de se fazer pesquisa mudou e o IHG's, julgo, ainda representam no imaginário de boa parte das pessoas um velho modo de tratar História.

Embora possua seus anos dourados durante os séculos XIX e XX, os Institutos Históricos de todo o Brasil são, ainda hoje, arquivos vivos, espaços de construção de memórias e receptáculos das histórias e vidas de sujeitos considerados importantes através dos documentos, livros e objetos ali resguardados. Acredito ser comum, entre os pesquisadores dos Institutos, desenvolver um carinho singular pela Instituição a qual tomamos por objeto de estudo, influenciados, talvez, pela forma de conservação daqueles que por anos mantiveram de pé não só a estrutura física e material, mas também, a sensação de acolhimento e pertencimento ao lugar.

Os objetivos propostos no início da pesquisa, acerca da forma como o IHGRN apresentava a educação, foram sendo sanados ao longo do desenvolvimento desta dissertação. Tendo em vista que seus sócios, ao escreverem sobre o assunto, assumiam um papel de autores respaldados e influenciados pela instituição a qual estavam filiados

e, assim, falavam do espaço de construção dessa história quando remetiam seus estudos sobre a educação em si. Os autores promoviam o IHGRN através de seus sócios, da apresentação de como o Instituto tratava seus assuntos e acolhia pessoas consideradas ilustres para o corpo de filiados presentes ao longo dos anos. Além disso, os artigos sobre educação demonstravam que os sujeitos vinculados ao IHGRN já se preocupavam com o assunto, antes mesmo desse ser recorrente nas revistas do Instituto, e ressaltavam a importância de uma educação voltada aos valores cívicos, e as vezes religiosos, para o desenvolvimento do cidadão norte riograndense.

A História construída pelo IHGRN, escrita pelos sócios-autores, demonstrava aquilo que Michel de Certeau (2006) chamou de *produto de um lugar*: “Como um veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma ‘realidade’ passada” (CERTEAU, p. 73, 2006). Ao escrever sobre “nossa” história, os sócios autores objetivavam definir seus estudos como “historiográficos”, pertencentes ao grupo seletivo dos construtores da História, através de suas próprias representações. O trabalho, portanto, não era individual. Embora carregasse o nome daqueles que escreviam o artigo, a pesquisa era coletiva, pois englobava o sócio autor (*eu*) e o IHGRN (*nós*).

Desse modo, após toda a pesquisa realizada, concluí que os artigos sobre educação e a vida de professores considerados ilustres, eram formas de manter a memória do próprio IHGRN viva ao longo dos anos, através do impresso do Instituto. Os autores que escreviam sobre o tema provinham da área citada e exerciam funções em escolas, como professores ou, até mesmo, como funcionários da alta administração do estado, além dos sócios homenageados que receberam artigos biográficos e eram professores, funcionários públicos e figuras reconhecidas na sociedade intelectual norte riograndense. Foi através da Revista que o IHGRN construiu seu rosto e o apresentou ao público interessado, sendo esse público parte integrante dos quadros de sócios de outras entidades culturais que compartilhavam das mesmas posições e concepções do IHGRN.

A Revista do Instituto foi entregue ao público já estruturada, apesar de não possuir um projeto historiográfico definido, visando o mínimo de mudança entre o endereçamento e a resposta. Como bem definiu Elizabeth Ellsworth (2001), existe um lugar entre aquele que produz a mensagem e aquele que recebe. É por esse motivo que a Revista apresentava seus artigos fechados, unificando o pensamento do IHGRN, enquanto instituição, para a apresentação ao público. Não havia espaço para

problematizações ou dúvidas nos textos, o estudo histórico já foi feito pelos sócios autores e somente seu resultado era compartilhado. A palavra da Instituição valeria mais do que qualquer outra e os sócios cederiam seus nomes em prol da construção historiográfica.

O IHGRN, portanto, visou apresentar aquilo que considerava seu melhor lado: seus homens. Os sócios eram citados inúmeras vezes ao longo dos artigos, não somente os de caráter biográficos, mas em textos que abordavam a educação em seu aspecto geral (instituições, memórias, resumos), sendo mostrado ao público leitor que os sujeitos, sendo esses frequentadores assíduos do IHGRN, já participavam ativamente das mudanças históricas e sociais; além de escolher assuntos que visavam a apresentação do protagonismo norte riograndense frente aos acontecimentos nacionais, como foi o caso da primeira cadeira de latim em Caicó, a construção do Ateneu Norte Riograndense como escola de ensino secundário, a vida e ação de Henrique Castriciano frente ao ensino feminino, entre outros assuntos abordados na Revista.

Percebo que o modo de representar a educação, por meio de memórias pessoais, instituições de relativo prestígio social e a importância atribuída ao desenvolvimento cívico e social do ser humano, foram os traços escolhidos pela instituição para construir o conceito de educação ao longo dos anos. A escola tradicional, assim como os pensamentos acerca da figura do docente enquanto apóstolo, constituído de um dom singular em relação ao ensino, foram aspectos levantados na maioria dos artigos escritos pelos sócios autores do IHGRN. Embora a Revista tenha abarcado inúmeros anos e, conseqüentemente, período distintos da sociedade, consegui observar determinado padrão no modo de tratamento do tema, englobando as características acima citadas. Concluo que esse padrão esteve vinculado ao que Michel de Certeau (2006) ressaltou como *lugar social*, espaço de articulação da pesquisa histórica que carrega suas próprias características, e ao que Roger Chartier (1999) denominou como materialização do texto, suporte que unifica as ideias e conceitos mesmo que haja a desmaterialização do escrito. A Revista seria a materialização que unifica as ideias expostas pelo IHGRN ao seu público leitor através de significações/representações pré-concebidas de seu lugar social.

Considero importante destacar que o poder esteve relacionado ao âmbito educacional desde os primórdios, sendo o setor mais influenciável pelas tomadas de decisões dos governos/sistemas vigentes. Como afirmou José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler (2008), ainda no Império brasileiro, os debates acerca da escolarização, da legislação e aparato técnico educacional e da criação de redes de poder que desenvolvessem políticas para a afirmação da necessidade da escola foram sendo

disseminados em todo o país. A educação foi um meio de organizar a sociedade brasileira de acordo com os objetivos propostos pelos sujeitos à frente da administração e como esses indivíduos, muitas vezes, advinham de famílias de prestígio, a educação por muito tempo esteve voltada aos interesses dessa parcela social.

Embora as mudanças ocorressem ao passar do tempo, destaco que o IHGRN, com suas bases metodológicas influenciadas pelo IHGB, manteve sua forma de apresentar a educação em sua Revista de forma padronizada ao longo dos anos, através das características já citadas anteriormente. Claro que durante mais de 100 anos de funcionamento o IHGRN sofreu certas modificações em sua forma de tratar determinados assuntos e isso transpareceu nos últimos artigos publicados, que levaram em consideração os estudos africanos, as novas problematizações frente ao ensino colonial e o modo de se fazer pesquisa no Brasil. Entretanto, a Revista seguiu sendo um unificador dos assuntos tratados pelos sócios autores, priorizando as instituições antigas e de prestígios, a figura do professor como formador de personalidades úteis para a sociedade e, acima de tudo, os sujeitos, sócios do IHGRN, que contribuíram para o desenvolvimento do setor educacional no Rio Grande do Norte.

Esse sentimento de unificação nada mais foi do que a seleção de determinadas características na forma de escrita dos textos. O IHGRN, mais uma vez, demonstrou ser a estrutura que unia o autor e o texto, o sujeito e a instituição. Ou seja, os sujeitos retratados nos artigos, assim como os textos não biográficos, possuíam as características que os autores, enquanto indivíduos vinculados ao Instituto, escolhiam apresentar. Por exemplo, a generalização ocorrida entre os biografados, como homens ditos ilustres, bons cidadãos e figuras necessárias na vida pública do estado, eram escritas em prol da apresentação do IHGRN, enquanto entidade relevante para a construção da História Regional, representada pelos seus homenageados.

Sendo assim, compreendo que as práticas educativas não são neutras, as formas de apresentação e representação da educação em determinados espaços possuem suas próprias metodologias e ressaltam aspectos diferentes de acordo com o ponto de vista da instituição ao qual estão vinculadas. Os autores são, como Roger Chartier (2014) expusera, peças fundamentais na história da materialização dos escritos, porém, muitos deles, são elementos inseridos em estruturas de poder, tal qual Michel de Certeau (2006) ressaltou, submetidos à ordem vigente de uma instituição e por esse motivo falam de si e do outro, na mesma medida que escrevem sobre seu lugar social. Eu, ao escrever sobre o IHGRN, modifico a sua história na medida em que me deixo ser modificada por ele.

Concluo essa dissertação sabendo que fui influenciada, tal qual os sócios do IHGRN, pelo meu lugar social e de produção, assim como meu olhar singular e minhas subjetividades advindas dos meus espaços de sociabilidade. Concluo sabendo que a pesquisa não foi totalmente individual, mas carregada dos 118 anos de história de homens e mulheres que forjaram a história norte riograndense e que hoje me acolhem em seu grupo seletivo.

## Referências

---

### *Fontes.*

- ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano de Souza: um reformador social. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 80, p.145-152. 1988.
- ARAÚJO, Marta Maria de; MARIZ, Marlene da Silva. A Escrita da História da Educação do RN nas Revistas do IHGRN. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 88, p. 63-73. 1999.
- AUGUSTO, José. A Cadeira de Gramática Latina na Villa do Príncipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 37, p. 37-44. 1940.
- AUGUSTO, José. Tavares de Lyra e a Reforma do Ensino Público. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 52, p. 30-47. 1959.
- CÂMARA, Adauto da. Ateneu Norte Riograndense: reminiscências 1909-1916. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 51, p. 5-44. 1954.
- COSTA, Américo de Oliveira. A Música e a Escola Natalense. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 54, p. 104-118. 1961.
- COSTA, Américo de Oliveira. Cinquenta Anos da Liga de Ensino. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 54, p. 152-157. 1961.
- FAGUNDES, Antônio. O Ensino no Rio Grande do Norte: subsídios para sua história. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 53, p. 47-53. 1960.
- FAGUNDES, Antônio. O Colégio Santo Antônio: reminiscências. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 54, p. 20-36. 1961.
- GÓIS, Ulisses de. O Ensino Comercial em Natal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 54, p. 78-86. 1961.
- GOMES, Carlos Roberto de Miranda. Ao Mestre Américo com Carinho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 90, p.101-104. 2015.
- LIMA, Josué de Oliveira. Alferes Ulysses de Goes. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 87, p. 67-69. 1996.
- LIMA, Manoel Jácome de. Instrução Pública em Martins. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 55, p. 59-66. 1963.
- LIMA, Nestor. Amaro Cavalcanti: como o vê e julga um antigo servidor do estado no setor da educação. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 47, p. 87-109. 1950.
- MEDEIROS, Carlos Borges de. Aspectos da Educação no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, n. 70, p. 33-64. 1980.

MEDEIROS, Tarcísio. Síntese Histórica da Educação no Rio Grande do Norte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 67, p. 173-193. 1975.

MEDEIROS, Tarcísio. Há 50 anos, com os Maristas em Natal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 72, p.115-120. 1980.

NONATO, Raimundo. Professor Luiz Antônio: bravo lutador que não envelheceu nos ideais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 69, p.137-140. 1977.

NONATO, Raimundo. Faleceu o Professor Vicente de Almeida: um nome de alta categoria na Escola de Mossoró. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 85, p. 189-190. 1993.

NONATO, Raimundo. Professor Rodrigues Alves: o seu dia estava marcado. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 85, p. 191-193. 1993.

NONATO, Raimundo. Luiz Soares, Educador Exemplar. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, n. 70, p. 25-30. 1980.

RABELO, Luiz. Um Professor a Quem se Tirar o Chapéu. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 78, p.127. 1986.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal, v. 1, n. 1, 1903

ROMANO, Luis. Professor Mesquitela Lima: nossas saudações. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 87, p. 96-100. 1996.

SOUZA, Itamar de. A Educação Pública do Rio Grande do Norte no Governo do Interventor Mário Câmara. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 90, p.119-125. 2015.

SOUZA, Itamar de. Os Primórdios da Educação no Rio Grande do Norte: período colonial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 93, p. 9-22. 2016.

VICENTE, João. Conde de Afonso Celso: professor de brasilidades. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 53, p. 97-100. 1960.

### *Bibliografia*

ALBURQUERQUE JR., Durval Muniz de. Violar Memórias e Gestar História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALVES, Leonardo de Carvalho; OLIVEIRA, Adriana P. de; CORREA, Leonardo S.. A importância do IHGB para a formação da memória nacional e a ideia de uma nação brasileira. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO DA FACIG, 1., 2015, Igarassu. *Anais [...]*. Igarassu: 2015. p. 1-7

- AMATO, Rita de Cássia Fucci. *Breve Retrospectiva História e Desafios do Ensino de Música na Educação Básica Brasileira*. Revista Opus, São Paulo, v. 12, n. 12, p. 144-166, dez. 2006.
- AZEVEDO, Wadna Lira de. *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: uma visão historiográfica entre 1914 e 1947*. (Trabalho de conclusão do curso de História) – UFRN, Natal, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BUENO, Almir de Carvalho. *Visões de República: ideias e práticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)*. Natal: EDUFRN, 2016.
- CARDOSO, Rejane. *400 nomes de Natal*. Natal: Prefeitura de Natal, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do Livro: Do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (Org.). *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Ática, 1998
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. História Cultural do Autor e da Autoria. In: FAULHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (Org.). *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2012. p. 37-64.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHARTIER, Roger. *O que é um autor?: Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- COSTA, Bruno Balbino Aires da. “A Casa da Memória Norte-Rio-Grandense”: O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do lugar do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902 - 1927). 590 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- CRUZ, Giseli Barreto da. *O curso de pedagogia no Brasil na visão de pedagogos primordiais*. 2008. 302 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- DIAS, Amália. Apostolado Cívico: a função social do magistério de ensino secundário (1931-1942). *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 113-134, jul. 2013.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FARGE, Arlete. *O Sabor do Arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

IGLESIAS, Francisco. A Pesquisa Histórica no Brasil. *Revista de História*, [s.l.], v. 43, n. 88, p. 373, 17 dez. 1971. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1971.131199>.

LIMA, Maria Luzinete Dantas. *Auta de Souza e Henrique Castriciano, irmanados na vida e na poesia*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-BRASIL, 30., Anais. Recife: 2019. p. 1-17. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1549101581\\_ARQUIVO\\_Artigo\(REVISADOEDENTRODASNORMAS\).pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1549101581_ARQUIVO_Artigo(REVISADOEDENTRODASNORMAS).pdf). Acesso em: 20 mar. 2020

LIMA, Nestor. As cinco sédes do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 37, p. 18-24, jul. 1940.

LOPES, Bruna Rafaela de Lima. A trajetória intelectual do padre Luiz Gonzaga do Monte (1919-1944). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS: ENSINO, DIREITOS E DEMOCRACIA, 13., 2016, Santa Cruz do Sul. *Anais [...]*. Rio Grande do Sul: 2016. p. 1-17.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE, Mary Del. (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LYRA, Carlos (coord.). *Memória Viva de Américo de Oliveira Costa*. Natal: EDUFRN, 1998.

MELLO e Souza, A. J. de M. e S., & Camara, J. S. R. da. (2010). Lei nº 249, de 22 de novembro de 1907. *Revista Educação Em Questão*, 39(25). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4024>.

MENEZES, Karla. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte entre 1902 e 1907. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 88, p.11-29. 1997.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de; OLIVEIRA, Caio Flávio Fernandes de. *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – história e acervo*. Natal: DEI, 2005.

MORAIS, Hélia Costa. *A “gaveta da história”*: cultura histórica e geográfica na escrita de Raimundo Nonato da Silva (1980-1990). 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro. *Educação & Linguagem*, São Paulo, n. 18, p. 84-106, ago. 2008.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII-XVLII. Tradução de Yara Aun Khoury autorizada pelo editor.
- NUNES, Iran de Maria Leitão. *Os Irmãos Maristas na Educação do Maranhão (1908-1920)*. In: Congresso Brasileiro da História da Educação: história e memória da educação brasileira, 2., Anais. Natal: 2002. p. 1-19.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 421-461, 2003.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. *Façamos a família à nossa imagem: A Construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. 2002. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008
- RODRIGUES, Andréa Gabriel F.. *Educar para o lar, educar para a vida: cultura escolar e modernidade educacional na escola doméstica de natal (1914 - 1945)*. 2007. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007
- RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- SANTOS, Eleni Nogueira dos. *As formas dramáticas do cômico e do trágico em La Celestina*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Língua Espanhola, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. *Formando profissionais do comércio: uma análise do ensino comercial brasileiro na era vargas (1930-1945)*. In: XIII Congresso Estadual de História da ANPUH-RS: Ensino, Direitos e Democracia. 2016, Santa Cruz do Sul. Anais. p. 1-15.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231 – 269.
- SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. Uma maldita massa de concreto: as metáforas do câncer e as ressonâncias de um corpo deformado. In: SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; ANDRADE, Vivian Galdino de (org.). *Escritas do sensível: experiências, história cultural e práticas educativas*. experiências, história cultural e práticas educativas. João Pessoa: Ideia, 2018. p. 251-277.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; NETO, Juscelino Pereira. Os Jesuítas e a Educação no Programa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839). *Cadernos De História Da Educação*, v. 9, n. 2, p. 397-411, fev. 2010.